

RIBEIRÃO DA ANTA

Resgate histórico de uma comunidade
tradicional cabocla de Tapiraí - SP



Maurilo Casemiro Filho

Agradecemos a todos que gentilmente nos cederam fotos de seus arquivos pessoais para ilustrar esta publicação. Também queremos agradecer aos entrevistados pelas informações compartilhadas. Elas foram fundamentais para realizarmos com êxito o objetivo de fazermos um resgate histórico e documental da Comunidade Ribeirão da Anta. A todos, o nosso muito obrigado.

FICHA TÉCNICA

Esta publicação, realizada por Maurilo Casemiro Filho, da Resolve Consultoria, contratada pelo Legado das Águas, tem o objetivo de fazer o resgate histórico e documental da Comunidade Ribeirão da Anta, localizada em Tapirai, SP

Coordenação: David Canassa e Frineia Rezende

Mobilizador social e relator: Maurilo Casemiro, da Resolve Consultoria

Revisão de Conteúdo: Simone Conte, Mayara Neme Mira e Nayele de Freitas Guidetti

Revisão final e coordenação editorial: Kamilla Lopes

Editor: Dante Grecco

Revisão: Cilene Barros

Diagramação: Rafael Agostinho

Ribeirão da Anta



4



Árvore genealógica da família da Comunidade
Ribeirão da Anta. Apresentação na Câmara
Municipal de Tapiraí, em 12 de agosto de 2016



MUNICÍPIO DE TAPIRAÍ
ESTADO DE SÃO PAULO

R. Augusto Moritz, 305 • CEP 18180-000 • (15) 3377-4800
www.tapiraí.sp.gov.br • CNPJ 46.634.465/0001-03

DECRETO Nº 027/2016
DE 10 DE AGOSTO DE 2016.

"Dispõe sobre a homologação da decisão do Conselho de Cultura do Município de Tapiraí."

ARALDO TODESCO, Prefeito Municipal de Tapiraí, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO o que dispõe o § 1º, do art. 216, da Constituição Federal, o Poder Público com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

DECRETA:

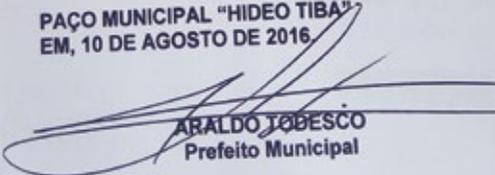
Art. 1º. Fica homologada a decisão do Conselho de Cultura do Município de Tapiraí, datada de 09 de agosto de 2016, que em audiência pública realizada na Câmara Municipal de Tapiraí reconheceu o Bairro Ribeirão da Anta e sua Comunidade como Patrimônio Cultural Imaterial de Tapiraí, na categoria de Comunidade Tradicional.

Art. 2º. Que o presente reconhecimento seja referência e garantia da preservação da sua continuidade histórica, e de sua relevância municipal e regional para a memória, a identidade e formação da sociedade Tapiraíense.

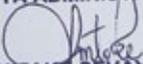
Art. 3º. Após a inscrição no corresponde livro da Divisão Municipal de Cultura, que atenda o art. 12, da Lei Municipal 1.973, de 28 de setembro de 2015, e seja entregue o "TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DE TAPIRAÍ".

Art. 4º. O presente decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL "HIDEO TIBA"
EM, 10 DE AGOSTO DE 2016.


ARALDO TODESCO
Prefeito Municipal

REGISTRADO E PUBLICADO NESTA ADMINISTRAÇÃO NA DATA SUPRA.


LÍDIA KEIKO KUNITAKE SEVAYBRIKER
Secretária Municipal de Governo



LEGADO
DAS ÁGUAS
RESERVA VOTORANTIM

Uso sustentável e conservação ambiental

O Legado das Águas - Reserva Votorantim é uma área protegida corporativa com 31.847 hectares (equivalente a 318 km²). Criado em 5 de junho (justamente no Dia Mundial do Meio Ambiente) de 2012 pela Reservas Votorantim, empresa do Grupo Votorantim, está situado no bioma da Mata Atlântica, no vale do rio Ribeira do Iguape, no Estado de São Paulo, e abrange terras dos municípios de Tapiraí, Juquiá e Miracatu. Localizado no interior da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Mar, em sua Zona de Vida Silvestre, o Legado das Águas Reserva Votorantim tem como vizinhos, a leste, os Parques Estaduais de Jurupará e da Serra do Mar e a oeste, o Parque Estadual de Carlos Botelho. Toda essa área é uma Reserva Ambiental do Grupo Votorantim destinada à proteção da paisagem e dos ecossistemas da Mata Atlântica, rios e represas, ao uso sustentável dos recursos naturais e ao ecoturismo, recreação, pesquisa e educação. Em 1991, a região onde está inserido o Legado das Águas - Reserva Votorantim - APA Estadual da Serra do Mar - foi elevada à condição de Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Treze anos depois, em 27 de maio de 2004, o Ministério do Meio Ambiente, por meio da Portaria nº 126, passou a considerar a região como de alta prioridade para proteção.

Junto com os Parques Estaduais do Jurupará, Carlos Botelho, Intervalos, Turístico do Alto Ribeira, Caverna do Diabo, Rio Turvo, Lagamar de Cananéia e da Serra do Mar, o Legado das Águas - Reserva Votorantim tem como missão proteger os remanescentes mais significativos de Mata Atlântica do Estado de São Paulo e do Brasil. Além disso, conforme compromisso firmado pela Votorantim com o governo do Estado de São Paulo, o Legado das Águas - Reserva Votorantim está sendo preparado para operar como uma área de

uso sustentável de ecossistemas e como reserva ambiental, oferecendo à população local, aos turistas, veranistas, visitantes e funcionários do Grupo oportunidades para apreciar a natureza e aprender com ela, bem como usufruir de atividades de recreação de baixo impacto compatíveis com as boas práticas de uso sustentável e de conservação ambiental.

Alinhada à sua política ambiental corporativa, o Grupo Votorantim pretende transformar o Legado das Águas - Reserva Votorantim em relevante atrativo do Vale do Ribeira do Iguape e, dessa forma, também contribuir por meio de sua operação para o desenvolvimento regional.

A área de influência direta do Legado das Águas - Reserva Votorantim, em sua dimensão socioeconômica, é composta pelos municípios de Tapiraí, Juquiá e Miracatu, tendo ainda como vizinhos imediatos os municípios de Piedade, Ibiúna, Pedro de Toledo e Juquitiba. Sua área de influência direta da dimensão ambiental incorpora as bacias hidrográficas drenantes às represas das Usinas Hidrelétricas Barra, Porto Raso, Alecrim e Serraria. A área de influência indireta de ambos compreende a bacia hidrográfica do rio Ribeira do Iguape, por ela possuir uma identidade geográfica, cultural e turística, além de um conjunto expressivo de áreas protegidas com potenciais e conflitos muito semelhantes¹.

8

O Legado das Águas - Reserva Votorantim está sendo preparado para operar como uma área de uso sustentável de ecossistemas e como reserva ambiental, oferecendo à população local, aos turistas, veranistas, visitantes e funcionários do Grupo oportunidades para apreciar a natureza e aprender com ela

Manutenção do patrimônio cultural e das práticas tradicionais

O papel da reserva ultrapassa as questões ambientais e envolve também o desenvolvimento da comunidade inserida na área. Portanto, um de seus objetivos é promover benefícios econômicos e sociais à região por meio do acesso sustentável aos recursos naturais, viabilizando projetos econômicos de

1 Conservação Internacional do Brasil



foto: Luciano Candisani

geração de renda. Assim, ações para a manutenção do patrimônio cultural e das práticas tradicionais, capacitação e uso de mão de obra local e atividades voltadas ao desenvolvimento econômico, sempre respeitando a proteção da natureza, são aspectos fundamentais para a estratégia a ser desenhada para a região².

É justamente na perspectiva de “manutenção do patrimônio cultural e das práticas tradicionais” que o Legado das Águas – Reserva Votorantim marca presença junto à comunidade Ribeirão da Anta, que está localizada dentro do Legado das Águas – Reserva Votorantim, dialogando³ com seus moradores.

Desde os primeiros estudos na direção da criação do Legado das Águas esteve muito presente o reconhecimento, a consideração e o respeito à história, à cultura e à tradição do casal composto por Gumercindo Alves da Silva e Mariana, além de seus descendentes formados por filhos, netos e bisnetos.

Como você poderá conferir nas páginas que compõem esta publicação, o objetivo deste trabalho foi elaborar um resgate histórico e documental da Comunidade do Ribeirão da Anta, desde a chegada de seus primeiros moradores, na década de 1940, justamente seu Gumercindo e dona Mariana, até os dias mais recentes. Nesta longa trajetória com cerca de sete décadas procuramos reconhecer e valorizar alguns dos principais aspectos culturais, econômicos e sociais marcaram a trajetória desta população. Com muita pesquisa, conversas e entrevistas com os descendentes dos bravos pioneiros a ocupar a região hoje conhecida como Ribeirão da Anta, conseguimos recuperar um pouco da história dessas valentes famílias, que, com esforço, suor, trabalho e muita dedicação, conseguiram criar ali uma importante comunidade. Por meio dos textos e relatos a seguir, é possível conhecer um pouco sobre os hábitos, os costumes e as crenças dessas pessoas que, como verdadeiros sertanejos, resistiram e superaram grandes dificuldades. Este livro é uma homenagem a todos eles.

10

2 Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio)

3 “As atividades de quaisquer empresas do porte da Votorantim em uma região como esta irá demandar um conjunto de processos e ferramentas de diálogo com as diferentes esferas do poder público, outras empresas, fazendeiros e os diferentes grupos sociais envolvidos, especialmente os Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares.” Funbio. Documento Cadeias Produtivas - Bruno de Carvalho Filizola - Brasília, p. 11

Desde os primeiros estudos na direção da criação do Legado das Águas esteve muito presente o reconhecimento, a consideração e o respeito à história, à cultura e à tradição do casal composto por Gumercindo e Mariana

Conheça algumas empresas e organizações que, contatadas pelo Legado das Águas - Reserva Votorantim, conheceram as realidades da Comunidade, ratificando as condições necessárias que a caracterizam como Tradicional.

Comunidades Tradicionais

No Legado das Águas - Reserva Votorantim são encontradas duas comunidades caipiras tradicionais, destacando-se, por seu histórico, as de Ribeirão da Anta e Vila Verde.



Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) / 2015 –Documento: "Diagnóstico das condições atuais e potenciais da cadeia de turismo, dentro e no entorno da Reserva Legado das Águas, área composta por três municípios (Juquiá, Miracatu e Tapiraí) da região do Vale do Ribeira, com o intuito de promoção desta cadeia no território". Gustavo Fraga Timo

11

Gustavo Fraga Timo,
consultor da Funbio, em
visita à Comunidade





Reunião com a Comunidade

Cadeias de interesse de Povos e Comunidades Tradicionais

Os povos e comunidades tradicionais e agricultores familiares (PCTAFs) são o público-alvo prioritário de projetos de promoção de cadeias de valor nos territórios rurais. O foco no apoio às suas atividades produtivas deve estar associado ao processo de promoção de cadeias de valor e o arranjo produtivo local como um todo, visando minimizar a pulverização de recursos. Ainda assim, em alguns casos, o apoio a estes atores é bastante relevante, ainda que, de forma pontual, caso os mesmos não estejam vinculados ao processo de fomento da cadeia de valor/APL.

Dentre os Povos e Comunidades Tradicionais ocorrem povos indígenas, povos quilombolas e comunidades caiçaras no território. Na área do Legado das Águas ocorrem comunidades tradicionais caiçaras nas comunidades Ribeirão da Anta e Vila Verde.

Comunidade cabocla do Ribeirão da Anta

A comunidade vive no interior do Legado das Águas – Reserva Votorantim há quase um século, fazendo o manejo sustentável dos recursos naturais. A comunidade atualmente é composta por pessoas idosas, já que as gerações posteriores se mudaram para a cidade de Tapirai em busca de condições de trabalho e estudo. Em reunião realizada com a comunidade foi demonstrado interesse de algumas pessoas em retornar à comunidade, caso houvesse oportunidades de trabalho, para retomar os modos de vida tradicionais e estarem mais próximos da família.

As atividades realizadas na comunidade envolvem uma pequena produção para subsistência. O artesanato e a atividade turística são realizadas em pequena escala comercial. Recentemente (em outubro de 2015) foi criada uma associação representativa. Com a associação, a comunidade pretende valorizar sua história, promover sua cultura e seus meios de vida tradicionais, melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem no bairro e criar condições para a manutenção dos seus modos de vida e preservação dos seus saberes para as próximas gerações. P. 72



Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – FUNBIO / 2015 - Documento: “Elaboração de diagnóstico das cadeias produtivas existentes e potenciais, dentro e no entorno da Reserva Legado das Águas, municípios de Juquiá, Miracatu e Tapiraí, SP, da região do Vale do Ribeira”. Bruno de Carvalho Filizola – Brasília.

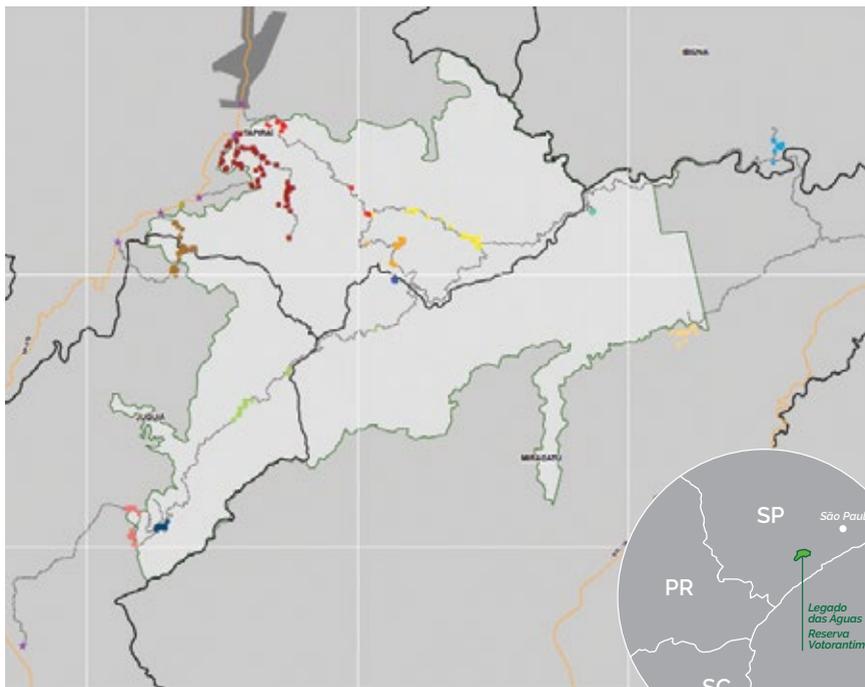
Reunião da comunidade com o consultor Bruno de Carvalho, da Funbio



A Diagonal Empreendimentos e Gestão de Negócios Ltda., no seu estudo denominado “Diagnóstico Sócioeconômico – Projeto Legado das Águas/ Reserva Votorantim”, de junho de 2014, no volume II, “Pesquisa Socioeconômica da População Residente”, contempla o Bairro do Ribeirão da Anta como objeto de pesquisas e pareceres.



14

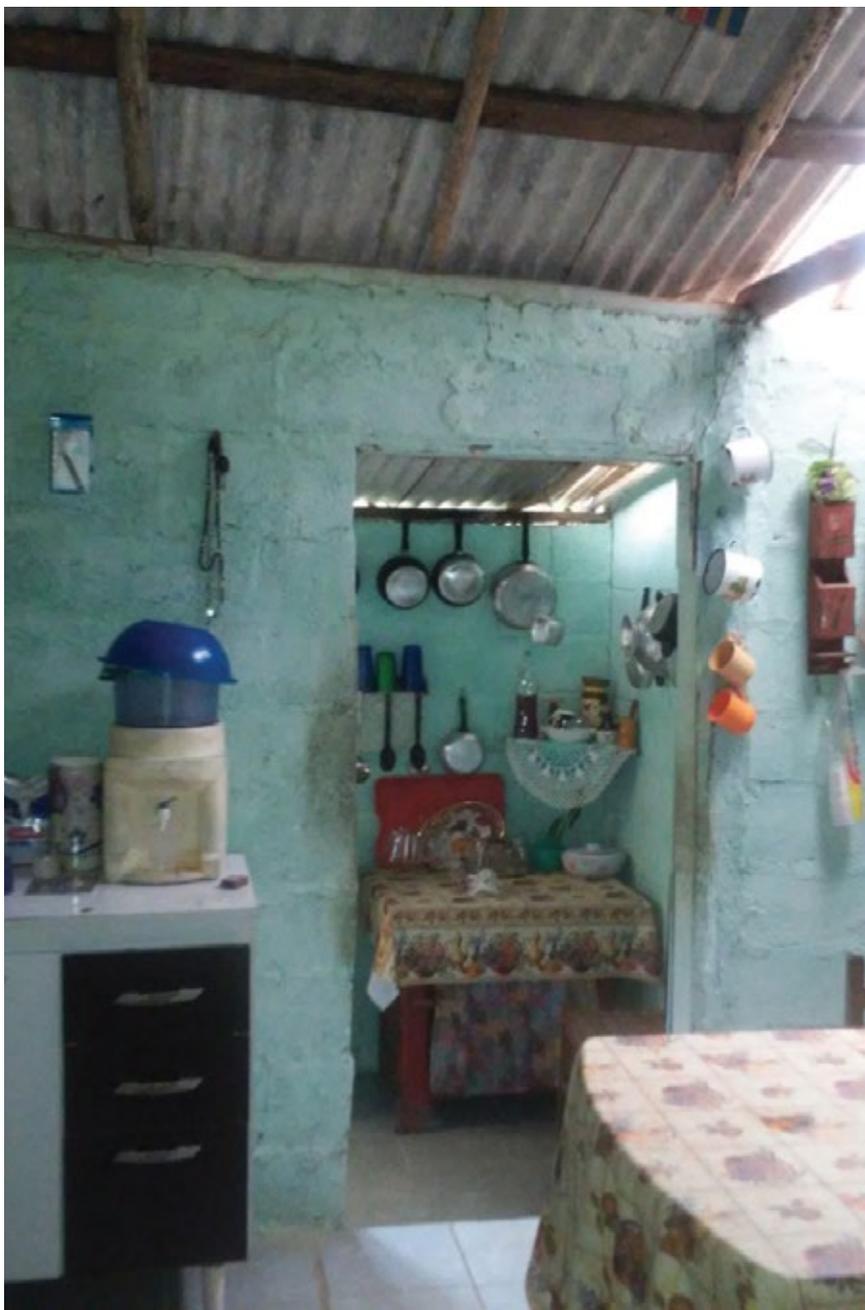


• Ribeirão da Anta



Comunidades tradicionais

No Volume III – “Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial”, página 13, a Diagonal qualifica o Ribeirão da Anta como “Comunidade Caipira Tradicional”. Na página 35, reconhece o Ribeirão da Anta como Patrimônio Cultural do Município de Tapirai “Na área de estudo podem ser encontradas comunidades caipiras tradicionais, destacando-se, por seu histórico, Ribeirão da Anta e Vila Verde, localizadas no município de Tapirai, nas proximidades da SP-79 que liga esse município a Juquiá. Segundo entrevista qualitativa feita para esse projeto (março de 2014), as famílias Fidelis, Alves da Silva e Camiranga passaram a desbravar matas dos arredores do antigo Patrimônio do Paranapiacaba (povoado que deu origem a Tapirai), entre o final do século XIX e início do XX, estabelecendo residências e pequenas áreas de cultivo. Tinham como principais atividades as plantações de milho, feijão e fumo, a criação de aves e porcos e o extrativismo de recursos florestais. A produção era comercializada em São Roque, Santo Amaro e Pinheiros, transportada em lombo de burro, em viagens que levavam até oito dias. Entre as décadas de 1950 e 1960, a pavimentação da rodovia SP-79, as restrições de cultivo impostas pela legislação ambiental e a importância dos cursos d’água da região para geração de energia para as emergentes atividades mineradoras da região trouxeram mudanças às práticas econômicas das duas comunidades: as áreas de plantio foram reduzidas, oportunidades de emprego foram criadas pelas usinas e as terras, agora valorizadas, passaram a interessar empreendedores de fora que chegaram e se apropriaram de algumas posses após a morte dos antigos patriarcas. Hoje, os moradores das comunidades mantêm vínculos empregatícios com a CBA, desenvolvem trabalhos remunerados na sede de Tapirai, cultivam pequenas roças voltadas somente para o consumo familiar e produzem artesanato com fibras de taquara nativa, cujas peças são comercializadas na própria comunidade e na sede do município, em feiras e na Casa do Artesão (no momento fechada para reformas). As peças de artesanato, embora apresentem considerável demanda, são atualmente produzidas apenas por alguns moradores mais antigos, não despertando o interesse dos mais jovens na sua confecção e comercialização.” Diagnóstico Socioeconômico, Volume III - Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial Legado das Águas - Reserva Votorantim; Diagonal Transformação de Territórios, p. 13/14.



Patrimônio cultural

O município não conta com marcos e edificações com significativo valor histórico ou arquitetônico, fato explicado pelas datas recentes de sua fundação e emancipação (1930 e 1959, respectivamente). Como edificações mais importantes constam a igreja matriz de Santa Catarina (padroeira da cidade), construída em 1938, e o antigo prédio da Câmara Municipal, atualmente em processo de reforma pela prefeitura. No bairro do Ribeirão da Anta encontra-se uma comunidade tradicional, cujos moradores são chamados regionalmente de "camirangas", chegados ao local por volta da década de 1920, oriundos da região de Ibiúna. Nessa comunidade são realizadas atividades de artesanato em bambu, vendido à beira da rodovia SP-79, no centro da cidade e na feira de domingo dos pequenos produtores rurais."

Diagnóstico Socioeconômico, Volume III - Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial Legado das Águas – Reserva Votorantim; Diagonal Transformação de Territórios, p. 35.

No Volume IV – "A Voz do Território Legado das Águas - Reserva Votorantim", página 28, no tópico "As expressões culturais: o artesanato, o folclore, as tradições", a Diagonal cita tão somente a Comunidade Ribeirão da Anta.

2.3 - As expressões culturais, o artesanato, o folclore, as tradições

Não se percebe um folclore rico e que seja parte da identidade única dos moradores dos três municípios. Mesmo os mais antigos moradores relatam, com saudosismo, alguns eventos do passado, como é o caso da família Alves da Silva, moradores do Ribeirão da Anta em Tapiraí, mas que parece estar se perdendo entre os mais jovens. O legado está na culinária, o frango com gengibre e a "comida de tropeiro" e nas esteiras de taboa, o que também remete a outras lembranças, a de uma religiosidade católica, hoje substituída por várias famílias da região pela igreja presbiteriana e evangélica, mas independentemente de dogmas são certamente um dos poucos locais de socialização para os seus habitantes, principalmente os das áreas rurais: "os camirangas".

"...farofona e viradão de feijão tinha muito feijão, carne de porco bem picada com muito limão-rosa, comida forte dos tropeiros que faz parte da culinária atual. Meu pai Gumercindo era capelão, ele fazia um terço. Ele rezava, agradecia a Deus na frente do rancho. O povo era animado "memo", o que não fazia trajetória a cavalo carregava a pé malona na costa, e ele não usava calçado, era o pé no chão "memo", amarrava a barra da calça aqui embaixo pra "num subi" bicho, e ia com o machado na costa e o enxadão para qualquer "embaço" que tivesse no caminho e tocava a tropa. A turma costumava guardar nos ranchos esteiras de taboa, taboa que colhe em brejo, deixava a esteira amarrada nas paredes e quando chegava a tropa estendia aquela esteira no chão e dormia".

"Aqui festa nossa é só quando tem culto na igreja, que a gente reúne todo mundo. Meu pai gostava tanto de festa. Nossa! O tempo que o "veio" era vivo, o Gumercindo, Nossa Senhora de Aparecida e São Gonçalo era dois dias de festa, era na brasa a noite inteira e cantava o São Gonçalo. É uma festa folclórica, dançava, fazia, fazia as voltas assim, eram dezoito, vinte pares. E o São Gonçalinho estava em cima do altarzinho e diz que ele suava, eu não sei se ele suava. Era uma dança folclórica, aquilo lá é tradição Era duas, três horas de leilão, com leitoa, leitão, frango, E o leilão eles faziam o leilão este ano e o dinheiro era para a festa do próximo ano e o bonito era cada um oferecer um preçõ, um não queria ficar por baixo do outro. Quando fazia uma festa dessa minha gente, vinha gente de Juquitiba, de Ibiúna por dentro desse matão aqui".

No Volume V – “A Voz do Território Legado das Águas - Reserva Votorantim”, no tópico 2.3 Matriz FOR Social, Potencialidades e Oportunidades, à página 23, a Diagonal cita o “apoio à valorização de população tradicional residente na área da Reserva Votorantim – Comunidade Ribeirão da Anta”.

Outras oportunidades nesse campo da cultura e lazer são o apoio no desenvolvimento de projetos socioculturais e na captação de recursos para as associações culturais e de produtores de artesanato, como: Comunidades tradicionais: (...) (iii) Apoio à valorização de população tradicional residente na área da Reserva Votorantim – Comunidade Ribeirão da Anta. Diagnóstico Socioeconômico, Volume V - Análise Integrada: Potencialidades e Fragilidades do Território; Diagonal Transformação de Territórios, p. 23.

A CI Brasil também identifica o Ribeirão da Anta como uma Comunidade caipira⁴

Comunidades caipiras

Os caipiras são hoje, em grande parte, sitiantes, meeiros e parceiros que sobrevivem precariamente em nichos entre as monoculturas, em pequenas propriedades em que desenvolvem atividades agrícolas e de pequena pecuária, cuja produção se dirige para a subsistência familiar e para o mercado. Difundiu-se, desse modo, uma agricultura itinerante que derruba e queima novas glebas de mata para a roça, combinada com a caça, pesca e coleta. Dada a dispersão do povoamento, existem, de um lado, famílias vivendo isoladas e de outro, alguns bairros rurais. As principais comunidades caipiras são Ribeirão da Anta e Vila Verde, localizadas no município de Tapiraí.

21

5.3. Patrimônio histórico-cultural

O patrimônio histórico-cultural da Reserva Votorantim é composto pelas comunidades tradicionais caipiras de Vila Verde e Ribeirão das Antas e pelas usinas hidrelétricas da Barra, Porto Raso, Alecrim e Serraria, algumas com mais de 50 anos. Além destes, foi aventada a possibilidade da Reserva Votorantim abrigar trecho de um ramo do Caminho de Peabiru 45, o que constituiria uma notável atração.

5.5.1.3. Usos Residenciais e Comerciais

As evidências mostram que antes da implantação das usinas hidrelétricas, o território da Reserva Votorantim era habitado unicamente pelas comunidades tradicionais de Vila Verde e Ribeirão da Anta.

4 CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL / 2015 . Plano Estratégico de Gestão 2015-2024 - Legado das Águas-Reserva Votorantim

A CI Brasil coloca as comunidade tradicionais entre os principais atrativos da Reserva Votorantim

5.5.3. Principais Atrativos Naturais e Histórico-Culturais

Os principais atrativos naturais e históricos culturais na Reserva Votorantim são:

- Montanhas cobertas por Mata Atlântica e vegetação de afloramento rochoso;
- Represas e estirões lóticos do Rio Juquiá;
- Rios com cachoeiras e piscinas naturais;
- Trilhas em diversos níveis;
- Gruta Artificial;
- Fauna nativa;
- Estradas; Vistas dos Mirantes;
- Tempestades;
- Céu Estrelado; Usinas Hidrelétricas;
- Comunidades Tradicionais;

Também a Comunidade Ribeirão da Anta, de acordo com a CI Brasil, está presente entre os principais desafios para a implantação e operação do Legado das Águas - Reserva Votorantim.

22



Adriano Lopes de Melo e Beto Mesquita, da CI Brasil, em visita à Comunidade Ribeirão da Anta

5.7. Principais desafios

Os principais desafios para a implantação e operação da Reserva Votorantim são:

(...) Regularização fundiária, assegurando a posse da terra aos legítimos representantes das famílias tradicionais das comunidades de Ribeirão da Antas e Vila Verde; (...)

"Temos muito respeito e admiração pela Comunidade Ribeirão da Anta. É a nossa referência de história, de cultura e de tradição. Pessoas com muita sabedoria, conhecedores dos segredos da Mata Atlântica, que sabem bem como preservá-la em uma convivência pacífica e respeitosa." David Canassa, Diretor da Reservas Votorantim.



David Canassa, Diretor da Reservas Votorantim, visita a Comunidade Ribeirão da Anta



Uma rica história

Encontros semanais, que já acontecem desde 2015, nos aproximaram bastante da Comunidade Ribeirão da Anta. Um trabalho engajado e respeitoso junto a realidades diferentes, que, como faces de uma mesma moeda, de um lado evidencia a grandeza da história, da cultura e da tradição das famílias do Ribeirão da Anta e, de outro, denuncia a desatenção e a desarticulação regional e municipal para com a preservação, a defesa, a valorização e o compartilhamento do Ribeirão da Anta enquanto patrimônio histórico cultural local.

25

Durante treze meses conhecemos a fundo vários detalhes sobre a vida da família do senhor Gumercindo Alves da Silva, terceiro filho de Antonio Alves da Silva e dona Adelaide Maria de Jesus.

Também tivemos contato com seus descendentes e suas famílias, como filhos, netos e bisnetos. Conhecemos tanta gente que é difícil precisar quantos foram. Dos mais novos aos mais velhos, cada uma dessas pessoas traz o orgulho de ser do Ribeirão da Anta, referindo-se ao seu Gumercindo como padrinho: "Era assim que ele gostava de ser chamado", explica Claudirene, uma de suas bisnetas.

Uma história brilhante e ainda muito presente nas lembranças dos oito filhos vivos⁵: José, Eliza, Jurandir, Geraldo, Pedro, Ana Alves, Catarina Alves e Paulina.

5 Laurentina, filha mais velha de Gumercindo, mãe de Joaquim, faleceu em 1955, com 32 anos

Paulina Alves
de Moraes



Ana Alves
de Faria



Pedro Alves
da Silva



Catarina Alves
de Godoy Lima



Eliza Maria
de Jesus



Geraldo Alves
da Silva



José Alves
da Silva



Jurandir Alves
da Silva



Os oito irmãos

Para compreender bem a história desta comunidade, desde o começo, com a chegada dos primeiros moradores, até os desafios dos dias de hoje, nos aproximamos bastante da comunidade. Sabemos onde cada um deles mora. Visitamos suas casas, nos sentamos em seus sofás ou em suas cadeiras. Compartilhamos da mesma água, comemos seus quitutes. Experimentamos a farinha ali produzida, que, em cada fornada, ganha identidade própria no calor da chapa.

Caminhamos por seus quintais e vimos, ao lado das casas, galinhas, galo e patos à espera do milho. Também há os cachorros, que latem, mas não oferecem risco. São sempre dóceis. Chegam, brincam e, depois, se deitam novamente.



Água de regar, de beber, de lavar

Subimos por trilhas mata adentro para vermos onde estão as roças de milho, mandioca e feijão. É um trabalho diário, árduo. Difícil de chegar, de plantar, de cuidar e de colher. Mas não falta água. Por todo lado ela corre, vindo de tanques com mangueiras ou de minas. É água que vem de longe ou de perto. Sempre fria demais e boa de beber. Refrescante, revigorante.



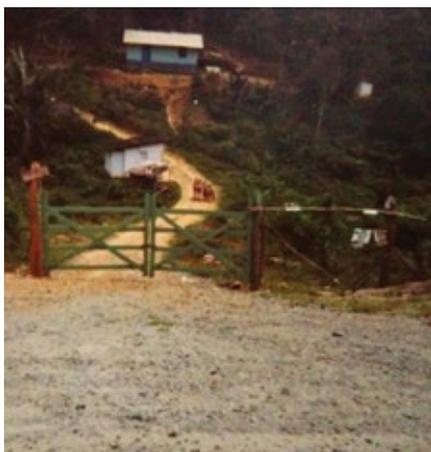
28

Lavoura de milho. Não é fácil plantar, não é fácil cuidar



Vegetação densa e conservada

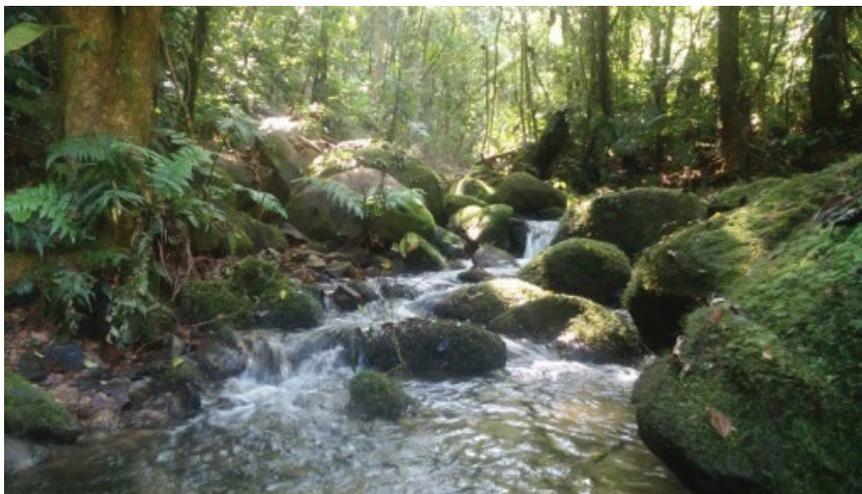
A região está emersa em uma vegetação tão densa que é inútil tentar ver o há ao longe. Sempre há algo na frente: uma árvore, uma palmeira ou um arbusto. Natureza conservada. Lindos lugares com caminhos desenhados no chão que levam ao monjolo, à cachoeira, à igreja, à casa do irmão, ao forno, ao campo e ao ribeirão.



Passado



Presente



Diversas gerações

Um lugar de gente boa, honesta, cuidadosa, temente a Deus e trabalhadora. Uma família que deu origem a dezenas de outras famílias. A família Alves da Silva – as famílias do Ribeirão da Anta. Sertanejos. Gente simples, de fácil e boa conversa. Receptivos, dispostos e cheios de histórias.

O Ribeirão da Anta é tranquilo, é diferente, é gostoso de visitar. O visitante já se bem assim que chega. Depois, é bem provável que tenha vontade de ficar mais até o anoitecer, pelo menos. Ou talvez dormir ali e ser presenteado com um belo amanhecer no dia seguinte.





Os desejos dos moradores

Nosso trabalho foi, durante três anos, conhecer o Ribeirão da Anta, além de desvendar suas inquietações e preocupações. Um dos desejos dos moradores é receber a titulação de propriedade da porção de terra – o território – que há muito tempo chamam de “nosso”. Não é necessário ter os quantos hectares que acham que lhes pertence. Precisa ser do tamanho que lhes seja reconhecido como Direito.

Eles também solicitaram o acesso perdido à represa, defronte à comunidade, como sempre tiveram. Ficaram entristecidos e desanimados. Queriam pescar, nadar, passear e ficar à sua margem. Precisavam trabalhar, levando e guiando pescadores pelo lago. O peixe faz falta. O dinheiro acabou e rezar lá era muito bom.

Outro desejo é o retorno dos mais novos, pois a comunidade envelheceu. Eles torcem pelo desenvolvimento de atividades que gerem renda para que seus filhos e netos possam voltar a morar ali como era o sonho do seu Gumercindo. O Ribeirão da Anta, encravado entre morros, é entrecortado por dois ribeirões. Um lugar mágico, que parece ter sido ocupado obedecendo a um planejamento rigoroso de algum iluminado paisagista. Tudo encanta, como as casinhas com suas preciosidades domésticas, a igreja, a escolinha e o monjolo.

A comunidade trabalha pela criação de novas atividades econômicas que gerem recursos para que filhos e netos retornem

Além de ser um lugar especial, quem aprecia comidas simples e saborosas não terá do que reclamar. Ali, tudo é saboroso, como a farinha de milho, a costelinha de porco defumada, o torresmo, o frango com gengibre, o feijão com palmito, o café e os bolos. Farinha com leite, farinha no café, feijão com farinha e torresmo.

As páginas a seguir é o resultado da mobilização e do trabalho da Associação do Ribeirão da Anta. Nelas, apresentamos um pouco da história da família, falamos sobre suas origens, sobre a mudança para o Ribeirão da Anta, sobre os primeiros dias no novo lugar, além de também abordarmos a religiosidade, o trabalho, o artesanato, entre outros pontos que marcam o dia a dia da comunidade e de seus descendentes.

Por meio de relatos, testemunhos e fotos, comprova-se o marcante perfil de tradicionalidade coletiva dos familiares da comunidade. Também mostramos seus hábitos e costumes, suas moradias, sua Igreja e suas famílias.

Por fim, membros da comunidade fazem declarações sobre si mesmos, evidenciando compromissos que assumem como coletivo, como uma família que reconhece e valoriza sua origem, sua história, sua cultura e suas tradições.





“Estamos juntos com a Comunidade Ribeirão da Anta em uma relação de promoção e parceria, e não de assistência ou assistencialismo. Trabalhamos com a comunidade e não para a comunidade. Este é o princípio que rege as relações do Legado das Águas com as comunidades tradicionais e com os municípios de seu entorno.”
Frineia Rezende da Silva, Gerente Executiva da Reservas Votorantim

Quase 100 anos de história

A Comunidade Ribeirão da Anta está localizada na APA Estadual da Serra do Mar, município de Tapiraí, no Estado de São Paulo, que faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), área reconhecida pela Unesco como a primeira unidade da Rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada no Brasil e uma das maiores Reserva da Biosfera em área florestada do planeta.

Ao longo do tempo, a região onde está localizado o Ribeirão da Anta foi ocupada basicamente por quatro famílias. Três delas provenientes do sertão do Una (hoje, município de Ibiúna) e de localidades próximas entre si, conhecidas como Rio Bonito e Tamanduá. A outra família era procedente de Iguape.

As três famílias procedentes do sertão do Una foram as de Benjamim Pinto de Moraes, de Benedito Francisco Xavier e de Gumercindo Alves da Silva. Já a família originária de Iguape foi a de João Batista Rodrigues, originário de Iguape. Além do Ribeirão da Anta, último bairro a ser criado, essas famílias foram responsáveis pela fundação de outros quatro bairros.

Benjamim Pinto de Moraes, por exemplo, fixou-se na localidade conhecida como Bairro Rio Novo (próxima ao Rio Novo). Já Benedito Francisco Xavier se estabeleceu na região denominada Bairro do Pescador (próximo ao rio chamado Pescador). A área escolhida por João Batista Rodrigues ficou identificada como Iguapano. Além destas, uma quarta localidade, denominada Posse Nova (próxima ao ribeirão chamado Botudo⁶) foi criada por Francisco Domingues da Silva, filho de Benedito Francisco Xavier. Conheça a seguir, um pouco sobre a vida desses primeiros habitantes da região.

⁶ O ribeirão recebeu o nome de Botudo pelo fato de os moradores da Posse Nova terem o costume de cortarem o palmito e aproveitarem a sua casca como perneira, uma bota



Comunidade Ribeirão da Anta

Os quatro pioneiros

Benjamim Pinto de Moraes

36

Ele foi um dos primeiros habitantes da região. Filho de Felix Pinto de Moraes e Antonia Luiza, Benjamim havia nascido em 4 de maio de 1868, no sertão do Una (hoje, Ibiúna), na região denominada Bairro de Tamanduá, próximo ao Bairro do Rio Bonito. Era lavrador e reunia boas condições financeiras pelo fato de ter grandes criações de jumento. Embora não tivesse estudo, costumava mostrar grande sabedoria. Benjamim foi casado três vezes. A primeira esposa e mãe dos seus filhos chamava-se Maria das Dores. Com ela teve sete filhos: João Alfredo de Moraes, Antonio Catarino de Moraes, Pedro Laureano de Moraes, Ana Maria de Jesus, Maria Antonia de Moraes, Amancio Pinto de Moraes e Rita Antonia de Moraes.

Em razão de um problema de Felix Pinto de Moraes, a família era conhecida como os Camirangas.

Em 1913, a pedido da empresa Light, Benjamim foi designado para explorar a região do sertão de Tapirai e Juquiá para prospectar lugares para a construção de novas usinas hidroelétricas.



Camirangas. João Alfredo de Moraes, filho de Benjamim Pinto de Moraes, e sua esposa Benedita Maria de Jesus

Nessa empreitada contou com a companhia de seu filho Pedro Laureano de Moraes e do sobrinho Antonio Pinto de Moraes.

Conforme passou a conhecer melhor a região, interessou-se pela área do Rio Novo e decidiu procurar seus proprietários (Pedro José Antonio e sua esposa Maria D'alma) que possuíam uma escritura particular da área registrada em 1896. Decidido a se estabelecer por ali, Benjamim adquiriu 1.690 alqueires em uma compra que foi formalizada em 12 de maio de 1928. Já no início da década de 1930 passou a morar a cerca de 40 metros do Rio Novo, em um local próximo onde atualmente se localiza a Pousada Salve Floresta.

Cerca de 20 anos depois, em 1950, um acidente doméstico com uma arma de fogo foi responsável por sua morte. Ao manusear a arma, Benjamim deu um tiro em sua própria perna. Como com o passar dos dias não conseguia curar a ferida, seu estado de saúde foi piorando. Quando a situação já era crítica, decidiram levá-lo a Sorocaba, o que, naquela época, não era tarefa fácil.

Para transportá-lo até a rodovia foi preciso que parentes e familiares se revezassem para carregá-lo em uma rede entre as trilhas em meio à mata. Ao chegar em Sorocaba os médicos decidiram amputar sua perna. Mas não adiantou. Cerca de 15 dias depois, Benjamim faleceu aos 82 anos de idade. Sua perna amputada foi enterrada no cemitério de Tapiraí. O corpo, em Sorocaba.

37

Em 1913, a pedido da Light, Benjamim explorou a região ao lado do filho Pedro e do sobrinho Antonio.

Escapando a nado

Conforme descreve Pedro Laureano de Moraes (filho de Israel Laureano de Moraes e Catarina Pinto de Moraes, neto de Pedro Laureano de Moraes e bisneto de Benjamim Pinto de Moraes), o apelido de Camiranga teve origem com Felix Pinto de Moraes, pai de seu bisavô Benjamim, que, então, residia na Barra Funda, bairro localizado na zona oeste de São Paulo. Segundo Pedro Laureano conta, na época, Felix teve alguns problemas com a polícia e, para escapar, pulou nas águas do Rio Pinheiros. Após sair do rio, caminhou até Itapeverica. Depois desceu para Juquitiba, onde passou a residir. Após algum tempo, mandou buscar a esposa e, para evitar ser descoberto, adotou o apelido de Camiranga, apresentando-se como Felix Camiranga. Com a passar do tempo, desceu sertão adentro e construiu uma casa para baixo da Cachoeira do França.

Benedito Francisco Xavier

Também proveniente do sertão do Una, Benedito foi o criador e uma das pessoas mais conhecidas do Bairro Pescador. Teve quatro filhos: Marcolina Domingues da Silva, Fermiano Domingues da Silva, Francisco Domingues da Silva e Galdino Domingues da Silva.

Sua filha Marcolina casou-se com Benjamim Pires de Godoy e tiveram oito filhos: João Pires de Godoy, Adão Pires de Godoy, Augusta Francisca de Godoy, Pedra Maria de Jesus, Rufino Pires de Godoy, Jerônimo Pires de Godoy, Colástica Pires de Godoy e Isaltina Pires de Godoy.

João casou-se com Eliza Maria de Jesus, do Bairro Ribeirão da Anta, onde foi residir. Adão uniu-se com Catarina Alves da Silva, residindo no Pescador. Jerônimo casou-se com Fostina e foram morar no bairro Pescador. Rufino casou-se com Andreлина, residindo no Bairro Rio Novo. Isaltina e Alcidez foram residir no Pescador. Pedra casou-se com Antonio Batista Rodrigues e foram morar no bairro Iguapano.

38

Já Augusta casou-se com seu primo-irmão, Romão Domingues, filho de seu tio Galdino, e residiram no Pescador, vindo da região do Bairro Rio Bonito, em 1945. Tiveram quatro filhos: Eva Domingues da Silva, Laureano Domingues da Silva, Antenor Domingues da Silva e Avelina Domingues da Silva. Eva Domingues Alves, nascida em 1942, chegou ao Bairro Pescador, em 1945, com 3 ou 4 anos de idade, casou-se com Pedro Alves da Silva, do Ribeirão da Anta.



Seu Pedro, dona Eva e o filho
Emílio, no Bairro Pescador



Bairro Pescador, local onde residem seu Pedro e dona Eva

Dessa forma, o Pescador se consolidou como bairro em razão do crescimento da família de Marcolina e Benjamim Pires de Godoy e seus sete filhos. Outro fato que colaborou para a consolidação do bairro foi chegada de alguns moradores de Posse Nova e do Iguapano, que, ao permutarem uma área com a empresa CBA, se transferiram para o bairro.

Fato semelhante aconteceu muitos anos depois, em 1982, quando moradores do Bairro Pescador também fizeram uma permuta de área com a CBA, responsável por construir as casas para receber os moradores. Após a permuta, o Bairro também ficou conhecido como Vila Verde, já que todas as casas foram pintadas de verde.

O Bairro Pescador se consolidou a partir do crescimento da família composta pelos filhos de Marcolina e Benjamim Pires de Godoy.

João Batista Rodrigues

Originário da cidade de Iguape, no sul do Estado de São Paulo, foi responsável pela criação do Bairro Iguapano. Casado com Ana de Jesus B. Rodrigues, teve doze filhos: Antonio Batista Rodrigues, Benedita Maria de Jesus, Antonia Maria de Jesus, Narciza Maria de Jesus, Francisco Batista Rodrigues, Euclides Batista Rodrigues, Augusta Maria de Jesus, Bento Batista Rodrigues, Abilio Batista Rodrigues, Miguel Batista Rodrigues, Vicentina Maria de Jesus e Maria de Jesus. Antonio Batista Rodrigues casou-se com Pedra Maria de Jesus (filha de Marcolina e Benjamim Pires de Godoy) e tiveram oito filhos: Romartino, Juvêncio, Antonio, Nadir, Florinda, Joana, Odila e Lourdes.

Florinda Maria de Jesus uniu-se com Geraldo Alves da Silva (do Ribeirão da Anta). Odila Batista da Silva casou-se com José Alves da Silva (também do Ribeirão da Anta). Joana casou-se com Jovino. Lourdes uniu-se com Otilio, filho de Silvestre e Benedita, filha de João Batista Rodrigues, fundador do Bairro Iguapano.

Antonio Batista Rodrigues faleceu em 1982, quando, ao caminhar pela estrada, enfartou em frente à entrada do bairro.

40

O bairro Iguapano é uma referência à cidade de Iguape, de onde veio João Batista Rodrigues.



Local onde faleceu Antonio Batista Rodrigues na estrada particular da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) em frente à pedreira da empresa

Francisco Domingues da Silva

Filho de Benedito Francisco Xavier (do Bairro Pescador) foi o criador do Bairro Posse Nova, próximo ao ribeirão Botudo. Casou-se enquanto morava no Pescador, junto com seu pai, e depois foi procurar outras áreas para criar sua família.



Guaricanga-mirim. Seu caule costuma ser utilizado como espeto para churrasco. "Seu caule é muito resistente. Dá para fazer até dois churrascos", diz Jurandir, filho mais novo do seu Gumerindo.

Gumercindo Alves da Silva

É considerado o criador do Ribeirão da Anta. Seus pais, Antonio Alves da Silva e Adelaide Maria de Jesus, residiam no bairro da Barra Funda, zona oeste de São Paulo. Seu Antonio era do Exército e dona Adelaide gostava de ensinar os outros a escrever. Era professora por vocação, embora tenha estudado apenas até a quarta série. Naquela época era assim: quem tinha um pouco mais de estudo ensinava a quem nada sabia.

Já casado com dona Adelaide, que tinha apenas 11 anos de idade quando se uniu a Antonio, e com o filho Nino recém-nascido, Antonio tinha vontade de deixar o Exército. Esse desejo tornou-se ainda mais forte quando seus pais adquiriram algumas terras no sertão de Ibiúna, em um lugar conhecido como Rio Bonito. Ele decidiu, então, mudar-se para o sertão e ajudar os pais a cuidar das terras recém-compradas.

O casal Antonio e Adelaide teve seis filhos, cinco homens e uma mulher: Nino Alves da Silva, Lorentino Alves da Silva, Alfredo Alves da Silva, Gumercindo Alves da Silva, Benedita Maria de Jesus e João Alves da Silva. Seu Antonio sustentava a família com o que plantava e com os recursos provenientes de uma olaria, onde fabricava tijolos, fornos, painéis de barro e, principalmente, telhas, que, à época, ainda eram uma grande novidade na região, o que lhe permitia vendê-las para vizinhos e outros moradores do local.

Gumercindo, o terceiro filho do casal, nasceu em 4 de dezembro de 1903, na casa de seus pais no bairro de Rio Bonito, sertão de Ibiúna, cidade na qual seu nascimento registrado. Em 1922, aos 19 anos de idade, casou-se com Mariana Maria de Jesus na capela do Bairro Rio Bonito, a quem já conhecida de vista, pois ela morava em um dos bairros próximos e os dois se viam constantemente em festas da região.

O curioso desta história é que o noivo de Mariana não era Gumercindo. Na realidade, ela iria se unir a outro rapaz. Mas, mesmo com o casamento já agendado e com a festa organizada, a cerimônia foi cancelada porque, os padrinhos de batismo de Mariana, ao conhecerem o noivo, não gostaram do que viram e não autorizaram que a jovem se casasse com o moço.

O imprevisto, no entanto, não impediu que Mariana se esposasse com outra pessoa. Como já estava tudo programado e, para não perder a "aviação" (festa de casamento), pois os leitões entre outras coisas já estavam comprados, os pais da jovem começaram a procurar outro noivo.



Seu Gumercindo e dona Mariana

E foram falar com Gumercindo, que não se opôs ao convite e aceitou a proposta para se casar com Mariana. Um dos motivos que o levaram a esta decisão era o fato de ele se sentir descontente com a mãe que, já viúva, havia começado um novo relacionamento com uma pessoa que estava acabando com os bens que seu pai havia deixado.

Ao que parece, Gumercindo não teve dúvidas. Pediu emprestado um terno e um chapéu de um conhecido e 15 dias depois uniu-se a Mariana.

Logo após o casamento, eles foram morar com dona Adelaide, mãe de Gumercindo. Naquela época, tanto ele como Mariana trabalharam bastante para pagar as dívidas contraídas em razão do casamento e também para reunir recursos com o objetivo de construir uma casa própria no terreno herdado após a morte de seu Antonio.



Foi de Rio Bonito, município de Ibiúna, que seu Gumercindo e dona Mariana saíram para o Ribeirão da Anta



Carteira de Trabalho de Gumercindo Alves da Silva, na qual nunca houve um registro profissional sequer

Não havia outro jeito. Era preciso trabalhar muitas horas por dia praticamente durante toda a semana. Era chamado para ser diarista em lavouras da região, sem, porém, se afastar completamente da olaria criada por seu pai, à qual continuou se dedicando enquanto seus três primeiros filhos ainda eram pequenos.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

Estado de S. PAULO
Comarca de S. ROQUE
Município de IOJUMA
Distrito de IOJUMA

JOÃO SEPTIATO PAZINHA SOBRINHO
Oficial do Registro Civil

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que sob o n.º 925, a 7 de Outubro de 1944, foi feito o casamento de GUMERCINDO ALVES DA SILVA e MARIANA MARIA DE JESUS contratado perante o Juiz de Paz Isidoro Felisbino Alves de Camargo e as testemunhas EE SUA CONJUNTO.

Ele, nascido em este distrito em 4 de Dezembro de 1903 profissão lavrador domiciliado em este distrito e residente em este distrito; filho de Antonio Alves da Silva e Adelaide Maria de Jesus

Ela, nascida em este distrito em 25 de Abril de 1906 profissão doméstica domiciliada em este distrito e residente em este distrito; filha de Tahel Maria de Jesus

a qual passou assinar-se o mesmo nome.
Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 110 na L. 2.284 do Código Civil Brasileiro.

Observações

IOJUMA a 2 de Janeiro de 1945

IOJUMA 2 de Janeiro de 1945

IOJUMA 2 de Janeiro de 1945

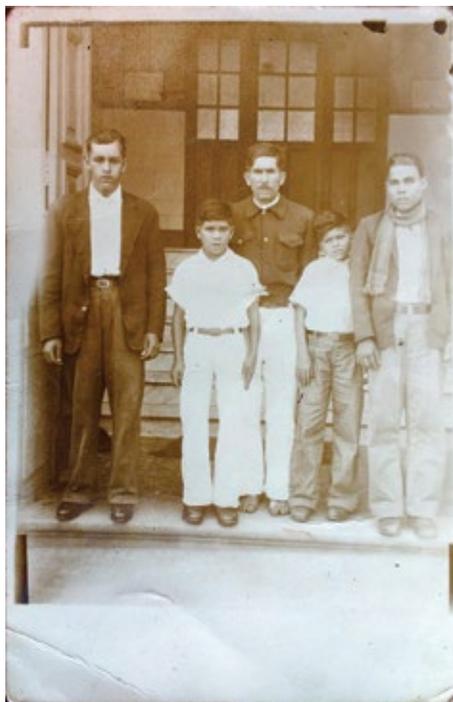
45

O casamento civil de seu Gumercindo e dona Mariana só foi realizado em 1944, 22 anos após a união na igreja católica

Brincalhão, honesto e religioso

Gumercindo media cerca de 1,70 metro de altura e sempre foi muito magro. Era cantador, tocava viola, gostava de jogar baralho e adorava dançar nas festas de São Gonçalo. Gostava de peixe, torresmo de porco, feijão com farinha, batata doce e mingau de alho. Para beber, preferia vinho. Costuma vestir-se com calça e camisa social e também adorava usar chapéu.

Deitava-se no começo da noite e levantava-se bem cedo, ao cantar do galo. Era brincalhão, trabalhador, honesto, caridoso, falante e tranqüilo. Além de muito religioso. Benzedor, sentia-se muito bem rezando pela cura das pessoas. Aos filhos sempre dizia para jamais parar de lutar por seus direitos, não desistir nunca, viver sempre unidos e em paz uns com os outros. Aos netos pedia para que sempre mantivessem a tradição e não abandonassem a propriedade. Seus grandes amigos foram Benjamim e sua família, Sebastião Godoy e o Anthemo Victorio Pílan, que foi prefeito de Tapiraí.



Ao centro da foto,
seu Gumercindo
veste camisa preta

Gumercindo era querido por todos e não tinha inimigos. Ele e sua esposa Mariana se respeitavam mutuamente e sempre se deram muito bem. Tratava todos os filhos de forma igual, sem preferência, e também gostava muito de genros e noras. Com os netos, quando mais jovem, era carinhoso, embora reservado. Ao envelhecer começou a se demonstrar mais carinhoso com abraços e agrados, como doces, balas e até pequenos presentes. Sempre muito brincalhão adorava reunir os netos e bisnetos para contar histórias e lendas.

A vida em Rio Bonito era árdua, difícil. Suas filhas relatam que, ainda pequenas, já ajudavam no trabalho da olaria, recolhendo telhas e consertando as que trincavam. Algum tempo depois, porém, a olaria acabou fechando, pois as casas da região já estavam cobertas com telhas. E, assim, acabaram os clientes. O plantio em suas terras também não animava muito, já que a produtividade era baixa. Nesse cenário de poucos recursos, estava cada dia mais difícil sustentar a família. Ele até tentou arrendar outras terras e plantar. Mas, novamente, tudo terminava em muito trabalho, mais despesas e pouco ganho. A situação se complicava a cada dia.

Aos poucos, Gumercindo começou a pensar que era necessário mudar dali. E, sabia-se de gente do lugar que tinha conhecido outras terras. Benjamim Pinto de Moraes, pai de um amigo, já estava desmatando e plantando em outro lugar chamado Rio Novo. Outro conhecido, Benedito Francisco Xavier, também da região do Rio Bonito, já tinha se mudado com a família, morando perto do rio em um local que chamavam de Pescador.

47



Dona Mariana, a filha
Paulina e Gumercindo



Seu Gumercindo com a família



Seu Gumercindo (quarto da esq. para a dir.) em Pirapora do Bom Jesus

Do sertão para outro sertão

Aos poucos, Gumercindo se convenciu de que Rio Bonito não lhe daria o necessário sustento. Mudar para a cidade para fugir às dificuldades ele não queria. Ao contrário, ele decidiu ir mais para dentro da mata. Do sertão a solução estava em outro sertão. Mas onde?

Após caminhar por trilhas e picadas no meio da mata, Gumercindo chegou ao sertão de Tapiraí, às margens de um ribeirão, ao qual deu o nome de Ribeirão da Anta, devido ao grande número de animais que costumavam beber em suas águas.

Por várias vezes, nessas incursões mato adentro, ele chegava a ficar até três meses longe de casa. Foi assim até decidir-se pelo local onde fixaria moradia com a família. Certa vez, ao retornar à casa, vindo do sertão de Tapiraí, comunicou à dona Mariana e aos filhos que havia encontrado uma área muito rica em água, boa para viver e com grande possibilidade de plantações.

A mudança, no entanto, demorou cerca de dois anos. Foi esse o tempo necessário que ele levou para desmatar a nova área e plantar, tendo como constantes ajudantes seus filhos Ana, Catarina e Geraldo e mais ninguém, já que jamais contratou alguém para auxiliá-lo.

Para chegar ao local escolhido eram dois dias andando no meio do mato. Dormiam no caminho e, no lombo de burro, levavam açúcar, feijão e sal. Como esses alimentos não duravam muito, eram obrigados a procurar outros na mata. Próximo ao pequeno rancho que construíram, que, na verdade, era uma casa de pau a pique, plantavam café, cana de açúcar, laranja, banana, milho e feijão.

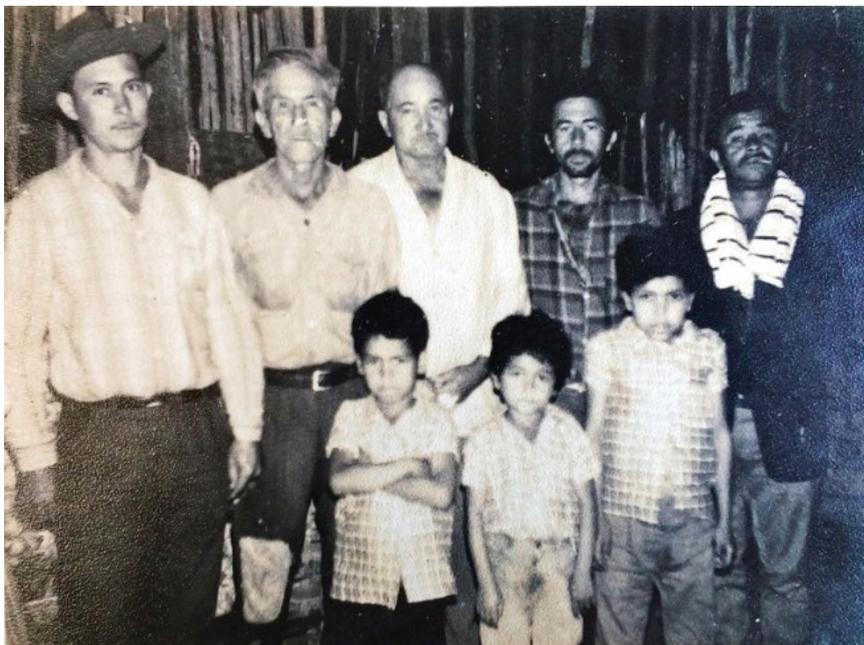
Por fim, em 1948, chegou a hora da mudança definitiva da família, exceto Laurentina, a filha mais velha, que, já casada, ficou em Rio Bonito (embora, mais tarde, ela também tenha se reunido à família). Na mudança veio de tudo: galinhas, porco, cachorro, as poucas roupas que tinham, além de gamelas e esteiras que, durante muito tempo, serviriam como lugar para se deitar à noite e dormir.

Todos vieram andando por estradas e trilhas no meio da mata. Os mais velhos carregavam os mais novos. Todos felizes, pois iriam se estabelecer no novo lugar que, segundo seu Gumercindo, seria melhor para viverem. De toda a família, só as crianças menores ainda não conheciam o lugar. Dona Mariana



A viagem pela mata fechada foi muito difícil

50



Marcílio (marido de Paulina), Gumercindo, Antonio Domingues e Alino Faria (o último homem não tem identificação). As crianças - Gumercindo, Dorival e Dorvílio - são filhos de Alino



A casa onde seu Gumercindo e sua família moraram sempre foi de barro. Depois de sua morte, a frente foi reformada, quando se trocou o barro por madeira



Casas de barro cobertas com folhas de guaricanga.
"A guaricanga dava muita barata na casa. Elas gostavam de ficar no meio das folhas."
Jurandir, filho de Gumercindo

já havia ido, pois seu marido não queria que ela fosse obrigada a residir em um lugar que não conhecia e aprovava, principalmente por que, em caso de mudança, todos os seus parentes ficariam em Rio Bonito.

Ao chegarem ao Ribeirão da Anta os filhos de Gumercindo e Mariana tinham as seguintes idades: Ana, 19 anos; Catarina, 21; Geraldo, 17; Eliza, 15; José, 11; Pedro, 8; Paulina, 6; e Jurandir, entre 3 e 4 anos.

A casa da família tinha apenas dois cômodos e era feita de barro, com estrutura de pau de palmito. O piso era de chão batido e a cobertura de folha de guaricanga.

"É um povo caiçara, um povo do mato mesmo. Porque eles nasceram no sertão. Não tinha comunicação, não tinha estrada. Eles tinham que viver em função do sertão. Sobreviveram e estão lá até hoje. Eles são comunidade realmente cabocla, do sertão. Ele é o caboclo do sertão. Desde quando Tapirai começou a existir como um aglomerado de pessoas elas já estava naquele local, vivendo em função daquele sertão. Um pessoas que vieram para viver aqui em função do sertão, dado o extrativismo. Numa certa forma estas pessoas vieram numa mesma situação de achar um espaço. (...) Ibiúna naquele tempo era sertão. Eles só mudaram do sertão de Ibiúna para o sertão do interior do Ribeirão. (...) Esta era uma região madeireira. Toda região, Ibiúna para cá era sertão. O que é hoje Ibiúna, o que é hoje Tapirai, foram mudanças que ocorreram em 80 anos. Era tudo sertão. (...) Pessoas do mato mesmo. Nasceram ali. Tem toda a simplicidade. Gostam de conversar. São pessoas de boa prosa".

Araldo Tedesco, prefeito de Tapirai

Medo de ser atacado por algum animal selvagem

Naquela época, era comum dormir em esteiras ou em camas de pau a pique chamadas de tarimba. As cobertas eram feitas de pena ou couro de boi. As prateleiras eram de pau. O fogão a lenha, chamado de taipa, era feito no chão. As roupas eram lavadas nas águas do ribeirão. Água para consumo e serviços domésticos era carregada em latas de banha e em caldeirões de louça. A iluminação durante as longas noites vinha de lamparinas de querosene.

Os banhos eram tomados no rio ou em gamelas. Nesse caso, esquentava-se água no fogão a lenha e, com auxílio de uma canequinha, ela era jogada no corpo.

A família se alimentava de feijão com farinha, carne de porco, galinha caipira, palmito, café adoçado com caldo de cana de açúcar e carne de caça. O sustento vinha da lavoura de milho, café, feijão e mandioca. Também cultivava-se banana e laranja.

Criava-se galinha e porco e se pescava. Para vestir, usavam roupas de saco, costuradas a mão, e andavam descalços. Tinham medo de serem atacados por animais selvagens, principalmente onças. Para afastá-los faziam grandes fogueiras. Era comum que outros animais mais dóceis, sempre avistados na região, como veados, porcos do mato e antas, visitassem o ribeirão para beber água.

53



A anta albina fotografada no Legado das Águas – Reserva Votorantim por Luciano Candisani

Lembranças de uma infância difícil

O dia a dia era duro. Os filhos de seu Gumercindo e dona Mariana recordam as dificuldades que vivenciaram durante a infância difícil, pois era comum eles trabalharem muito na lavoura e no desmate de novas áreas:

“Levantávamos por volta das 5 da manhã. Tomávamos café com farinha e, às vezes, comíamos carne de porco, pois havia muitos animais naquela época. Para o almoço na roça levávamos um caldeirão de feijão com farinha e ovo frito. Comíamos por volta do meio-dia e só voltávamos para casa quando começava anoitecer. A família toda ia para a roça. Se havia algum bebê, o colocávamos deitadinho no canto da roça. Quando ele ficava maior, fazíamos um buraco no chão e ele ficava ali sentado com uma outra criança maior tomando conta”, relembram os irmãos.

Não havia distinção entre homem e mulher e todos trabalhavam por igual e se ajudavam mutuamente. Somente os membros da família trabalhavam. Ninguém de fora entrava na área.

54

Fazer a farinha era – e ainda é – um trabalho de grande importância, carregado de significados históricos e culturais para a família do Ribeirão da Anta. Farinha não pode faltar e nunca faltou. No Rio Bonito, a responsabilidade por ela ficava a cargo de dona Mariana e Laurentina, a filha mais velha. “Ela aprendeu fazer farinha com 10 anos de idade. Chegava até dormir ao lado do monjolo. Aprendeu com a mãe Mariana, que, por sua vez, tinha aprendido com sua mãe, Isabel”, relembram os irmãos.

O primeiro monjolo da comunidade do Ribeirão da Anta foi construído em 1949 por Antonio Vieira de Brito.

“É bonito de ver. Você quer ver um monjolo e tem lá. Quem vê isso? Ninguém vê mais isso. Ah, como faz uma peneira, como faz um balaio, você vai lá e você vê isso. Você chega lá e o tratamento é totalmente diferenciado.” Pastor Jorge Vieira Martins, secretário da Câmara Municipal há 27 anos



Os segredos da farinha de milho

Fazer farinha de milho artesanal não é um processo simples. Pelo contrário, é preciso conhecimento e prática. Primeiro, deve-se levar o milho em grão até o monjolo. Depois, bater por meia hora para a retirada da pele dos grãos. A seguir, é preciso mergulhá-lo na água do ribeirão envolto em sacos presos por pedras e cobertos com folhas de caeté para que os passarinhos não os rasguem.

Após duas ou três noites, o milho deve ser retirado e o excesso de água escorrido. Depois, deve ser colocado novamente no pilão do monjolo e batido. O próximo passo é colocar o milho na peneira e, após alguns movimentos constantes, o fubá começa a se depositar ao fundo de um balaio em forma de bacia apropriado para esta finalidade.

Em seguida, o fubá é levado ao paiol e cuidadosamente, em finas camadas, ele é colocado em uma chapa quente formada por um disco de ferro. A seguir, elas se transformam em exuberantes bijus, que, com o auxílio de ágeis mãos, são retirados do disco antes que queimem e colocados na peneira, onde são triturados de acordo com que se deseja. Ou seja, uma farinha mais fina ou grossa. No começo, toda a farinha produzida era para consumo exclusivo da família de seu Gumercindo e dona Mariana. Nada era vendido.

56

A cestaria em taquara

O conhecimento e a prática do artesanato de cestaria com taquara também vieram de Rio Bonito junto com a família de seu Gumercindo. "Alguns aprenderam um pouco lá. Outros aqui mesmo, no Ribeirão", relatam os irmãos. Um deles foi Geraldo, que, com 15 anos de idade, ficou doente e não podia ir à roça junto com seus irmãos. Ao ficar em casa, ficou observando uma mala feita com bambu. Depois, aprendeu um pouco sobre como manusear o bambu para, em seguida, aperfeiçoar seus conhecimentos com dona Marcolina, sogra de sua irmã Eliza, que, na verdade, foi quem ensinou o ofício da cestaria a quem quisesse ou precisasse aprender.

Naquela época, fazer cestas de taquara era uma necessidade porque, entre tantas utilidades que tinham, elas também eram usadas como malas em tempos da colheita do milho para transportá-lo até em casa. Também as peneiras feitas em bambu eram fundamentais para aventar o feijão.



A cestaria presente na fabricação da farinha

57



A OFICINA DA DONA ELIZA

Um lugar para fazer cestas e farinha e para receber visitas. Não há quem não goste

Seu Gumercindo benzedor

Quando alguém ficava doente era comum usar como remédio os chás e as rezas de seu Gumercindo. "Sim, ele era benzedor e, para conseguir seus dons, fazia suas orações em dias especiais e durante a noite. Após adquirir esses dons, atendia os doentes e orava", contam seus filhos.

"Meu avô ia até a cruz à meia-noite e lá fazia suas rezas. Dizia que ganhava força. Quando éramos crianças, tínhamos medo de passar por ali porque era o lugar onde descansava o morto, quando alguém morria no Pescador. Chegamos a ver dinheiro perdido ali no chão, perto da cruz, mas não pegamos com medo do morto. Ele era um homem com poder em suas rezas. Quando aparecia onça, rezava em torno das casas para o bicho não chegar."

Valdirene, filha de dona Eliza

Não ficava nenhum bicho na espiga de milho

58

"Não tinha praga da lavoura que resista às rezas do nosso pai. Ele rezava, passava no máximo três dias e não encontrávamos mais nenhum bicho nas espigas de milho. Infelizmente, nenhum de nós aprendeu a rezar como ele." Jurandir e Pedro, filhos de seu Gumercindo



Um susto daqueles

O maior susto aconteceu quando seu Gumercindo chegou em casa dizendo que havia atirado em um macuco e, quando foi buscá-lo, encontrou uma raposa. Ao correr atrás dela, ela desapareceu. Ao desistir da busca, sentiu que alguém ou alguma coisa o seguia: "Quando ele chegou em casa correndo, pediu que fechássemos tudo. Naquele dia ficamos muito assustados", lembram seus filhos.

Pilão para socar

*Toda casa tem um.
Era e é muito importante.
Ninguém vive sem ele.
E todos sabem utilizá-lo.
O pilão.
O pilão de socar.
Socar a paçoca,
comida que todos gostam
e sempre querem mais.
Pilão que socava a cana,
socar de noitinha,
fazer a garapa para
o café da manhã
do dia seguinte.
Pilão para quebrar
o milho do mingau de quirela,
que sustentava
até o almoço, hora de
comer feijão com farinha
e torresmo.
Eita comida boa!*



Moenda de cana

Máquina fundamental para família que tinha sua própria cana. Com a garapa faziam o café de cana.

Café de cana

"Não tinha açúcar e fazíamos o café com a garapa. Tomávamos para ir para a roça de manhã." Seu Zé Baixinho



As dificuldades eram grandes até mesmo para registrar a morte de alguém da família. "Eu me lembro quando o Marcílio morreu. Naquele tempo o Gumercindo não tinha condução e veio a pé fazer o óbito dele. Veio de madrugada de lá. Chegou bem cedo. Ele veio cansado."⁷

Apesar das dificuldades, eles adoravam onde viviam, adoravam o sertão. "Eu achava, no meu modo de pensar, que o Ribeirão da Anta era um povo que adorava viver no sertão. Era e ainda é um lugar rodeado de mata. Eu sabia que eles adoravam aquilo ali, aquela região."⁸

Embora morando no Ribeirão da Anta os membros da família ainda tinham Ibiúna como referência para atividades que necessitavam fazer na cidade. O deslocamento até lá durava dois dias e era difícil e cansativo.

Para superar esse problema, decidiram abrir uma trilha que chegasse até Tapirai. Poderia ser uma melhor opção, segundo ouviam dizer. "Abrir esse caminho pelo Morro Pelado foi uma das maiores dificuldades que enfrentamos nos primeiros tempos de Ribeirão da Anta. Para isso, resolvemos seguir o carreiro das antas", relatam os filhos de seu Gumercindo.

A estrada mais próxima do Ribeirão da Anta só chegou em 1968 e vinha até o Pasto Velho, onde agora está a Pousada Salve Floresta. Estrada mesmo direto ao Ribeirão da Anta só na década de 1980.

7 Pastor Mario Ventura da Silva. Durante 50 anos foi pastor da Igreja Assembléia e desde 1963 foi cartorário

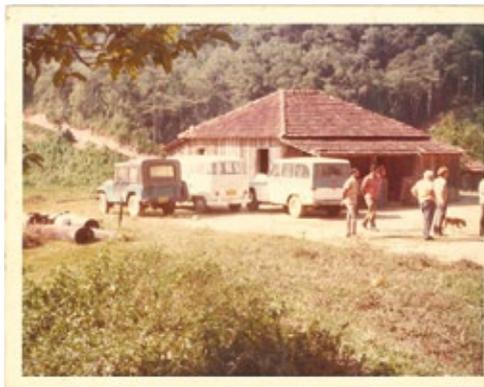
8 idem

Fazenda do Pasto Velho

O local onde funciona a Pousada Salve Floresta era propriedade de Benedito Messias. A estrada para Tapiraí começava ali, onde também foi instalada a primeira escola da região. Um lugar de encontro e apoio para os sertanejos. As missas também aconteciam no Pasto Velho

"No Pasto Velho foi construída e primeira escola da região. Na época, tinha que conduzir a professora até lá. Mas ela tinha de ir no lombo de animal e tinha medo. Então, o prefeito falou comigo. Eu tinha um desses jipão do Exército com três diferenciais. Eu me comprometi a levá-la até lá. Convidei meu cunhado para ir junto e levamos a professora até o Pasto Velho. Chegamos lá e já era tarde e fiquei preocupado em voltar à noite. Poderia chover e a gente ficar parado no caminho. Pousamos lá, no Pasto Velho. No outro dia de manhã, a gente foi despedir. Daí a professora, quase chorando, pediu para que trouxéssemos ela de volta, porque ela não ia conseguir ficar lá, naquele lugar. Ela disse que precisava muito deste trabalho, mas neste lugar não ia conseguir ficar. Porque era um sertão, uma mata bruta, ainda na época. Então, trouxemos ela embora. Ela era de Votorantim." Alvinho Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí por duas vezes

62



Sede da Fazenda do Pasto Velho

Viagem

Com a trilha para Tapiraí aberta, a família do Ribeirão da Anta começou a freqüentar a cidade, que conheceram antes da década de 40. A partir desta época, deixaram de ir a Ibiúna. A trilha passava pelo Benjamim Pinto de Moraes, pelo João Camiranga e pelo Pasto Velho, onde atualmente localiza-se a Pousada Salve Floresta.

Nessas viagens a Tapiraí, primeiro quinzenais e depois semanais, levavam em lombos de burro feijão, milho, frango caipira e palmito para venderem na cidade. Cada animal transportava até quatro dúzias de palmito, que, segundo os filhos de seu Gumercindo, era o produto que rendia mais dinheiro.

Era uma viagem muito difícil, que durava um dia todo, por isso só iam a Tapiraí os mais velhos e chefes de família. Saíam do Ribeirão da Anta bem cedo e chegavam à tardezinha. "Em dias de frio e chuva, tudo era muito pior. As trilhas ficavam com muitos rastros de burro, formando um caldeirão de barro", lembram os irmãos. Como não tinham como se proteger da chuva, garantiam uma troca de roupa seca para quando chegassem em Tapiraí. No caminho se alimentavam de virado de feijão com ovo.

Ao chegarem a Tapiraí, o grande cliente dos palmitos era o sr. Benedito Messias, que, gentilmente, ainda cedia uma casinha para que os viajantes pernoitassem. "Era uma casa de madeira. Nas noites de frio era difícil dormir porque o vento passava pelas frestas das paredes. Para nos aquecer, cobríamos com couro de boi", relatam os irmãos, descendentes de seu Gumercindo.

Na cidade, vendiam tudo e, com o dinheiro recebido, compravam o que não produziam no Ribeirão da Anta. Essas compras eram feitas no José Japonês, onde atualmente funciona a pastelaria Guaxupé, e na Casa Tiba, local em que também deixavam os produtos trazidos do Ribeirão da Anta. Na cansativa viagem de retorno, dependendo do dinheiro que tinham recebido, levavam açúcar, sal, arroz e metade de um pacote de banha.

"Nas noites de frio, o vento passava pelas frestas da parede da casa de madeira que o sr. Benedito Messias nos cedia."

Em Tapirai, frequentavam um lugar que era conhecido como Patrimônio



Tapirai na década de 1960





Os balaíos e peneiras só levavam se houvesse encomenda

Seu Benedito Messias e dona Emilia



Dificuldades para casar e enterrar parentes

Ainda hoje, quando se mora no interior e distante da cidade, há muitos desafios a serem superados. Imagine como era então nas primeiras décadas do século XX. Por isso, não foram poucas as dificuldades vivenciadas pelos bravos sertanistas que moravam em meio à Mata Atlântica no município de Tapiraí. Tudo era difícil, inclusive em momentos de grande alegria, como a celebração de um matrimônio ou de um batismo, ou de muita tristeza, como enterrar um parente recém-falecido.

Como o corpo das pessoas que morriam no Ribeirão da Anta precisava ser levado a Tapiraí era providenciada uma grade de madeira forrada com tecido. Sobre ela colocava-se o morto e partia-se a pé para a cidade. Normalmente, quatro pessoas o carregavam pelas trilhas. Mas o cortejo era acompanhado por cerca de 20 pessoas que iam se revezando pelo caminho na tarefa de transportar o falecido. Não se podia descansar o morto, porque, na época, acreditava-se que, se isso acontecesse, ele poderia vir assombrar aquele local no futuro. Se, por algum grande motivo, era necessário parar o transporte do morto, imediatamente se construía uma cruz no lugar.

66

Em situações mais agradáveis, como para se casar, por exemplo, o sacrifício não era tão menor. Também era necessário que todos fossem até Tapiraí. Todo o grupo, incluindo noiva, noivo, pais, padrinhos e demais convidados, saía do povoado na sexta-feira. "Caminhávamos juntos, contando histórias. Alguns iam a cavalo, em geral as crianças e os velhos. Pernoitávamos na casa cedida pelo sr. Benedito Messias e o casamento era realizado. Pernoitávamos mais uma noite e no domingo retornávamos ao Ribeirão da Anta", lembram os irmãos.

Para batizar uma criança escolhia-se um casal de boa reputação e uma jovem virgem. Todos se dirigiam à casa do recém-nascido e o batismo era realizado ali mesmo. Uma toalha branca era dada à jovem para segurar o bebê. Então, os pais colocavam uma pitada de sal na boca da criança e faziam o sinal da cruz na cabecinha do bebê. A seguir, falavam o nome da criança, que geralmente era escolhido pelos padrinhos. Depois, conforme a vontade dos pais, buscavam ou não o batismo na igreja.

Mais de 20 pessoas acompanham o cortejo do morto pelas trilhas que chegavam a Tapiraí



Cruz em um cruzamento da trilha que vem da Vila Verde para o Ribeirão da Anta. Aqui, algum morto descansou. Na foto, aparece Dorival, um dos netos do seu Gumercindo



Casamento de Nair e Pedro, no antigo cartório de Tapirai

Os sabores da roça

Naquela época a família do Ribeirão da Anta se alimentava de frango caipira com manjerona, palmito assado, feijão, farinha de milho, carne de porco, abóbora, mandioca, batata doce, mingau de alho, cambuquira (broto da abóbora), serralha, carne de caça e paçoca de carne de caça.

68



Varalzinho sobre o fogão a lenha, defumando a carne
Ovo assado na palha de milho



69



Os camirangas em Tapirai

Quando iam à cidade, eles eram rapidamente identificados como os camirangas, os moradores do Ribeirão da Anta. E, na verdade, surpreendiam a muitos. Como podiam morar no meio da mata, sem qualquer recurso, andando a pé, muitas vezes descalços, por longas e intermináveis horas pelo meio da floresta? O que os mantinham lá, tão longe de tudo e de todos?

“Eles vinham a pé, com burro. Quando eles começavam a vir, a estrada não chegava até o Pasto Velho, hoje o Salve Floresta. Parava no Léio. Eles tinham uma picada conhecida por Morro Pelado. Entravam por ela e saíam lá no Pasto Velho. Iam pelo alto da serra e desciam. Passavam ali no estaleiro e diziam que tinham saído de lá no clarear do dia, umas 6 horas da manhã. E até ali eles já estavam passando era meio-dia, meio-dia e meia. Só neste trecho eles gastavam umas seis horas e pra terminar mais umas quatro horas.”⁹

70 Sempre havia muita curiosidade sobre eles.

“A gente sempre tinha um contato quando traziam o palmito no João Messias. Aí, em tom de brincadeira, a gente perguntava como é que estava o sertão. Daí, eles contavam as histórias de onça e outras coisas que aconteciam por lá.”¹⁰

Tapirai foi uma grande cidade madeireira.

Não há notícia de que em qualquer momento as famílias da Comunidade do Ribeirão da Anta tenham derrubado uma árvore sequer para ser comercializada como madeira.

9 Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

10 idem



Transporte de madeira de lei, em foras, do Núcleo para São Paulo.

As nossas matas são ricas em madeiras de lei, dando cerca de 80 metros cúbicos por alqueire, de canela, cedro, óleo pardo, piuva, e de gumixaba, atualmente são procurada para carretéis e moveis, sendo inteiramente aproveitada, pois expctta-se até palitos de 3x3x40 cm.

As serrarias de S. Paulo procuram nossas madeiras no local, pagando 6\$ por metro cubico no pé, 20\$ para as já lavradas e 40\$ posta na estrada. Só com a madeira o sitiante paga algumas vezes o custo da terra.



Uma serraria em funcionamento nas terras de Milton Giancoli.

A escola no Ribeirão da Anta

As crianças cresciam, trabalhavam e também estudavam. A vida conseguia ser divertida para elas. Quando escola chegou na comunidade a criançada adorou a novidade. O professor ia de Tapiraí, mas só quando a estrada deixava. Em tempos de chuva e muito frio era difícil.

A primeira escola, a Escola de Emergência dos Camirangas, foi instalada em 1971 e funcionou até 1976, no Pasto Velho. A segunda, criada em 1980, foi a EE UEAC no Bairro Porto Raso, o que representou uma grande conquista para aquela comunidade já tão numerosa. Ela foi fechada em 1993, quando, no próprio Ribeirão da Anta, foi construída outra novinha que levou o nome de EE Bairro Ribeirão da Anta. Os professores que lá lecionaram não foram esquecidos: Nelci Duarte, Sonia Maria, Mara Elizabete Manzani, Catarina, Ediléia Leme de Moraes Campos, Neli Antunes da Fonseca e Edna Guazelli.

É bom lembrar que, quando crianças, os filhos de seu Gumercindo e dona Mariana não estudaram. Somente depois de adultos, com o advento do Programa Mobral, é que conseguiram frequentar os bancos da escola EEPG (UEAC). Já todos os netos foram à escola, com exceção de Iracema, filha da dona Ana, que também cursou o Mobral.

72

No início, o professor saía de Tapiraí para lecionar no Ribeirão da Anta. Mas quando fazia muito frio ou chovia ele não conseguia chegar.



Escola antiga do bairro

Alunos da escola.
Em pé, ao centro, Cilene Barros
(presidente da Associação Ribeirão da
Anta) ao lado de alunos da EEPG UEAC
Bairro Porto Raso. Foto de 1983 cedida
pela professora Neli Antunes da Fonseca



73



Sempre houve muitas crianças na Comunidade

A vida da comunidade ligada à água

A relação da comunidade com as águas que entrecortam a região é muito significativa. A primeira adjetivação que seu Gumercindo fez em relação à área que encontrou, dando a notícia à sua família, ainda em Rio Bonito, era que havia encontrado uma terra com “muita água”.

De fato. A água é, desde sempre, a grande riqueza de uma terra na qual se escolhe residir e ganhar o sustento da família. A região é entrecortada por dois ribeirões, alimentados por dezenas de nascentes no interior da mata, que se abraçam para, com maior volume de água, desaguar no Juquiá, rio que sempre foi usado para pesca.

A área defronte à comunidade é inundada. E a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), em 1974, completou o represamento das águas, fazendo desaparecer o leito do Rio Juquiá, a cerca de mil metros de distância, mas trazendo as águas da Represa do Alecrim, situada a menos de 300 metros das moradias. As águas do Rio Juquiá, tão importantes para a comunidade, estão ali, pertinho, como jamais eles puderam imaginar. Um presente para aquelas pessoas simples e batalhadoras que vivem quase às margens do grande lago da represa.

Com a represa às suas portas, pescavam mais, nadavam mais, passeavam de canoa e contemplavam a natureza e as obras de Deus às suas margens.

De canoa, navegando pela represa, levavam doentes para onde havia mais recurso, como, por exemplo, a Vila do Alecrim. Para a vila também transportavam produtos para serem vendidos aos seus moradores.

Os moradores do Ribeirão da Anta sempre tiveram uma relação de muito cuidado e respeito com os rios. Preservaram suas margens e sempre os usaram de forma muito respeitosa para pescar, tomar banho, passear e como meio de transporte, principalmente para socorrer doentes. Além disso, o peixe sempre foi um alimento importante para o sustento de todos.

Nas águas dos rios que cortam a região também batizavam seus filhos.

A região é entrecortada por dois ribeirões, alimentados por dezenas de nascentes no interior da mata, que se abraçam, para, com um maior volume de água, desaguar no Rio Juquiá



Muita água e água boa, limpa



Represa de Porto Raso, Legado das Águas – Reserva Votorantim

NUCLEO COLONIAL SANTA CATARINA



Um dos muitos fornos de carvão em funcionamento.

São Paulo consome cerca de 50.000 sacos por dia de carvão vegetal ou seja um milhão e meio de sacas por mez, que gastam a madeira de 750 alqueires de chão, de matas já bem distantes da Capital.

As rossas matas, por serem viçens, e não capoeiras, produzem um carvão de melhor tipo, mais forte, com grande aceitação nesta praça.

Devido ao frete barato acha-se já organizado um comercio em grande escala, vindo os compradores procural-o no proprio Nucleo.

Cada alqueire de mata produz aproximadamente 4000 sacas de 35 quilos e SÓ COM O CARVÃO O SITIANTE PODERÁ PAGAR QUATRO OU CINCO VEZES O VALOR DO TERRENO.



Transporte de carvão do Nucleo para São Paulo.

Tapirai produzia muito carvão
Não se tem notícias de que os moradores do Ribeirão da Anta fizeram
e comercializaram carvão, pois eles sempre respeitaram muito a mata

A força da fé

Seu Gumercindo e sua família eram católicos. Ele tinha muita fé. Diversas vezes foi picado por cobra, mas nunca foi ao um hospital. Gostava de contar histórias sobre como conseguiu o dom para benzer as pessoas. Várias destas histórias ainda rondam a memória de seus filhos, netos e bisnetos, histórias que todos acreditavam fielmente, como esta a seguir.

“Certa vez, ele encontrou uma menina no meio da mata que o levou a uma caverna no meio de várias pedras. Nesta gruta havia ouro, além de muitos objetos também feitos de ouro. A menina disse a ele que poderia pegar o que quisesse. Ele, então, saiu correndo para buscar os filhos. Quando retornaram à mata, nunca mais encontraram aquele lugar.”

Na comunidade eram realizadas muitas festas, principalmente em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e a São Gonçalo. As Danças de São Gonçalo do Ribeirão da Anta eram bastante famosas e uma das grandes alegrias de seu Gumercindo era participar dessas festas.



Tradicional festa de São Gonçalo na Comunidade Ribeirão da Anta

Havia bandeira, mastro com a imagem de santos e cordões amarrados. Durante as festas eram realizados leilões, cujo lucro ficava com o festeiro. Para comer não faltavam carne de leitoa, frango caipira, arroz, feijão e farinha de milho. E, como na época não havia panelas, cozinhava-se em latões de banha, no mesmo fogão em que se fazia a farinha.

Todos os anos os membros da família tinham um compromisso sagrado. Em dezembro, entre 30 e 40 pessoas se apertavam por 12 ou 14 horas em cima de um caminhão pau-de-arara para viajar até Aparecida do Norte. Eles permaneciam em Aparecida por três dias hospedados em um local chamado Casa do Romeiro. Para dormir, levavam as esteiras de casa.

*Todos os anos havia um compromisso sagrado:
viajar até Aparecida do Norte*

Povo muito religioso

78

As visitas a Aparecida do Norte foram freqüentes até 1983, quando todos já haviam se convertido à Igreja Assembléia de Deus do Ministério de Belém. Esse processo havia começado em 1978, com o testemunho de uma neta de seu Gumercindo chamada Iracema Faria Cardoso e seu marido Elviro Francisco Cardoso.

As pessoas que mais influenciaram a conversão para a Assembléia de Deus foram os presbíteros Alvino Guilherme Marzeuski, pastor Mario Ventura e Alzari Lourenço e o pastor Joaquim Lima, do Bairro Alecrim.

Dessa forma, a primeira cerimônia de batismo na própria comunidade foi realizada em 1995 em um local conhecido como Tubão, às margens da Represa Alecrim. Mário Ventura foi o primeiro pastor designado para o Ribeirão da Anta e os primeiros cultos aconteceram na residência de dona Iracema.

Depois, passaram a ser realizados um salãozinho de madeira utilizado como igreja que tinha por volta de 30 metros quadrados e acomodava entre 30 e 40 pessoas. João Pires de Godoy era o pastor local e Mario Ventura, pastor da sede.



As visitas à cidade de Bom Jesus de Pirapora eram frequentes

79



Seu Gumercindo, doente e de cama, ao lado de dona Mariana, em Pirapora do Bom Jesus

A igreja atual, um prédio bonito e majestoso, foi construída por iniciativa do pastor João Pires de Godoy e erguida em sistema de mutirão pelos próprios moradores. Ela foi construída sem que o pequeno salão de madeira fosse destruído. Assim, durante as obras, a comunidade não ficou sem seu espaço para celebrar os cultos. Coube ao pastor Donizete Lourenço inaugurar a nova Igreja, no ano 2000, durante a realização de uma Festa do Círculo de Oração.

“Povo unido, trabalhador”

“Há mais de 30 anos que começamos a evangelizar aquele bairro. Comecei na casa do Elviro, esposo da Iracema, lá no Ribeirão da Anta. Depois, João Godoy arrumou um salão pequeno de tábuas mais pra baixo. Todo domingo a gente ia lá para fazer culto lá. Perto do salão tinha uma ou duas jabuticabeiras muito grandes. Na época que eles começaram a construir a igreja nova já tinha saído de lá. Era 1999. No sentido secular a gente via que era um povo trabalhador. Sofredores, porque naquele tempo nem estrada tinha ainda. Era uma estrada muito precária. No começo, a gente chegava de carro até no alto, onde era do Mário Xavier. A gente deixava o carro lá e descia a pé para o Ribeirão da Anta. A gente andava lá no bairro, visitando tudo a pé. Era um povo unido, trabalhador. Trabalhavam mesmo para ganhar o pãozinho de cada dia deles. Povo bom. (...) Vivemos bem, sempre tivemos boa amizade, não tivemos rivalidade, nenhuma discórdia. Falava que era bom para pescar. Fizemos muitos batismos no rio que descia para a represa. Quando fazíamos batismos era cinco, seis, oito, dez pessoas... Às vezes até mais de cada vez. (...) A gente tem muita lembrança das caminhadas que a gente fazia no meio do mato pra visitar as pessoas. Era só a parte espiritual, a parte da pregação. Porque a parte social quase que não houve necessidade da igreja acudir eles lá. Na medida do possível tudo é simples. Eles plantavam lá. Plantava milho feijão cana, abacaxi, muita goiaba. Então, a parte social, se houvesse necessidade a igreja dava recursos. Mas eles lá nunca precisou que a igreja desse um pão. Eles tinham de tudo, criavam, aves, porco.” Mario Ventura da Silva, pastor há 50 anos da Igreja Assembléia e cartorário desde 1963

Templo aberto a todos

"A Comunidade Ribeirão da Anta é uma comunidade que não só é respeitada pelos Poderes Públicos, mas também por todas as outras comunidades, inclusive pela nossa Assembléia de Deus, que respeita a comunidade até porque a nossa Igreja é a única que se faz presente naquela comunidade. A Igreja lá começou com o saudoso presbítero João Godoy. Ele fez parte dos pioneiros que foram evangelizados e começou a evangelizar os demais. Começou na casa dele e ele mesmo cedeu um espaço maior e juntou com a comunidade e construiu aquela igreja. Embora ela pertença à Assembléia de Deus, Ministério de Belém, foi construída de forma voluntária pela própria comunidade, tendo como autor e precursor daquela construção o saudoso João Godoy, que foi o presbítero daquela Igreja até seu falecimento e hoje passa para os seus descendentes, que é o genro dele, dirigente daquela Igreja.

Porém, foi a própria comunidade que se estabeleceu e hoje nós temos a felicidade de ser a única comunidade espiritual presente naquela comunidade. (...) O templo é muito bonito e não abriga só a comunidade evangélica, mas qualquer reunião daquela comunidade, independente do credo, da religião, da denominação a que pertença, nós sempre cedemos aquele espaço para fazer reunião, como o próprio Legado das Águas. Aquele prédio é da Igreja Assembléia de Deus. É uma cessão de uso dada pela própria família para a Igreja."
Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus, Ministério de Belém; 60 anos de Tapirai; secretário da Câmara Municipal



Antigo salão de madeira onde eram celebrados os cultos

82

Os cultos também aconteciam na antiga escola da comunidade com o quadro negro coberto por um pano vermelho





Construção da nova igreja da Assembleia de Deus na Comunidade. Para não ficarem sem local para os cultos, o pequeno salão de madeira não foi derrubado. As paredes da nova Igreja foram erguidas ao seu redor



Ribeirão da Anta une todas as raízes e origens

O tempo passou. Filhos e filhas de Gumercindo e Mariana há muito deixaram de ser crianças e se transformaram em homens e mulheres prontos a escreverem suas próprias histórias, como adultos enamorados ou casados. Dessa forma, a família do Ribeirão da Anta cresce, se revitaliza e se consolida com a chegada de genros e noras. Catarina casa-se com Adão. Ana com Alino. Geraldo com Florinda. Eliza com João. Pedro com Eva. José com Odília. Paulina com Marcílio. E, por fim, Jurandir com Benedita.

O Ribeirão da Anta acolhe e sincretiza todas as origens: Rio Bonito, Rio Novo, Pescador e Iguapano, após quase um século de ocupação da região. Adão e João são filhos de Marcolina, filha de Benedito Francisco Xavier, fundador do Bairro Pescador. Odília e Florinda são netas de Marcolina e de João Batista Rodrigues, fundador do Bairro Iguapano. Marcílio é neto de Benjamim Pinto de Moraes, fundador do Bairro Rio Novo. Eva é neta de Marcolina e bisneta de Benedito Francisco Xavier. Alino é de Rio Bonito e bisneto de Benedito Francisco Xavier.

84

Todos casados e residindo no Ribeirão da Anta, com exceção de Pedro e Catarina, que escolhem morar no Bairro Pescador. Assim, depois de várias uniões, o bairro aumenta e a comunidade se fortalece. As casas se multiplicam. Tudo se torna mais pulsante e divertido.

Netos e netas de Gumercindo e Mariana começam a nascer. A comunidade se enche de vida. Renova-se a cada nascimento e é mais santa a cada batizado. Mas nem tudo é alegria. A primeira neta, ainda bebê, como um anjinho, retorna para Deus. Talvez essa tenha sido a maior tristeza vivida por seu Gumercindo, que custou a se recuperar-se de tanta dor.

51 netos e 115 bisnetos

Gumercindo e Mariana tiveram 51 netos. Como parteiros foram as avós e o tio Romão, cunhado do João, esposo da Eliza, o rezador. O casal teve, ao todo, 115 bisnetos. Catarina tem 16 netos. Ana, 18. Geraldo, 20. Eliza, 14. Pedro, 8. José, 11. Paulina, 13. Jurandir, 13. Por fim, Laurentina, 3 netos.

Paulina e Marcílio



Geraldo com Florinda



José e Odília



Ana e Alino



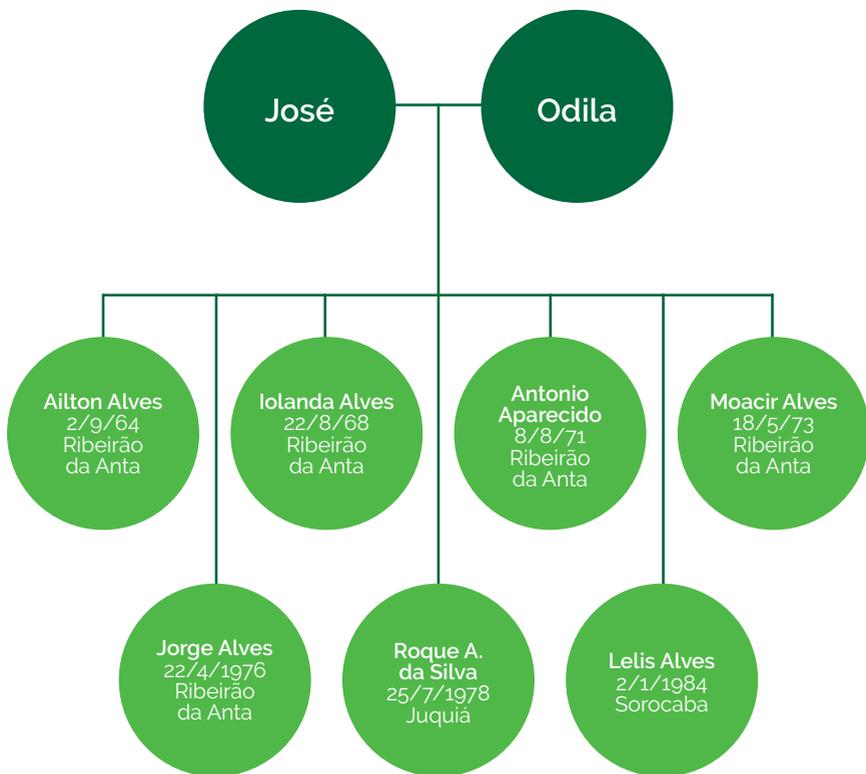
Laurentina com
Honório Antonio

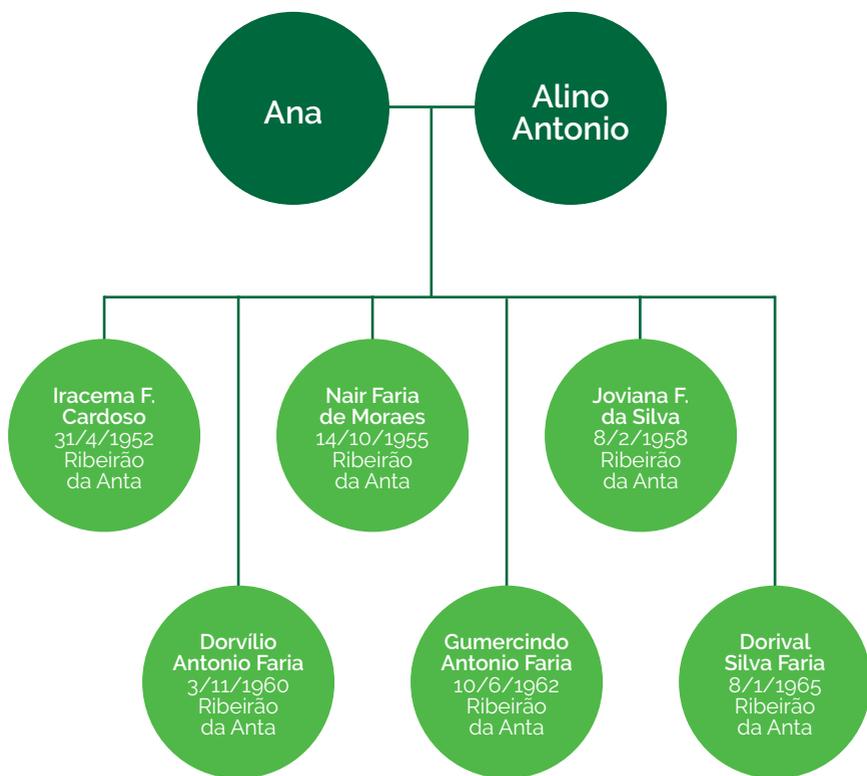
Eliza e João Godoy

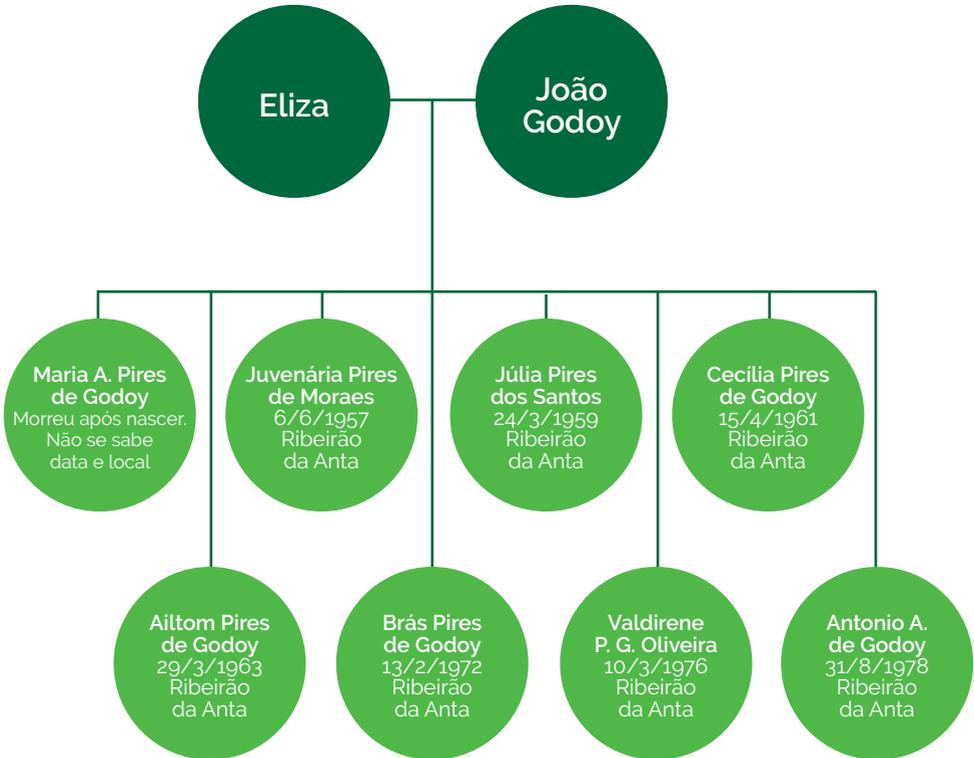
Catarina com Adão

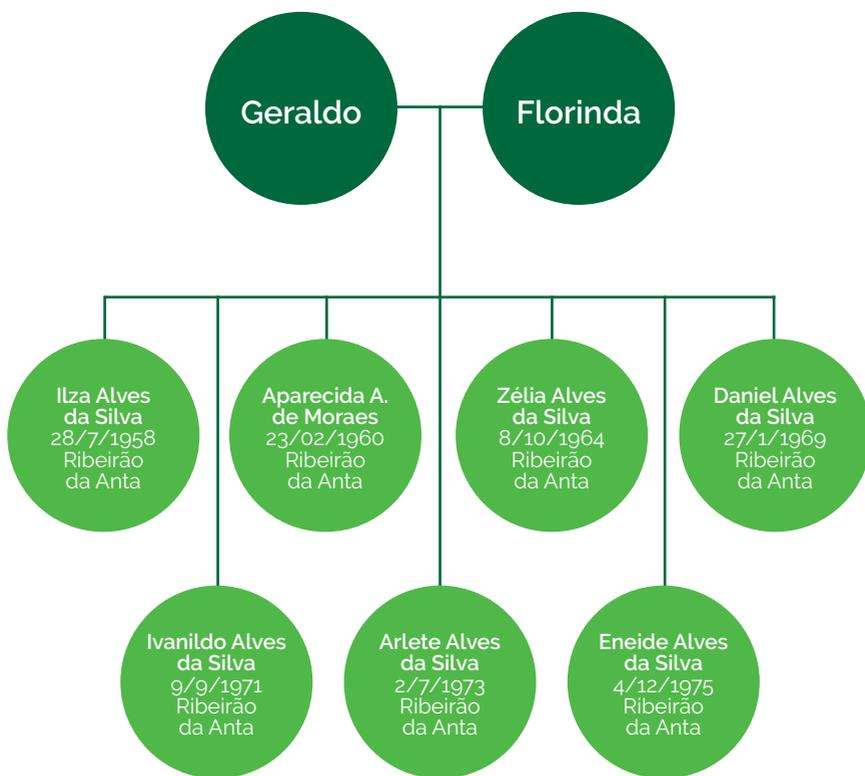
Todos os filhos, filhas, genros, noras e netos de seu Gumercindo e dona Mariana

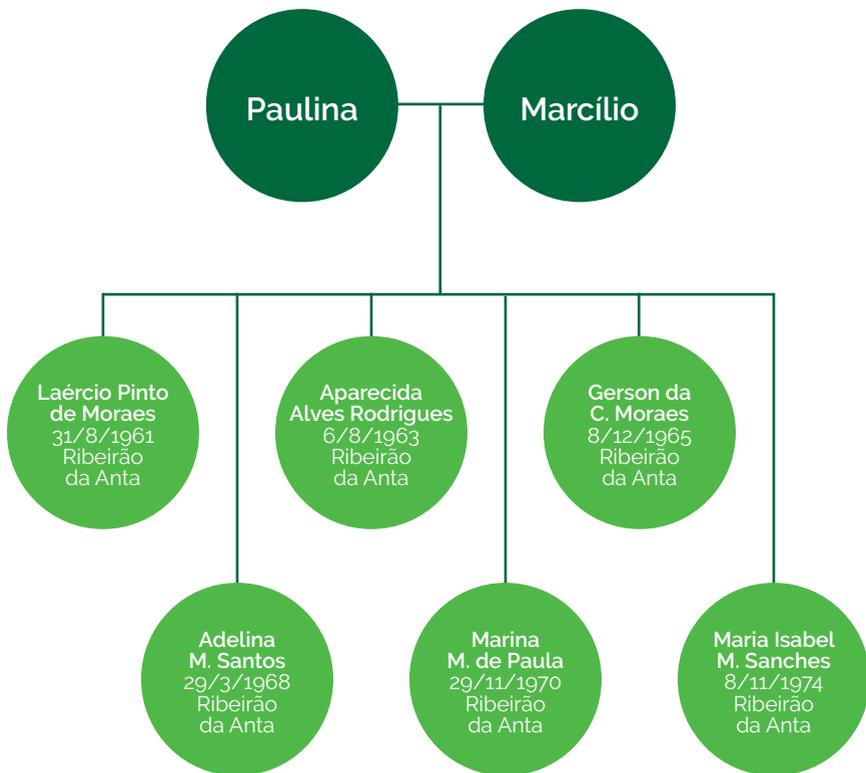
86



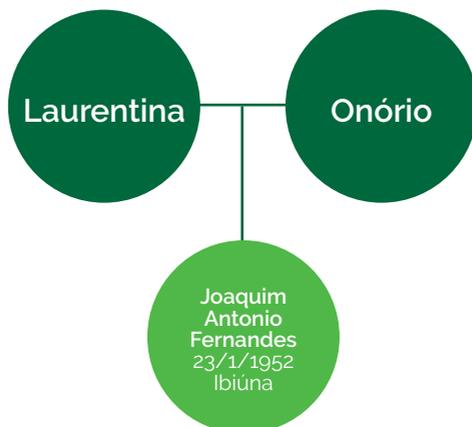


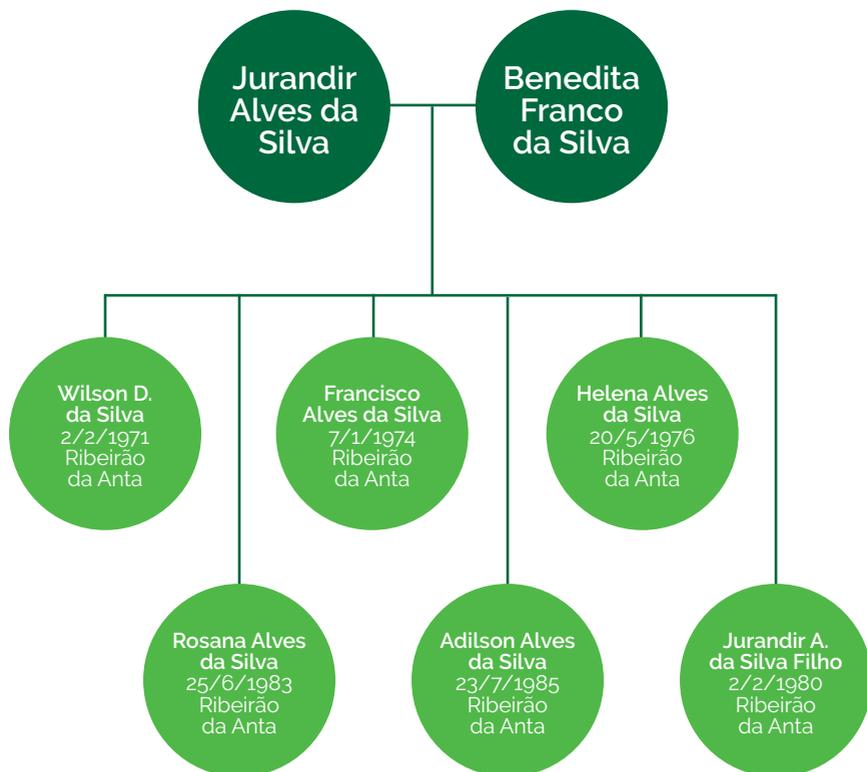






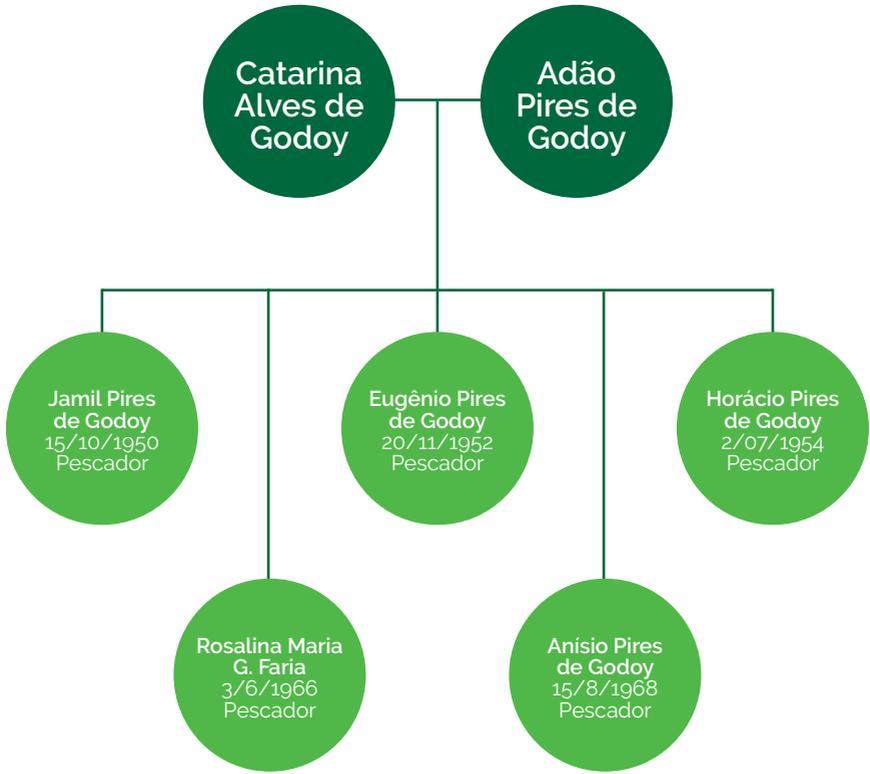
90

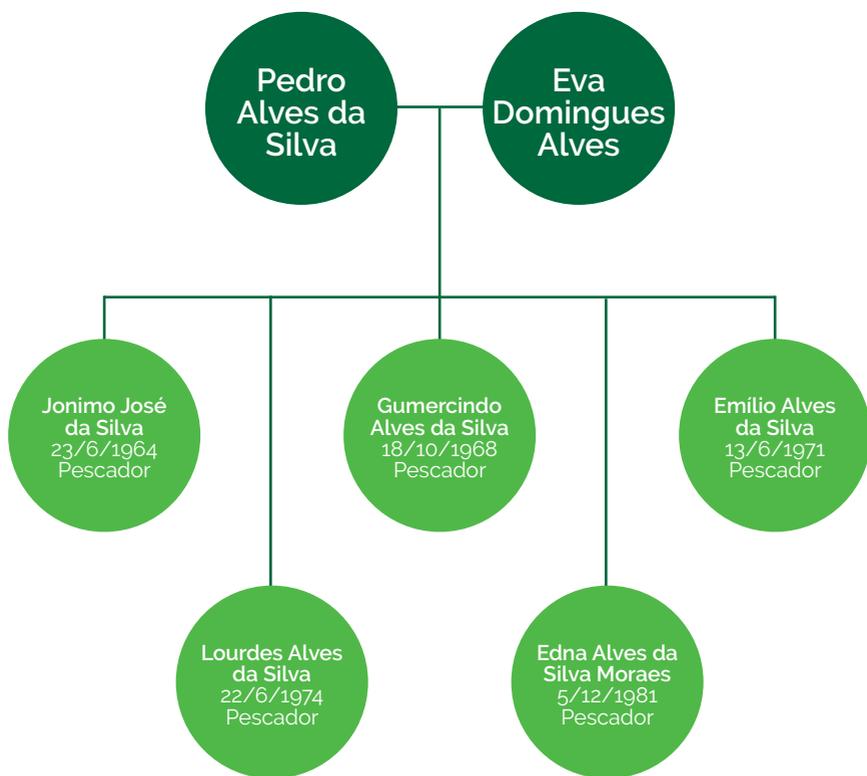




Os berços de taquara – cestas que guardavam a vida – eram pendurados no teto do quarto, em cima da cama. Tudo feito com muito carinho e cuidado. Este, da foto ao lado, tem mais de 60 anos de existência







Como se pode ver acima, de todos os netos, somente três não nasceram no Ribeirão da Anta: Joaquim Antonio Fernandes, Roque Aparecido da Silva e seu irmão Lelis Alves da Silva.

Um parto difícil!

Antonio deu trabalho para nascer. Dona Eliza sofreu três dias com fortes dores. Sem apoio médico na comunidade no meio da mata ela se apegava às rezas. Antonio estava na posição errada para nascer – estava “atravessado”. Tentaram ajuda. De canoa, pela represa, foram buscar o farmacêutico do Bairro do Alecrim. Mas ele recusou a vê-la, dizendo que não tinha jeito e não queria se envolver com um fim que seria inevitável.

Dona Eliza e o pai Gumercindo apegaram-se às rezas. No terceiro dia, depois de muito sofrimento, Antonio foi para a posição certa e veio ao mundo.

Antonio quase não nasceu.

Os chás curavam dor de barriga, resfriado ou alguma coisa mais séria. Chás e as orações do seu Gumercindo, um homem de fé, o padrinho carinhoso dos netos e das netas.

94



**Dona Eliza e o bebê Antonio,
que quase não nasceu.
Abaixo, Antonio já adulto**



"Comprei estas telhas em Tapiraí. A loja onde comprei entregou as telhas no Pasto Velho, porque não tinha estrada que chegava até aqui. Lá no Pasto Velho tinha uma escola e as crianças daqui iam todos dias na aula. Iam caminhando pela trilha. Então, pedi para as crianças trazerem uma telha toda vez que voltassem da escola e eu dava um dinheirinho para elas. Assim, foi que as telhas chegaram até aqui. O meu pai Gumercindo montou uma olaria no bairro Pescador. Todas as casas lá foram cobertas com telhas fabricadas ali mesmo. Meu pai sabia fabricar telhas porque tinha trabalhado com isso no Rio Bonito, antes de vir para o Ribeirão da Anta". José Alves da Silva, também conhecido como Zé Baixinho, filho de Gumercindo

"Esta é a sela da professora. Eu ia buscar a professora para dar aula para as crianças da comunidade. Colocava a sela num burro e ia puxando ele até ao encontro dela no Pasto Velho, que era até onde ela podia vir de carro". Seu Geraldo, filho de Gumercindo



A morte do fundador da Comunidade Ribeirão da Anta

Em 21 de setembro de 1987, aos 82 anos de idade, na Santa Casa de Misericórdia de Tapiraí, morre, por insuficiência respiratória, o avô e padrinho Gumercindo, fundador da Comunidade Ribeirão da Anta. Deixa a viúva Mariana e filhos Catarina (com 59 anos), Ana (com 57), Eliza (52), Geraldo (55); José (49), Pedro (46), Paulina (44) e Jurandir (41).

A família, claro, toda sentiu a perda de um pai, avô e bisavô tão querido. Mas... é a vida... E o tempo foi passando para os netos e bisnetos de Gumercindo e Mariana. Eles foram crescendo e amadurecendo naquele pedaço de terra protegido pela grande floresta. Um dia a dia simples, sempre feliz e amoroso. Fortes laços familiares costurados diariamente. Muito trabalho e uma vida piedosa alimentada pela presença dos pastores da Assembléia de Deus. As orações nas casas, o primeiro salão de cultos e a construção da Igreja, lá em cima. Um santo lugar para receber a todos, moradores e visitantes.

Em 1994, a vovó e bisavó Mariana também falece, indo ao encontro de Gumercindo, seu esposo, com quem havia se casado na igreja católica 72 anos antes (ou seja, em 1922), na região do Bairro Rio Bonito, município do Una, atual Ibiúna.

96



A casa de seu Geraldo e da dona Florinda, a mais antiga da Comunidade



Dona Mariana, em 1994, ano em que faleceu



"A minha mãe era uma mulher muito lutadeira, trabalhadeira. Ela enfrentava toda dificuldade. Não questionava problema, o que tinha pra fazer, o que não tinha pra fazer. Viajava daqui, ela fazia esta jornada de lá do sítio aqui, do quatro e meio, ia de noite prá lá visita onde morava os veios lá e ela enfrentava, aqui eu mais o Pedro meu irmão, nós ia de noite com ela. Então, ela enfrentou aquilo, com dor, com doença que ela tinha no olho, ela tinha problema, ela enfrentou este sertão aqui, desde o começo com o marido dela e com a família. Nos começo, então, ela sempre foi uma mulher lutadeira. Ela fazia tudo. Saía daqui para ir lá no Tapiraí. Saía daqui, ia no Alecrim pra vender as coisas, uma banana, levar uma qualquer outra coisa, laranja, mandioca, batata, tinha muito né, que a gente plantava aqui. Ela nunca pôs dificuldade, ela sempre lutou até o fim da vida dela, que ela chegou a falecer com 90 anos. Ela nunca pôs dificuldade, ela sempre lutou junto com os filhos, trabalhando na roça, trabalhando, carregando caldeirão de comida na cabeça, pra levar pra nós que trabalhava. Ela ia, levava umas coisa na mão. Aqui, só vivia de lavoura, desde o quatro e meio, até aqui, só vivia de lavoura. Não trabalhava de empregado de ninguém, só de lavoura. Era milho, era feijão, era cana, que a gente fazia o café. Então, ela sempre foi uma lutadeira, uma mãe exemplar, educada, respeitosa, amava a família com o maior carinho, amava o marido, o meu pai. Amava toda a família dela. Fazia tudo pelas netas, corria atrás do que fosse preciso para a saúde, ela corria atrás. Fazia aqueles medicamentos caseiros. Quando nós era criança e tava com problema, ela pegava, porque aqui não tinha acesso de sair fora, ela pegava e fazia um chá, ela raspava o cifre do veado, o chifre do boi, o chifre do carneiro, o puejo, o hortelã, fazia um xarope e dava pra problema de lombriga. O médico não sabe, mas ela fazia tudo isso aí. Minha esposa sabe fazer também, ela deixou todo exemplo para as filhas dela, ela deixou todo o exemplo. Ela ia pra o Alecrim de barco, íamos todo junto."

José Alves da Silva, também conhecido como Zé Baixinho

A comunidade amadureceu e, com o tempo, se tornou um bairro de Tapiraí. Aparece na Planta Planimétrica do município, tem energia elétrica e ônibus para chegar até a cidade, já teve escola, tem campo de futebol e tem a sua igreja. O lugar está mais bonito e o trabalho já não é tão intenso, porque a idade já não deixa se trabalhar tanto.

98



Trilha no Ribeirão da Anta que, após 50 minutos de caminhada, leva ao cruzeiro e à Vila Verde

A escola - Centro das Tradições Caboclas do Ribeirão da Anta

Em 1987 foi inaugurada a E. E. P. G. Bairro Ribeirão da Anta. Hoje, abriga o Centro de Tradições Caboclas do Ribeirão da Anta.



Campo de futebol da comunidade

A luta pelo reconhecimento legal e pela titulação da propriedade é uma realidade que sempre foi uma preocupação de todos, desde o seu Gumercindo, no passado, até os seus filhos, netos e bisnetos, que atualmente propuseram junto ao Poder Judiciário uma ação de Usucapião.

A cerca

Por questões fundiárias, os moradores perderam por um período o acesso às águas da represa em frente ao portão da comunidade – uma referência de identidade individual e coletiva muito importante. Com isso, eles ficaram sem poder pescar, nadar, passear e levar turistas para conhecer o lago e as cachoeiras. O acesso foi restaurado à comunidade pelo Poder Público. Em 2017, a Associação Cabocla do Bairro de Ribeirão da Anta participa da Comissão de Disciplinamento para criar regras de uso e conservação desta via.





Desapropriação da área defronte à Comunidade Ribeirão da Anta, garantindo o acesso dos moradores às águas da Represa Porto Raso. 21.12.16



Prefeito Araldo Todesco faz a leitura do Decreto Municipal de Desapropriação



Nas águas da represa, a comunidade

"Meus familiares sempre utilizaram aquele espaço como meio de sobrevivência e de lazer. Um local bem cuidado e preservado. Minha mãe conta que, assim que cheguei da maternidade, o barco foi meu primeiro meio de transporte. Cheguei à comunidade através das águas daquela represa e muitos outros daqui também."



103

Com a regularização do acesso, a volta aos barcos, aos passeios e às pescarias

Ascendentes e descendentes dos pioneiros descobrem-se e apoderam-se de sua qualidade de comunidade tradicional. Assim, em 18 de outubro de 2015, criam, com a realização de uma participativa assembleia, a Associação da Comunidade Cabocla do Bairro Ribeirão da Anta, já elegendo e dando posse à sua primeira diretoria, que teve, como primeira presidente, Cilene Barros, bisneta de seu Gumercindo e dona Mariana.

104



No dia 18 de outubro de 2015, na comunidade Ribeirão da Anta, com mais de 150 pessoas presentes, foi realizada a assembleia de eleição e posse da primeira diretoria da Associação



Prefeito Araldo Todesco em reunião na Comunidade Ribeirão da Anta

Os passos seguintes foram dar início a várias conversas com algumas lideranças políticas de Tapiraí. Após essas primeiras ações, tanto a Prefeitura quanto a Câmara Municipal passaram a se posicionar pela defesa e pela preservação da Comunidade Ribeirão da Anta, primeira e até 2017, única comunidade tradicional reconhecida no município.



BAIRRO RIBEIRÃO DA ANTA



A Comunidade Ribeirão da Anta está localizada na Mata Atlântica, acesso pela estrada Gumercindo Alves da Silva (TPR 188), que leva até a CBA.

É a única comunidade tradicional do município de Tapiraí. Constituída a mais de 80 anos pelo Senhor Gumercindo Alves da Silva, a Comunidade Ribeirão da Anta é mais antiga que Tapiraí, fazendo parte de sua identidade histórica e cultural.



Nove irmãos preservam a cultura e a Mata Atlântica - Catarina (87 anos), Geraldo (83 anos), Eliza Maria (80 anos), José Alves (77 anos), Ana Alves (85 anos), Pedro Alves (74 anos), Paulina Alves (73 anos), Jurandir Alves (69 anos), Laurentina Alves (falecida). Nove irmãos com 45 filhos, 102 netos e 34 bisnetos.

Na Comunidade Ribeirão da Anta o usufruto da terra é fundamentado em costumes e tradições familiares, com a sua própria organização social, cultural e econômica. Os moradores ajudam-se mutuamente, cuidando um do outro, em fortes relações de solidariedade entre as famílias.



Sempre, ao longo de quase um século de história, os moradores da Comunidade Ribeirão da Anta mantiveram uma relação histórica com as águas da Mata Atlântica, primeiramente com o Rio Juquiá, e depois do represamento, com as águas da Represa do Alecrim.



Acontece que, agora, depois de mais de 35 anos da criação da Represa, os moradores foram impedidos de acessarem suas águas, com a colocação de cerca de arame farpado (sete fios) e a presença de seguranças. Para acessar a Represa os moradores serão obrigados a andarem por vários quilômetros, sendo que, por mais de 30 anos, bastava atravessarem a estrada defronte a Comunidade. Uma situação absurda de violência à identidade histórica e cultural de Tapiraí, à dignidade humana, aos idosos e ao bom senso.

Essa situação não pode continuar assim. Tapiraí, seu povo e suas autoridades não aceitam esta violência.





Como primeira ação e desafio da Associação é proposto um abaixo-assinado que circulou entre os habitantes de Tapiraí, informando que os moradores da comunidade estavam proibidos de entrar na represa. Com essa ação, eles pediam apoio popular em relação às medidas que a Prefeitura e a Câmara Municipal pudessem tomar em defesa da comunidade Ribeirão da Anta.

O prefeito Araldo Todesco também assina o documento em defesa da Comunidade Ribeirão da Anta

106

346

ABAIXO ASSINADO

EM DEFESA DA COMUNIDADE DO BAIRRO RIBEIRÃO DA ANTA

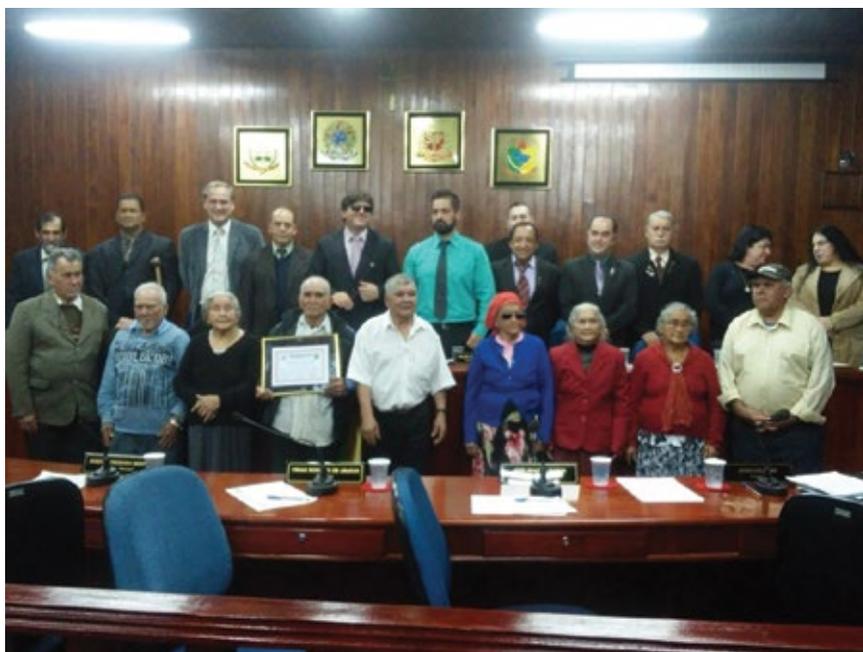
Nós, abaixo assinados manifestamos o NOSSO APOIO ao Prefeito Municipal e Vereadores Municipais do Município de Tapiraí, Estado de São Paulo, em suas ações de proteção e promoção da Comunidade Tradicional do Bairro Ribeirão da Anta, principalmente em relação às seguintes providências: a. Que os moradores do Bairro Ribeirão da Anta voltem a ter acesso livre e irrestrito, sem ameaças e intimidações, às águas da Represa, em área de frente ao Bairro, do outro lado da estrada, conforme já o fazem a décadas; c. Que o Bairro do Ribeirão da Anta seja declarado publicamente e legalmente, Patrimônio Histórico Cultural do Município de Tapiraí, derivando desta condição os direitos constitucionais reconhecidos a uma Comunidade Tradicional; d. Que seja reconhecido e protegido o Direito de Território do Bairro Ribeirão da Anta, enquanto Comunidade Tradicional; e. Que os moradores do Bairro Ribeirão da Anta, na sua maioria idosa, tenham a proteção legal a que têm direito por parte dos órgãos de segurança pública e do Poder Judiciário, evitando serem intimidados, ameaçados e conduzidos ilegalmente contra a sua própria vontade, como já aconteceu, e foi relatado em Sessão Ordinária da Câmara Municipal, e ao Órgão do Ministério Público em Piedade.

	Nome	R.G.	ASSINATURA
1	Vilto A. de Oliveira	22.210.232	<i>[Signature]</i>
2	Wagner de S. R. Rocha	4200121-2	<i>[Signature]</i>
3	Francisco Antônio Braga	40116.367-6	<i>[Signature]</i>
4	André de Oliveira Rodrigues	44.540.043-9	<i>[Signature]</i>
5	Renany de G. Rodrigues	52.660.621-3	<i>[Signature]</i>
6	Wesley de S. F. Pereira	25.252.441-X	<i>[Signature]</i>
7	Wesley de S. F. Pereira	43.201.922-2	<i>[Signature]</i>
8	Wesley de S. F. Pereira	32.001.763-1	<i>[Signature]</i>
9	Wesley de S. F. Pereira	277.114	<i>[Signature]</i>
10	Wesley de S. F. Pereira	48.512.816-X	<i>[Signature]</i>
11	Wesley de S. F. Pereira	109.765.000-2	<i>[Signature]</i>
12	MARCO A. dos S. CHAGAS	70.926.621	<i>[Signature]</i>
13	Regenory M. da Silva	14.612.114	<i>[Signature]</i>
14	SANTO DO S. LIMA	34.400.144-7	<i>[Signature]</i>
15	Wesley de S. F. Pereira	27.675.253-V	<i>[Signature]</i>
16	Wesley de S. F. Pereira	52.101.827	<i>[Signature]</i>
17	Karlson Santana Vargas	443.223.211	<i>[Signature]</i>
18	Wesley de S. F. Pereira	22.222.009-5	<i>[Signature]</i>
19	Wesley de S. F. Pereira	31.682.720-6	<i>[Signature]</i>
20	Wesley de S. F. Pereira	30.200.000-3	<i>[Signature]</i>
21	Wesley de S. F. Pereira	24.322.903-6	<i>[Signature]</i>
22	Wesley de S. F. Pereira	14.167.000	<i>[Signature]</i>
23	Wesley de S. F. Pereira	43.526.198-1	<i>[Signature]</i>
24	Wesley de S. F. Pereira	15.540.974	<i>[Signature]</i>
25	Wesley de S. F. Pereira	13.488.643	<i>[Signature]</i>
26	Wesley de S. F. Pereira	46.602.448-4	<i>[Signature]</i>
27	Wesley de S. F. Pereira	54.729.933-7	<i>[Signature]</i>
28	Wesley de S. F. Pereira	10.670.021	<i>[Signature]</i>
29	Wesley de S. F. Pereira	40.969.369	<i>[Signature]</i>

Comunidade forte e sempre unida

Depois de algumas semanas, o documento, que reuniu mais de 2 mil assinaturas, foi entregue ao prefeito e aos vereadores. A comunidade se mostrava forte e unida e a associação que lhe representava teve uma importante e reconhecida atuação, tornando-se, com certeza, a organização civil com maior participação e comprometimento do município.

Esse movimento fez com que fosse instituído o Dia Municipal da Comunidade Ribeirão da Anta a ser celebrado todos os anos em 5 de outubro. Depois, em uma iniciativa conjunta de todos os vereadores de Tapirai, aconteceu na Câmara Municipal, que ficou pequena para tanta gente, uma concorrida cerimônia na qual os filhos de Gumercindo e Mariana foram homenageados sob intensos aplausos de netos e bisnetos. O prefeito também estava presente e os discursos evidenciavam a importância do Ribeirão da Anta para o município e para a região.





Evidências de reconhecimento da Comunidade Ribeirão da Anta

Comunidade tradicional

É uma Comunidade Tradicional Cabocla, reconhecida como tal tanto local como regionalmente. É a cultura tradicional valorizada e evidenciada.

O Ribeirão da Anta sempre foi vista, reconhecida, entendida e respeitada como uma importante comunidade rural¹¹ do município de Tapirai. A Comunidade faz parte da Planta Planimétrica¹² do município, contemplada oficialmente na qualidade de "bairro rural" de Tapirai, devendo constar como elemento de destinação de serviços e políticas públicas municipais.

109

*"Com certeza é um bairro. Ele está previsto e consta do mapa planimétrico do município. Todos os mapas do município de Tapirai consta aquilo lá, demarcado, com rodovia marcado, estrada municipal TPR 188, tudo constando do mapa reconhecido pela prefeitura."
Júlio Colombo, vereador de Tapirai*

11 Dá-se o nome de comunidade rural ao povo que se desenvolve e vive no campo, longe e afastado dos centros urbanos

12 O desenho, em escala, da projeção plana do terreno, determinando as posições relativas (localização) dos pontos no plano

Quanto aos direitos de atendimento pelo Poder Público, serviços públicos mínimos foram e são garantidos, como o fornecimento de energia elétrica¹³ estradas, transporte, escola, vacinação¹⁴, pavimentação da via de acesso¹⁵ (já dentro da comunidade) e ambulância.

A Comunidade Ribeirão da Anta foi homenageada localmente por sua especial história e cultura tradicional diversas vezes:

- a) Instituição, no calendário municipal de Tapirai, do Dia do Ribeirão da Anta, por iniciativa da Câmara Municipal;
- b) Denominação de Catarina da Silva Godoy, moradora da Comunidade Ribeirão da Anta, à Casa do Artesão. Iniciativa do vereador Joel Soares Ramos;
- c) Denominação da TPR 188 como Gumercindo Alves da Silva.

13 Até que na época, no ano de 2000, nós conseguimos levar energia elétrica para eles naquela comunidade. Foi um trabalho de vereador. Na época o João Batista era o prefeito e o Araldo era vice. Foi na gestão antes do Alvino. Na época, eu era vereador, o Araldo era vereador. O José Pires, o Café, o saudoso José Vieira, Osvaldo Fontanele. Foi nessa época que a gente conseguiu energia para eles. Foi iniciativa do próprio Executivo. Só que ela veio para atender um Bairro. De acordo com o Legislativo e o Executivo a gente conseguiu tirar uma parte para eles. Lá sempre foi visto como um Bairro. Uma unidade do município." Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai.

"E eu não lembro bem o ano que foi elevada energia elétrica e daí sim, eu ia tirar a leitura, entregar conta, atender defeito. Eu tinha contato com eles, clientes, e eu no plantão de manutenção." Miranda Teles, responsável pelo Plantão da Companhia Energética de São Paulo (Cesp)

14 Conheço o pessoal do Ribeirão da Anta desde 1986, quando cheguei em Tapirai. (...) Quando a gente ia fazer vacina, às vezes eu era convidado para acompanhar o pessoal da vacina e eu tinha contato com este pessoal lá. Quando eu não estava em plantão da Cesp, eu ia também. Fui algumas vezes, poucas vezes, mas fui. E normalmente tinha um grupo razoável. Eu acompanhava o pessoal da área de saúde. Era um ponto que o pessoal do Ribeirão da Anta esperava para a gente fazer a vacina. Se eu não me engano era uma escola. Era na Vila do Ribeirão da Anta. Saia da estrada, tinha uma descidinha, depois tinha uma subida bem íngreme até chegar no ponto que estavam as pessoas lá esperando pra vacina. A gente entrava pela estrada de Juquiá, entrava de manhã por um lugar que chamava Serraria e ali encontrando com os grupos de pessoas e fazendo as vacinas. Quando a gente passava no Ribeirão, a gente já estava vindo embora. Era me parece que a última. Último grupo de pessoas vacinadas." Edermival Miranda Teles, responsável pelo Plantão Companhia Energética de São Paulo (Cesp)

15 Quando eu fui prefeito, arrumamos um pouco de lajota porque, para entrar na comunidade tem uma subida, que ia para a igreja, uma escola. Então, era muito difícil o acesso para carro. O que eu fiz foi isso aí. Uma coisa tão simples, mas que para eles foi de bastante valor. Tã lá até hoje. Levei o calçamento como um direito, porque eles pertencem ao nosso município. Não foi por caridade. Porque, embora distante daqui da cidade, é uma comunidade que pertence ao município". Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

Na área religiosa¹⁶ a comunidade é, há muitos anos¹⁷, uma unidade individualizada de atenção, celebrações (cultos e batismos) e visitas pastorais da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém. Possui um templo, construído pela comunidade em terreno doado à Igreja. Pastores da própria comunidade são ungidos – primeiro o sr. João Godoy, falecido em 2015 e, a partir de então, o pastor Walter, genro de João Godoy.

“Vocês podem ver se você entrar no Bairro Ribeirão da Anta, você vê o cuidado, parece que eles cuidam como se fosse a casa deles. Ali é um bairro, tem igreja, tem a antiga escola, é um bairro – é um bairro do município – tá no mapa do município como um bairro.” Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém - e secretário da Câmara Municipal há 27 anos

16 A Igreja lá começou através do saudoso presbítero João Godoy. Ele fez parte dos pioneiros que foram evangelizados e começou a evangelizar os demais. E começou na casa dele, e aí ele mesmo resolveu ceder um espaço, e depois ele mesmo cedeu um espaço maior, e ele mesmo junto com a comunidade construiu aquela igreja. Embora ela pertença à Assembléia de Deus, Ministério de Belém, mas ela foi construída de forma voluntária, pela própria comunidade, tendo como autor e precursor daquela construção o saudoso João Godoy, que foi o presbítero daquela Igreja, até o seu falecimento, e hoje passa para os seus descendentes, que hoje é o genro dele, que é o dirigente daquela Igreja. Porém foi a própria comunidade que se estabeleceu, e hoje nós temos a felicidade de ser a única comunidade espiritual presente naquela comunidade. Primeiro começou na casa do saudoso João Godoy, depois ele ergueu um salãozinho de madeira, e pois ele construiu aquele templo, que é muito bonito, que não abriga só a comunidade evangélica, mas qualquer reunião daquela comunidade, independente do credo, da religião, da denominação a que pertença, nós sempre cedemos aquele espaço para fazer reunião, como o próprio Legado das Águas. Aquele prédio é da Igreja Assembléia de Deus. É uma cessão de uso dada pela própria família para a Igreja.” Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém - e secretário da Câmara Municipal há 27 anos

17 Faz mais de 30 anos que começamos a evangelizar aquele bairro lá. Comecei na casa do Ederviro, pai da Iracema, lá no Ribeirão da Anta. Começamos na casa do Ederviro, depois João Godoy, arrumou um salão de tábua mais prá baixo, daí a gente reunia no salão de tábua. Todo domingo a gente ia lá para fazer culto lá. Era um salão pequeno. Perto do salão tinha uma ou duas jabuticabeiras muito grande. Na época que eles começaram a construir a igreja nova já tinha saído de lá. Era no ano de 1999. (...) No começo, nós iam lá, a gente chegava de carro até no alto, aonde era do Mário Xavier. Depois vendeu né. A gente deixava o carro lá e descia para o Ribeirão da Anta a pé. A gente andava lá no bairro, visitando, tudo a pé (...) Fizemos muitos batismos lá. Três ou quatro batismos fizemos lá. No rio que descia para a represa. Nós quando fazíamos batismos era cinco, seis, oito, dez pessoas que batizávamos. As vezes até mais cada vez (...) A gente tem muita lembrança das caminhadas que a gente fazia no meio do mato prá visitar as pessoas. Lembro tudo isso. Mario Ventura da Silva foi pastor 50 anos da Igreja Assembléia e foi cartorário desde 1963

A Comunidade Ribeirão da Anta é uma Comunidade Tradicional Cabocla - diferenciada¹⁸, identificada e reconhecida nesta qualidade por autoridades do município de Tapiraí, e por Institutos e Técnicos contratados¹⁹ pelo Legado das Águas - Reserva Votorantim - com tradição e consciência de sua identidade -

18 São vários os aspectos que fizeram da comunidade Ribeirão da Anta uma comunidade diferenciada." Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapiraí

19 "O município não conta com marcos e edificações com significativo valor histórico ou arquitetônico, fato explicado pelas datas recentes de sua fundação e emancipação (respectivamente 1930 e 1959). Como edificações mais importantes constam a Igreja Matriz de Santa Catarina (padroeira da cidade), construída em 1938, e o antigo prédio da Câmara Municipal, hoje objeto de reforma pela prefeitura. No bairro do Ribeirão da Anta encontra-se uma comunidade tradicional, cujos moradores são chamados regionalmente de "camirangas", chegados à região por volta da década de 1920, oriundos da região de Ibiúna. Nessa comunidade são realizadas atividades de artesanato em bambu, vendido à beira da rodovia SP-79, no centro da cidade e na feira de domingo dos pequenos produtores rurais". (DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO - Volume III - Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial - Legado das Águas - Reserva Votorantim. Diagonal Transformação de Territórios Junho/2014 - p. 35)

112

"Tapiraí teve origem por volta da década de 1930, quando a família Rosa, de Piedade, inicia a construção da estrada Piedade-Tapiraí, instala um rancho, onde hoje está a Igreja Matriz, dando início ao povoamento de Paranapiacaba, faz um loteamento desta área e inicia a construção da estrada para Juquiã.

Chegam as primeiras famílias japonesas e famílias migrantes de Santa Catarina que dão início à atividade de extrativismo vegetal (madeira e palmito-juçara) e a produção de carvão vegetal. E assim se conta a história de Tapiraí por quem está lá há muitos anos, famílias da comunidade do Ribeirão da Anta, e a CBA é inserida na vida dos que contam esta história." (DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO - Volume IV - A Voz do Território - Legado das Águas - Reserva Votorantim. Diagonal Transformação de Territórios Junho/2014 - p. 07)

"Comunidades Caipiras - Os caipiras são hoje, em grande parte, sitiantes, meeiros e parceiros que sobrevivem precariamente em nichos entre as monoculturas, em pequenas propriedades em que desenvolvem atividades agrícolas e de pequena pecuária, cuja produção se dirige para a subsistência familiar e para o mercado. Difundiu-se, desse modo, uma agricultura itinerante que derruba e queima novas glebas de mata para a roça, combinada com a caça, pesca e coleta. Dada a dispersão do povoamento, existem, de um lado, famílias vivendo isoladas e de outro, alguns bairros rurais. As principais comunidades caipiras são Ribeirão da Anta e Vila Verde, localizadas no município de Tapiraí." Conservação Internacional Brasil - CI, Plano Estratégico de Gestão - Legado das Águas - Reserva Votorantim, p. 45.

"Para Darcy Ribeiro (1995), a área cultural caipira é um modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e outros bens. Esparramou-se, ainda segundo Darcy Ribeiro por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e o Estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso. O único recurso com que contava essa economia decadente era a ampla mão de obra desocupada e vastas terras virgens despovoadas e sem valor. Com essa base, se instalou uma economia natural de subsistência, dado que a comercialização era limitada. Difundiu-se, desse modo, uma agricultura itinerante que derruba e queima novas glebas de mata para a roça, combinada com a caça, pesca e coleta. Dada a dispersão do povoamento, existem, de um lado, famílias vivendo isoladas e de outro, alguns bairros rurais (Queiroz, 1973).

“Além de ser a grande comunidade tradicional do município, acredito que ela seja a única que mantém as características das suas origens. Ela é, provavelmente, acredito que sim, salvo melhor juízo, ela é a única comunidade tradicional.” Júlio Colombo, vereador de Tapirai

Essas populações desenvolvem formas de convívio e ajuda mútua nas atividades agrícolas, bem como formas de religiosidade peculiares em torno de capelas e igrejas, onde é reverenciado o santo padroeiro. Esse mundo caipira é desarticulado pelo advento da monocultura de café e cana, no Centro-Sul, e pelas fazendas de gado, assim como pela urbanização crescente e pela grilagem das terras. A pequena propriedade caipira acabou, em grande parte, incorporada pela grande propriedade e somente conseguiu subsistir em nichos onde a mecanização agrícola não pôde avançar, como nas áreas montanhosas da Mata Atlântica e da Serra do Mar. Nos anos 50, Antônio Cândido (1971) descreveu a cultura caipira já em transformação no interior do Planalto Paulista e Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) analisou os bairros caipiras do Vale do Ribeira em São Paulo. Hoje subsistem ainda alguns núcleos caipiras nas regiões descritas por Darcy Ribeiro, imersos na pequena produção mercantil, consorciando a pequena lavoura, pecuária e produção artesanal. Em muitos lugares, como no interior de São Paulo, Paraná e de Santa Catarina eles também são chamados de caboclos. (DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO - Volume III - Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial - Legado das Águas - Reserva Votorantim. Diagonal Transformação de Territórios Junho/2014 - p.11

“Na área de estudo podem ser encontradas comunidades caipiras tradicionais, destacando-se, por seu histórico, Ribeirão da Anta e Vila Verde, localizadas no município de Tapirai, nas proximidades da SP-79 que liga esse município a Juquiá. Segundo entrevista qualitativa feita para esse projeto (março de 2014), as famílias Fidelis, Alves da Silva e Camiranga passaram a desbravar matas dos arredores do antigo Patrimônio do Paranapiacaba (povoado que deu origem a Tapirai), entre o final do século XIX e início do XX, estabelecendo residências e pequenas áreas de cultivo. Tinham como principais atividades as plantações de milho, feijão e fumo, a criação de aves e porcos e o extrativismo de recursos florestais. A produção era comercializada em São Roque, Santo Amaro e Pinheiros, transportada em lombo de burro, em viagens que levavam até oito dias. Entre as décadas de 1950 e 1960, a pavimentação da rodovia SP-79, as restrições de cultivo impostas pela legislação ambiental e o a importância dos cursos d’água da região para geração de energia para as emergentes atividades mineradoras da região, trouxeram mudanças às práticas econômicas das duas comunidades: as áreas de plantio foram reduzidas, oportunidades de emprego foram criadas pelas usinas e as terras, agora valorizadas, passaram a interessar empreendedores de fora, que chegaram a se apropriaram de algumas posses após a morte dos antigos patriarcas. Hoje, os moradores das comunidades mantêm vínculos empregatícios com a CBA, desenvolvem trabalhos remunerados na sede de Tapirai, cultivam pequenas roças voltadas somente para o consumo familiar e produzem artesanato com fibras de taquara nativa, cujas peças são comercializadas na própria comunidade e na sede do município, em feiras e na Casa do Artesão (no momento, fechada para reformas). As peças de artesanato, embora apresentem considerável demanda, são atualmente produzidas apenas por alguns moradores mais antigos, não despertando o interesse dos mais jovens na sua confecção e comercialização.” (DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO - Volume III - Mapeamento do Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial - Legado das Águas - Reserva Votorantim. Diagonal Transformação de Territórios. Junho/2014. p.13).

que está no território da Mata Atlântica, no mesmo local até os dias atuais, há aproximadamente 77 anos²⁰, quando o sr. Gumerincino da Silva ali estabeleceu residência, construindo ao longo do tempo a Comunidade do Ribeirão da Anta, constituindo família, criando nove filhos, estabelecendo um sistema de organização territorial comunitária, o qual conquistou relevância social e jurídica como patrimônio cultural regional, em conformidade com os artigos 215²¹ e 216²² da Constituição Federal, como exemplo de um "jeito de viver no interior da Mata Atlântica", de forma individual e coletiva de apropriação e utilização da terra, num sistema de organização social de convivência e integração sócio-ambiental. Com relação aos integrantes da Comunidade Ribeirão da Anta está presente a auto-identificação e a identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

"A Comunidade Ribeirão da Anta é uma comunidade tradicional. É bem mais antiga do que Tapiraí. Eles contribuíram com Tapiraí por que eles trouxeram para a cultura uma parte principal, era o artesanato, as peneiras que eles traziam para cá na época. Logo que eu conheci eles, eles faziam este trabalho (...) Eu achava, no meu modo de pensar, que o Ribeirão da Anta era um povo que adorava vivê no sertão."

Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

114

20 Tomando-se como evidência comprobatória o ofício encaminhado pelo seu Gumerincino à Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado de São Paulo, em 1961, no qual afirmava que estava na área do Ribeirão da Anta há 22 anos, mais ou menos.

21 "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais". Art. 215 da Constituição Federal do Brasil.

22 Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

É UM POVO CAIÇARA

"É um povo caiçara, um povo do mato mesmo. Porque nasceram no sertão. Meu pai foi do sertão. Então, eu conheço muito estas comunidades em função da família, e criavam desde que estão ali, toda uma vivência e uma sobrevivência toda em função da mata. Então, eles são uma comunidade mesmo. Não tem o que tirar deles esta realidade. São pessoas que vieram ali, formaram uma família, viveram em conjunto numa mesma área e sobreviveram em função desta área com as atividades econômicas que até hoje permitem para eles, mas que época eram muito mais difíceis. Não tinha comunicação, não tinha estrada. Eles tinham que viver em função do sertão. Sobreviveram e estão lá até hoje. Então não tem como dizer que não são comunidade. Eles são comunidade realmente cabocla, do sertão. Ele é o caboclo do sertão. Está entrando em extinção este tipo de comunidade. Hoje, pela modernidade, as pessoas saíram do sertão e vão procurar facilidade. Eles ficaram. Eles permaneceram. Eles têm um monjolo. Não sei a data daquele monjolo, mas até hoje eles fazem farinha e se alimentam daquela farinha. Ou seja, eles não mudaram a tradição de viver e conviver. Mantendo as tradições e a própria cultura, é só eles. Os próprios meios de sobreviver, dentro de uma realidade que pode ser diferente do passado, mas os mais antigos mantêm as mesmas casas. Você pode tirar um retrato lá e pegar um retrato do passado são as mesmas casas que estão lá até hoje, com pouca mudança. Com certeza é a única comunidade tradicional do município. Não tenho dúvida disso. Porque além de ser uma comunidade tradicional, e eles fizeram isso por iniciativa própria. Ninguém mandou eles ficarem daquela forma, mantendo os mesmos costumes. Na verdade, é uma naturalidade deles. Não é uma coisa forçada. Eles não fazem isso até para aparecer. Eles querem o cantinho deles, livres e sobrevivem de uma forma que ali é o pedaço de chão que eles querem, desde que chegaram ali, mantendo a mesma cultura e tradição, desde o artesanato, eles fazem uma cestaria bonita, apreciada, as pessoas tem o prazer de conhecer. Uma cestaria que passou de geração para geração." Araldo Todesco, prefeito de Tapirai



116

“A comunidade é um exemplo para os mais novos e para todos os tapiraienses. E não tem nem o que falar. Isso é público e notório e eu não tenho nenhum pouco de medo de falar, não tenho nenhum pouco de cisma. Isso eu falo com toda a minha satisfação. Porque tem coisa que você não fala com medo de se comprometer. Mas, no caso do Ribeirão da Anta, não tem essa. Essa é a nossa comunidade, nós temos que preservá-la e, além de tudo, temos de apoiar no que for necessário para que ela seja mantida, e também não seja de forma caluniosa, injuriada, desfeita.”

Jorge Vieira Martins, Pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém, e secretário da Câmara Municipal há 27 anos



"Desde que eu cheguei aqui, não a prefeitura, mas as próprias pessoas de Tapirai, trataram ali como um Bairro Ribeirão da Anta. A comunidade ali sempre foi tratada como um bairro rural. Uma comunidade que todo mundo tinha conhecimento, tudo mundo frequenta. Até porque é um lugar agradável para as pessoas do município passearem. Desta forma é que eu conheço, que eu tinha conhecimento, não por eles, mas pelo próprio pessoal daqui do município que a gente tem contato. (...) A Prefeitura de Tapirai, o município de Tapirai, sempre respeitou eles como um bairro. Tanto é que a Prefeitura sempre foi presente ali naquele bairro. Sempre foi presente e continua presente, porque é realmente uma comunidade ativa que merece respeito, merece todo respeito não só do município, mas também de toda a cidade. Existe uma preocupação com a proteção da comunidade, e hoje muito mais ainda, ... eles precisam ser protegidos, porque eles não deixaram de ser a mesma comunidade."

117

Araldo Todesco, prefeito de Tapirai



118

“Vou dar o exemplo da TPR 142 que se chama Benjamim Pinto de Moraes, que são os antepassados deles. Isso demanda de longas datas. E a segunda é a TPR 188, denominada Gumercindo Alves da Silva, que deu origem aos fundadores daquela comunidade e que foram os patriarcas daquelas comunidades. Tanto o seu Gumercindo Alves da Silva, como o sr. Benjamim Pinto de Moraes, que foi reconhecida pelo Poder Público na Câmara Municipal, feito o projeto de lei aprovado pelo Prefeito, denominando as estradas com os seus respectivos nomes.”

Júlio Colombo, vereador de Tapirai



"Conheci a comunidade Ribeirão da Anta em 1975, quando eu trabalhava com ambulância e nem estrada tinha para o carro chegar até o bairro lá. Quando eu ia buscar paciente não tinha nem condição de chegar. A estrada era ruim mesmo. Eles não chegavam. Eles vinham a pé. Eu ia alcançar eles aqui na fazenda Novaes. Eu ficava mais pra cima do Salve Floresta. Do Salve Floresta até onde eu tava dava uns 6, 7 quilômetros, ainda. O doente vinha andando, vinha a cavalo. Ou trazia na mão. Não tinha condição mesmo. O seu Ildeu Tiba às vezes também socorria o pessoal. Ele tinha uma Toyota e às vezes precisava até acorrentar. Ficava sabendo que eles precisavam de ambulância, porque vinha alguém a cavalo, avisar."

José Pires, vereador e vice-prefeito de Tapiraí



120

"Hoje, nosso município está em expansão, a tendência do nosso município é turística e a Comunidade Ribeirão da Anta é nossa, é uma comunidade antiga, uma comunidade tradicional que passou de pai para filho, aqueles costumes, mexer com artesanato. (...) A história do município está no Ribeirão da Anta. Ele é mais antigo do que nós mesmos. O Ribeirão da Anta é uma comunidade que traz a marca de Tapiraí. Tapiraí está nas pessoas antigas, nos costumes, na maneira simples de ser, do monjolo, da farinha, dos artesanatos. Então nós, em pleno desenvolvimento do nosso município, é muito importante termos a Comunidade Ribeirão da Anta, aqui instalada e reconhecida. É importante que o mundo conheça a nossa comunidade Ribeirão da Anta."

Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapiraí



Cachoeira da Massagem, em Ribeirão da Anta



Lagoa Verde, Ribeirão da Anta



Cachoeira de Dezembro - Legado das Águas

Por iniciativa da Câmara Municipal foi criado no calendário municipal de Tapiraí o Dia da Comunidade Ribeirão da Anta

De iniciativa de todos os vereadores, por meio do Projeto de Lei 0007/2015 L, foi instituído no calendário municipal de eventos de Tapiraí o Dia da Comunidade Ribeirão da Anta, a ser comemorado em 5 de outubro.

“Como legislador você pergunta o que devemos fazer? Daí veio a proposta de instituímos o Dia da Comunidade Ribeirão da Anta. Porque é uma comunidade tradicional. São poucas as comunidades tradicionais. Hoje em dia você ouve falar em quilombolas, indígenas. E a comunidade Ribeirão da Anta é nossa, é de Tapiraí. Não existe como ela em lugar nenhum. É uma realidade rara. A maneira deles viver, o bairro, o trato que eles dão à Mata Atlântica. Instituir-mos o Dia da Comunidade do Ribeirão da Anta era o mínimo que podíamos fazer. É gratidão nossa de Tapiraí à Comunidade Ribeirão da Anta. Tapiraí é a comunidade Ribeirão da Anta. Ribeirão da Anta é Tapiraí.”
Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapiraí

124



CÂMARA MUNICIPAL DE TAPIRAÍ
ESTADO DE SÃO PAULO

Sala das Sessões "Vereador Adolpho Nimitz" - R. Adolpho Nimitz, 250 - CEP 18180-000
www.camaratapirai.sp.gov.br / e-mail: secretaria@camaratapirai.sp.gov.br
CNPJ 71566715/0001-54 - Fone: (35) 3277-1189

**PROJETO DE LEI Nº 007/2015 - L
DE 17 DE SETEMBRO DE**

**Institui e inclui no Calendário Municipal de
Eventos o "Dia da Comunidade Ribeirão da
Anta".**

Lei de iniciativa de Todos os Vereadores

CÂMARA MUNICIPAL DE TAPIRAÍ, APROVA

Art.1º - Fica incluso no Calendário Oficial do Município o **"Dia da Comunidade Ribeirão da Anta"** a ser comemorado anualmente no dia 05 de outubro.

Art.2º - Anualmente no dia 05 de outubro, fica a Prefeitura autorizada a realizar eventos para comemoração do **"Dia da Comunidade Ribeirão da Anta"**.

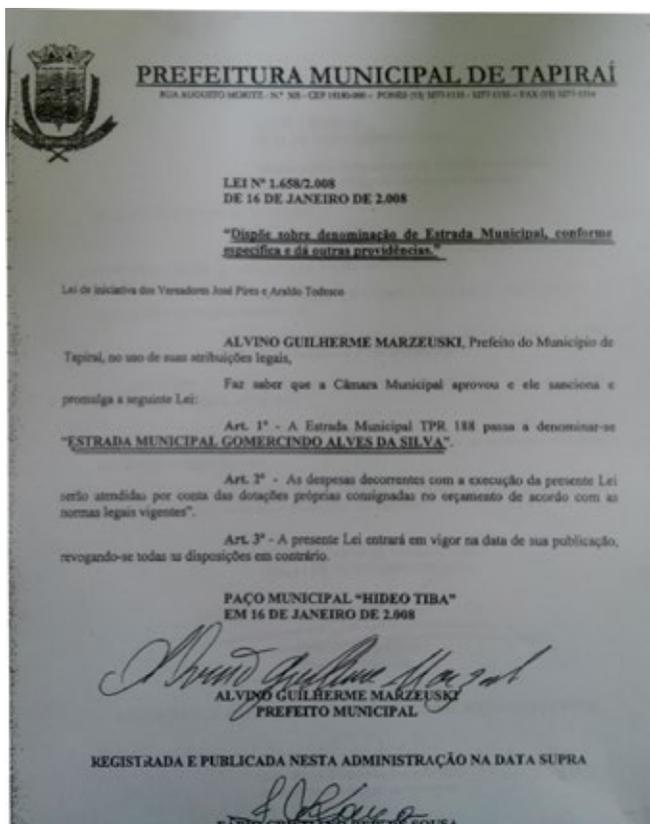
Parágrafo único - A Comunidade Ribeirão da Anta é a única comunidade tradicional da reserva de Mata Atlântica dos Municípios de Tapiraí e Jaquité, que faz parte da APA Estadual da Serra do Mar, criada em 1984, e que faz parte da reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), cuja área foi reconhecida pela UNESCO, tratando-se da primeira unidade da Rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada no Brasil, e uma das maiores Reserva da Biosfera em área florestada do planeta.

Art.3º- As despesas decorrentes com execução da presente Lei serão atendidas por conta das dotações próprias consignadas no orçamento de acordo com as normas legais vigentes.

Art. 4º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se todas as disposições em contrário.

Denominação da estrada municipal 188 com o nome de Gumercindo Alves Silva

De iniciativa do Executivo Municipal de Tapirai, através da Lei 1658/2008, deu-se à TPR 188 a denominação de Estrada Municipal Gumercindo Alves da Silva.



Denominação à Casa do Artesão de Catarina da Silva Godoy, moradora da Comunidade Ribeirão da Anta

Atendendo Lei no 1955 de 5 de fevereiro de 2015, do dr. Joel Soares Ramos, Vereador do Município de Tapirai, SP, o Executivo Municipal deu o nome de Catarina da Silva Godoy à Casa do Artesão de Tapirai, homenageando, através da mesma, toda a história de produção artesanal da Comunidade do Ribeirão da Anta.

126



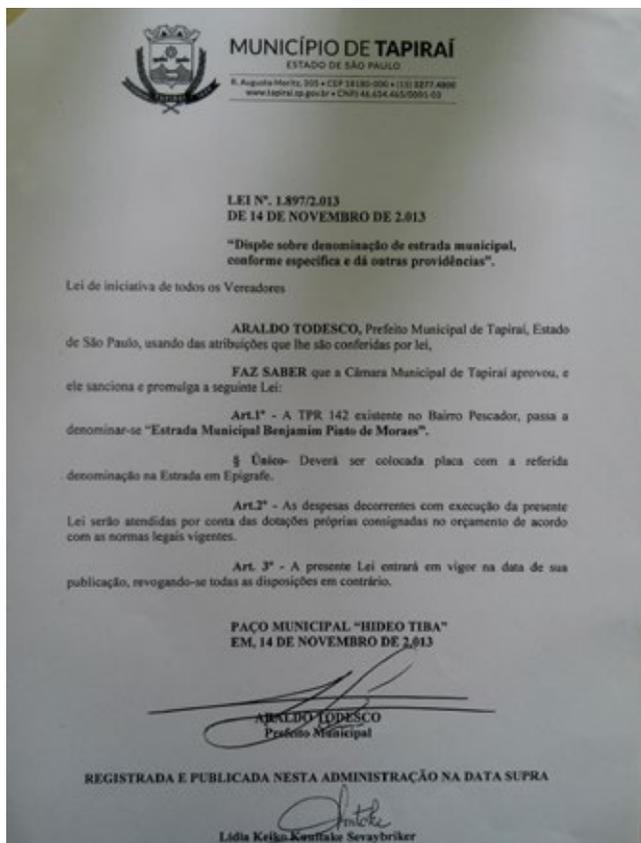
"Eu fiz uma homenagem lá na Casa do Artesão a uma pessoa que tem o nome dela hoje, a sra. Catarina Jesus Godoy. Ela nasceu em 1918 e chegou com apenas 10 anos ali, então ela chegou mais ou menos em 1928, foi o que ela me disse. O projeto que dá o nome à Casa do Artesão é de autoria minha. Porque como se trata da Casa do Artesão nada melhor do que ter o nome de uma pessoa que é da área, que é artesão. E tinha até outras pessoas que eu cheguei a pensar no momento, que até hoje vivem do artesanato, mas como tem um projeto que diz que prá você homenagear alguém, esta pessoa tem que ter acima de 70 anos. A pessoa que eu tinha pensado não tinha 70 anos. Então, eu lembrei que na comunidade Ribeirão da Anta eu poderia buscar ali. Então, eu fiz uma investigação e encontrei naquela comunidade pessoas com idade bem avançada. Daí eu tentei pelo nome da dona Ana, mas depois quando eu ia lá entrevistar dona Ana, descobri que a dona Catarina era mais velha. Daí, por sorte, um dia cheguei lá e dona Catarina muito disposta também, um sol quente danado, eu estava acompanhado de um morador de lá e encontrei a dona Catarina carpindo. Uma disposição grande. Fiz uma entrevista com ela, sem ela saber o porquê da entrevista, e ela me contou uma parte do pouco da história. Então, eu dei a homenagem a ela, por ser a pessoa mais idosa que permanece até hoje em atividade naquela atividade. Fiquei satisfeito porque ninguém mais merecia mais do que a dona Catarina, pela disposição e idade que tem. Essa homenagem foi dada a ela, mas direcionada a todos, tanto é que no dia que a gente foi fazer a inauguração, tava presente boa parte do pessoal da comunidade, e junto tava também a dona Ana. Foi bastante gratificante a dona Ana pode cortar a faixa de inauguração junto com a dona Catarina. Então, ela representa toda aquela comunidade, a dona Catarina. Foi no ano de 2014." Joel Soares Ramos, vereador de Tapirai

Denominação da estrada municipal 142 com o nome de Benjamin Pinto de Moraes

De iniciativa do Executivo Municipal de Tapiraí, através da Lei 1897/2013, deu-se à TPR 142 a denominação de Estrada Municipal Benjamin Pinto de Moraes.



128





Construção e funcionamento da Igreja da Assembléia de Deus

"A Igreja lá começou através do saudoso presbítero João Godoy. Ele fez parte dos pioneiros que foram evangelizados e começaram a evangelizar os demais. E começou na casa dele e aí ele mesmo resolveu ceder um espaço, e depois ele mesmo cedeu um espaço maior, e ele mesmo junto com a comunidade construiu aquela igreja. Embora ela pertença à Assembléia de Deus, Ministério de Belém, mas ela foi construída de forma voluntária, pela própria comunidade, tendo como autor e precursor daquela construção o saudoso João Godoy, que foi o presbítero daquela Igreja, até o seu falecimento, e hoje passa para os seus descendentes, que hoje é o genro dele, que é o dirigente daquela Igreja. Porém foi a própria comunidade que se estabeleceu, e hoje nós temos a felicidade de ser a única comunidade espiritual presente naquela comunidade. Primeiro começou na casa do saudoso João Godoy, depois ele ergueu um salãozinho de madeira, e pois ele construiu aquele templo, que é muito bonito, que não abriga só a comunidade evangélica, mas qualquer reunião daquela comunidade, independente do credo, da religião, da denominação a que pertença, nós sempre cedemos aquele espaço para fazer reunião, como o próprio Legado das Águas. Aquele prédio é da Igreja Assembléia de Deus. É uma cessão de uso dada pela própria família para a Igreja".

Pastor Jorge Vieira Martins, Pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém, 60 anos de Tapirai, secretário da Câmara Municipal há 27 anos.

Construção de escola no Bairro



130

Direção Regional de Ensino de São Paulo
 Delegação de Ensino de Veteranos
 E. E. P. G. (Emergência) - 0º Porto Rico

Ata dos resultados das avaliações bimestrais
 em finais de ano de 1980 das turmas da Residência S.E.
 12/34 de 04 publicada a 15 e reafirmada a 17/11/80.

Classe 1ª 2ª Série de 1ª grau
 Prof. Neki de Oliveira

Ordem	Nome	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre	Final	Grav. Prof. Residência
1	Antônio Augusto da Silva	AA	AA	AA	AB	AA	P
2	Osvaldo de Góes	CD	BB	GB	AA	AA	P
3	Américo Cardoso	AA	AA	BC	BB	AA	P
4	Emerson de Almeida	EE	EE	EE	EE	EE	R
5	Wilson de Almeida	CB	DD	EE	EE	EE	R
6	Marcelo de Almeida	CB	AA	AA	AB	AA	P
7	Walter Domingos da Silva	BB	AA	BB	AA	AA	P
8	Osvaldo de Almeida	BB	AA	AA	AA	AA	P
9	Marcelo de Almeida	BB	BB	AA	AA	AA	P
10	Marcelo de Almeida	AB	AA	AA	AA	AA	P
11	Tarciso Francisco Cardoso	EE	EE	AA	AA	AA	P
12							

Fornecimento de energia elétrica no Bairro



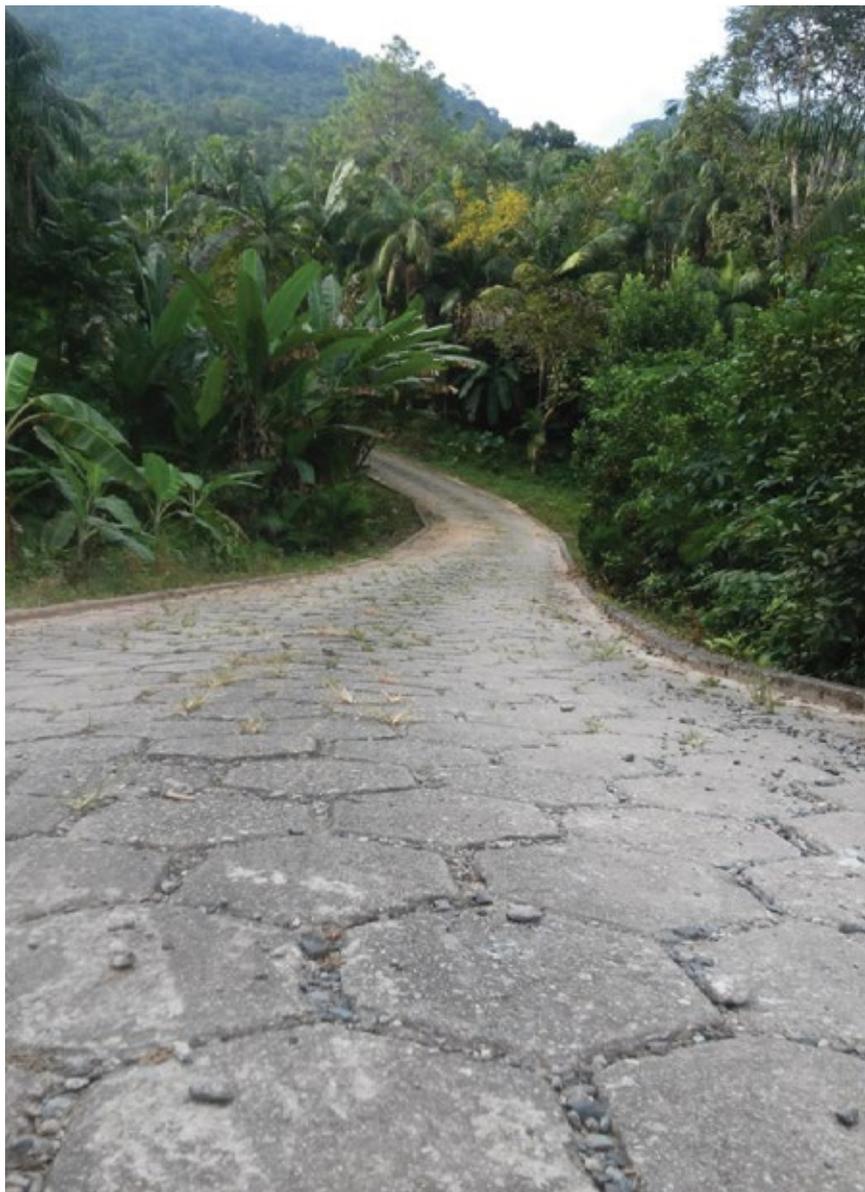
Serviço de transporte público até Tapiraí



132



Calçamento da via de entrada do Bairro





PODER LEGISLATIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE TAPIRAÍ

ESTADO DE SÃO PAULO

Sala das Sessões "Vereador Adolpho Nitzz" - R. Adolpho Nitzz, 250 - CEP 18180-000

www.camaratapirai.sp.gov.br / email: secretaria@camaratapirai.sp.gov.br

CNPJ 71566715/0001-54 - Fone: (15) 5277.1189

NÓS VEREADORES DO MUNICÍPIO DE TAPIRAÍ, VIMOS PELO PRESENTE DECLARAR E RECONHECER A COMUNIDADE RIBEIRÃO DA ANTA COMO **COMUNIDADE TRADICIONAL DO MUNICÍPIO DE TAPIRAÍ**, ALI DOMICILIADA POR MAIS DE 70 ANOS, TENDO SUA IMPORTANCIA RECONHECIDA PELO MUNICIPIO ATRAVÉS DA **LEI MUNICIPAL N° 1974/2015** QUE "INSTITUI E INCLUI NO CALENDÁRIO MUNICIPAL DE EVENTOS O "DIA DA COMUNIDADE RIBEIRÃO DA ANTA", A SER COMEMORADO ANUALMENTE NO DIA 05 DE OUTUBRO.

CONSTITUÍDAS POR FAMILIAS TRABALHADORAS, HONESTAS, TEMENTES Á DEUS, AMBIENTALMENTE RESPONSÁVEIS, QUE TRAZEM AO MUNICIPIO VALOR CULTURAL ATRAVÉS DE TRABALHO ARTESANAL (CONFEÇÃO DE CESTOS, PENEIRAS E OUTROS OBJETOS COM BAMBÚ, E AINDA PRODUZINDO A FARINHA DE MILHO NO MONJOLO), TRAZENDO ORGULHO E DIGNIDADE A HISTORIA E A CULTURA DO MUNICIPIO DE TAPIRAÍ.

É IMPORTANTE RESSALTAR QUE A COMUNIDADE RIBEIRÃO DA ANTA É A ÚNICA COMUNIDADE TRADICIONAL DA RESERVA DA MATA ATLANTICA DOS MUNICIPIOS DE TAPIRAÍ E JUQUÍIA, FAZENDO PARTE DA **APA ESTADUAL DA SERRA DO MAR**, CRIADA EM 1984, FAZENDO PARTE DA BIOSFERA DA MATA ATLANTICA (RBMA), RECONHECIDA PELA UNESCO, TRATANDO-SE DA PRIMEIRA UNIDADE DA REDE MUNDIAL DE RESERVAS DA BIOSFERA NO BRASIL, E UMAS DAS MAIORES RESERVA DA BIOSFERA DO PLANETA.

TAPIRAÍ, 13 DE JUNHO DE 2016

GERSON LUIZ GLASSER

ANTONIO ROQUE JUNIOR

CÉSAR ROBERTO DE ARAÚJO

DORIVAL TEODORO BENTO

FELIPE MATHEUS GLASSER

HUMBERTO PEREIRA DA SILVA

JOAQUIM DOS REIS DELGADO NETO

JOEL SOARES RAMOS

JÚLIO COLOMBO

Handwritten signatures of the council members over horizontal lines.



MUNICÍPIO DE TAPIRAÍ
ESTADO DE SÃO PAULO

R. Augusto Moritz, 305 • CEP 18180-000 • (15) 3277-4800
www.tapirai.sp.gov.br • CNPJ 46.634.465/0001-03

Tapirái, SP. , junho de 2016.

Eu, Prefeito Municipal de Tapirái, Estado de São Paulo, manifesto o meu reconhecimento, respeito e admiração em relação à Comunidade Ribeirão da Anta, uma referência de tradicionalidade, história e cultura do nosso município e região.

A Comunidade Ribeirão da Anta é mais antiga do que o próprio município de Tapirái. Estão lá há muito tempo, desde as primeiras décadas do século passado, de forma pacífica e respeitosa do meio ambiente.

Para o nosso município, a Comunidade Ribeirão da Anta é a nossa história, os nossos valores de trabalho, honestidade e perfeita convivência com a Mata Atlântica. Temos aprendido muito com os seus moradores e descendentes. É uma família de muitas pessoas e, todas elas, de uma forma ou de outra, participam do cotidiano do nosso município.

Reconhecê-las não é difícil – são do Ribeirão da Anta, e eles têm orgulho disso.


Araldo Todesco
Prefeito Municipal de Tapirái, SP



ASSEMBLEIA DE DEUS

Ministério do Belém

PRESIDENTE AD-CAMPO ECLESIASTICO DE PIEDADE – PR. ISRAEL PADILHA DE SIQUEIRA

SEDE DO CAMPO - CNPJ 45.474.012/0901-96 - Avenida Coração de Jesus, nº 411 - Centro - 18170-000 - Piedade - SP - F. (15) 3244-6622.

SETOR 05 - TAPIRAI – PR. JORGE VIEIRA MARTINS

SEDE SETOR 5 – Rua Nove de Julho, nº 63 – Centro – 18180-000 - Tapirai – SP – F. 15 - 3277-1492.

Congregações do Setor 05: (Tapirai – Comercial – Ribeirão da Anta) (Ponto de Pregação: Bairro Pescador - Porto Raso - Vila Nova)

CARTA DE RECONHECIMENTO

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério do Belém, situado a Rua 9 de Julho, 63, centro, Tapirai, SP, filiado a CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e CONFRADESP – Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus de São Paulo, vem por meio de seu pastor infra assinado, **RECONHECER** a importância da tradicional “**COMUNIDADE RIBEIRÃO ANTA**”, pois esta igreja se faz presente nessa comunidade há mais de 40 anos, onde prestamos ali o apoio espiritual e social.

Outrossim, é importante salientar que a referida Comunidade já foi reconhecida pelo Município de Tapirai, através da Lei Municipal nº 1.974/2015 de 28/09/15 devido a sua importância, bem como a referida Comunidade é a única tradicional da reserva de Mata Atlântica dos Municípios de Tapirai e Juquiá, e que faz parte da APA Estadual da Serra do Mar, criada em 1984, e que faz parte da reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), cuja área foi reconhecida pela UNESCO, tratando-se da primeira unidade de rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada no Brasil.

Por fim, a Comunidade Ribeirão da Anta é constituída por famílias trabalhadoras, honestas, tementes a Deus, ambientalmente responsáveis, que trazem ao Município de Tapirai um valor cultural inestimável, através de sua cultura, do seu trabalho artesanal, tais como confecção de cestos, peneiras e outros com bambu, e produz também farinha de milho através do mojolo um equipamento totalmente artesanal.

Este é um breve resumo, pois se fossemos descrever não haveria papel suficiente devido à importância dessa comunidade, que de uma forma bem simples temos a grata satisfação de não só reconhecer, mas também parabenizar essa centenária comunidade, pela contribuição que tem dado para evangelização firmada nos valores de nosso Mestre Jesus Cristo, como para toda a sociedade tapiraense.

Nossa estima e respeito a essa tradicional “COMUNIDADE RIBEIRÃO DA ANTA”

Tapirai, 22 de Junho de 2016

PR. JORGE VIEIRA MARTINS
CONFRADESP nº 648 – CGADB nº 27.200
Pastor Setor 05 AD – Tapirai - SP

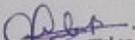
1º Secretário da AD – Campo Eclesiástico de Piedade/SP

CONS. MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TAPIRÁI, SP

Município de Tapirái, SP., junho de 2016.

Eu, como Presidente do Conselho Municipal de Educação de Tapirái, SP., tenho conhecimento da existência, história, tradição e cultura da Comunidade Ribeirão da Anta, reconhecendo sua importância para o nosso município, como referência histórica e cultural.

É uma comunidade que merece e precisa ser conhecidos, notadamente por nossos alunos, crianças, adolescentes e jovens, dando-lhes a oportunidade de conhecerem costumes, valores e hábitos que, nas cidades, tem se perdido continuamente.


Monise ~~Cardoso~~ Teles Barbosa
Presidente do Conselho Municipal de Educação

DECLARAÇÃO

Nós, integrantes da Associação dos Artesãos e Artistas Plásticos do Município de Tapiraí, manifestamos o nosso reconhecimento da importância histórica e cultural da Comunidade Ribeirão da Anta, localizada neste município de Tapiraí, Estado de São Paulo.

Notadamente para o desenvolvimento e promoção das atividades de artesanato, a Comunidade Ribeirão da Anta prestou e presta relevantes serviços, realidade esta amplamente evidente no fato da Casa do Artesão denominar-se "Casa do Artesão Catarina da Silva Godoy" (Lei Municipal 1955/2015), sendo a Sra. Catariana uma artesã daquela comunidade.

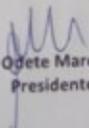
Importante salientarmos que os moradores da Comunidade Ribeirão da Anta estão naquele lugar da Mata Atlântica a dezenas de anos, tendo na confecção de cestos, peneiras, covos, etc. de bambu, uma necessidade para o atendimento das demandas familiares e comunitárias do dia-a-dia de trabalho.

Não podemos nos esquecer de evidenciar que a Dona Ana, da Comunidade Ribeirão da Anta é, desde há muito tempo, uma voluntária no ensino do artesanato em bambu. Sempre que pode, ou quando lhe dão a oportunidade, não mede esforços em repassar os conhecimentos e as práticas que desenvolveu ao longo de sua vida.

O Ribeirão da Anta é a única comunidade tradicional do nosso município, e os seus moradores são pacíficos e extremamente receptivos e simpáticos, tendo uma relação de respeito e conservação com a Mata Atlântica.

Um exemplo que muito nos orgulha em termos como sede da nossa Associação, uma Casa do Artesão que leva o nome de CATARINA DA SILVA GODDY.

Tapiraí, SP, junho de 2016.


Marli Ojete Marchewski
Presidente



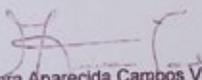
MUNICIPIO DE TAPIRAÍ
SECRETARIA MUNICIPAL DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Rua Raul Leite Magalhães, 80 – Centro – Tapirai – Cep. 18180.000 – Fone: (15) 3277-1525

E-mail: fsstapirai@hotmail.com

Eu, Maura Aparecida Campos Vieira Todesco, Secretária Municipal de Desenvolvimento Social de Tapirai, declaro que Sra. Ana Alves Faria (86 anos), é nascida e moradora da Comunidade Ribeirão da Anta, casada com o Sr. Arlindo Antonio Faria (83 anos), teve 9 filhos Iracema (64 anos), Nair (61 anos), Juviana (58 anos), Durvilio (55 anos), Gumercindo (52 anos), Dorival (51 anos) Maria Aparecida, Lourença, Santina falecidas, e 16 netos e 11 bisnetos e 1 tataraneto. Dona Ana realizou voluntariamente oficina de confecção de cestos, peneiras feita de bambu, taquara, cipó e barbante nesta Secretaria no período de um ano, em 2015. Dona Ana, como é conhecida por todos, busca passar seus conhecimentos e artesanato para todas as idades, mantendo e passando a tradição do artesanato em bambu. É uma senhora ativa, tira proveito da terra, utilizando para consumo próprio. Ela é membro da Casa do Artesão de Tapirai.

Tapirai, 22 de Junho de 2016


Maura Aparecida Campos Vieira Todesco
Secretária Municipal de Desenvolvimento Social

Maura Aparecida Campos Vieira Todesco
Secretária Municipal de Desenvolvimento Social
15 3277 1525

Gente de bem

Pessoas boas, valorizadas e respeitadas. De caráter, atuante, com espírito pacífico, trabalhadoras, honestas, religiosas, com espírito familiar e acolhedoras

Os moradores do Ribeirão da Anta são admirados e respeitados pelos moradores de Tapiraí, município que os acolhe e lhes têm cuidado e atenção. Não há quem que queira e possa denegrir o patrimônio de imagem e reputação que a comunidade construiu desde quando, no século passado, começou a constituir-se às margens do Ribeirão da Anta.

140

Para os seus moradores não falta reconhecimento e adjetivos.

"A Comunidade Ribeirão da Anta é uma comunidade que nem só é respeitada pelos Poderes Públicos, mas também por todas as outras comunidades, inclusive pela nossa Assembléia de Deus, que respeita muito a comunidade." Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

A unidade da família é admirada e um exemplo para muitos

Com certeza, o Ribeirão da Anta é uma das últimas, senão a última, comunidade regional caracterizada por manter uma unidade familiar: a família do seu Gumercinco Alves da Silva e sua esposa, Mariana Maria de Jesus. A família dos nove irmãos.

Numa sociedade em que não se reconhece mais a origem familiar em seus membros, a família da comunidade Ribeirão da Anta é reconhecida em cada um dos seus membros e descendentes. Parede impregnada, marcada e evidenciada no jeito e no sentimento de pertencimento e no orgulho dos familiares que sempre transmitem muita coesão e fraternidade.

Em 2015, esta união ganhou um contorno diferenciado, quando os familiares correram a cidade com um abaixo-assinado, denunciando a proibição em acessar as águas da represa, logo à frente do portão de entrada da comunidade. Conseguiram mais de 2 mil assinaturas em um município com cerca de 8 mil habitantes e aproximadamente 2.500 eleitores.

"Eles são muito unidos. Dá pra ver entre eles, os netos. Outro dia houve um problema na fazenda e deu prá ver que toda família, os netos, os bisnetos, se juntaram. (...) Eles têm uma mobilização boa da família, tanto pra neto, como para bisneto. Eles se juntaram num meio comum." Aline de Souza, assessora de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Social de Tapiraí



"É um pessoal unido". Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

"A relação dos mais novos com os mais velhos é legal. Eles chamam de avó, bisavó, pedem benção, eles têm essa afinidade de família. São poucas as famílias que você vê um neto pedir uma benção para o avó. Então, eles têm esse convívio, esse hábito de respeitar os mais velhos. Isso é bacana." Aline de Souza, assessora de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Social de Tapiraí

"O traço mais forte deles é a união da comunidade. A maneira como os filhos respeitam os pais. Aquilo que os pais passam para os filhos O mais marcante da comunidade é o amor da união de um para com o outro." Gerson Luiz Glasser, vereador e vice prefeito de Tapiraí



Humildes, simples e sem vaidades

A humildade e a simplicidade estão no jeito de falar, de vestir, de comer, de morar, de rezar e de se comportar. Não afrontam nem quando um mais temperamental pela pouca idade ou influências negativas não aceita o exemplo dos mais velhos da comunidade e tenta se posicionar com mais evidência. Ainda assim não conseguem, traídos pela raiz cultural do modo de ser do Ribeirão da Anta. São agradáveis na humildade, na qual têm seus corações livres e preparados para a pregação do pastor.

"São pessoas humildes, acolhedoras, tive a oportunidade de estar com eles, em várias casas, almoçando, conversando. É uma convivência boa. É um povo simples, acolhedor (...) Do sertão. Pessoas do mato mesmo. Nasceram ali. Tem toda a simplicidade. Gostam de conversar. São pessoas de boa prosa. É uma coisa que não tem hoje. Lá não tem a mídia, a televisão, internet. Uma boa prosa, em tudo prá eles."

Araldo Todesco, prefeito de Tapirái

143

"Ali você não vê vaidades, sou melhor do que este, sou melhor do que aquele. Eles querem ser melhor para o próximo. Mas é o melhor para o próximo. Não o melhor, questão de vaidade." Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

"Primeiro o que eu mais destaco é a humildade daquela comunidade." Júlio Colombo, vereador de Tapirái





144

Bem educados

Os integrantes da Família Ribeirão da Anta são bem educados. Têm a educação “das antigas”: o pedido de bênção dos mais novos aos mais velhos, o respeito aos pais e avós e a paciência no falar.

“Ali está o exemplo da dignidade, da garra, da determinação, da boa educação, dos bons valores. A educação que eu digo não só na letra, ser um culto. Mas a educação está na forma de tratar as pessoas, de tratar a natureza, de tratar a humanidade em si. Olhe, é só olhar em cada rosto, em cada pessoa e você vai ver que é isso que estou falando é verdade. Não tem o que falar contra. Não tem. Se alguém tenta alguma coisa, falar contra, é só ver os fatos. Eu aprendi uma coisa: contra fatos não há argumentos”. Jorge Vieira Martins pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

Acolhedores e hospitaleiros

É da cultura. Todos sabem receber as pessoas que os visitam. Conhecidos ou não, todos são acolhidos. O carro vai estacionando e, atentos ao barulho do motor, cada qual em sua casa vai despontando para ver quem chegou. Uns saem das casas, outros vão até a porta ou à janela. E, sem medo de errar, com certeza, alguém vai recepcionar o visitante com um largo sorriso no rosto e, muitas vezes, ainda segurando a enxada ou a cesta de bambu que se está fazendo. E, se tentar um beijo na face, com certeza será bem recepcionado, sem medo ou constrangimento.

Um café ou, quem sabe, até um almoço será oferecido após a visita ao monjolo ou ao quartinho de artesanatos. Já dentro das casas, sentados na sala ou na cozinha, a conversa parece não ter final. A prosa se desenvolve fá'cil. Afinal, sempre há muitas histórias para se contar e ouvir.

"O Seu Gumercindo era uma pessoa que recebia a gente muito bem na comunidade." Alvinio Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

145

*"Eles são um povo sempre muito acolhedor, com todo mundo, não só os parentes deles (...) São um povo bom. Um povo acolhedor."
Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí*



"Não sou bem recebido lá porque sou pastor deles. Sou bem recebido porque todos são. Se sou bem tratado, bem cuidado quando chego lá, é porque a essência deles é assim. Você sente, quando você está no meio, o calor, a alegria, a satisfação de estar perto deles. Então, o que eu posso falar? É indescritível a satisfação que tenho de estar lá e de também estar com eles. É algo que você não vê mais. É você poder estar ali e não é só na comida, na bebida. Esse tipo de relacionamento está em tudo. Ali você chegou é motivo de festa. O que é festa? Festa é comemorar, festa é jubilar, é se alegrar, porque é isso que nós devemos ser na Terra. Ter esta interação de alegria. E ali, na Comunidade Ribeirão da Anta, você pode ver isso nitidamente, sem forçar. Sem pedir. Eu não me preocupo em falar, vou tal dia aí, para as pessoas prepararem para a minha chegada. Eu chego muitas vezes sem avisar. Porque eu chegando, avisando ou não, eu sou tratado da mesma maneira. E é isso que é importante, é isso que é bonito. Quando você chega sem avisar, não tem nada daquilo lá enfeitado. Não, é do mesmo jeito, como você fosse chegar avisando. Então, isso aí é bonito, é lindo. É característico deles. Eu fico feliz de poder servir aquele povo, embora não sirva tão bem, como eles mereceriam". Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

"Eles são hospitaleiros, educados, pacíficos e totalmente um povo de simplicidade sem igual. Um pessoal gostoso de conversar, uma comunidade de tranquilidade, de paz, uma comunidade que o objetivo dela é a vida deles. É um lugar onde a gente se sente bem. A pessoa recebe você não como um político, mas como um ser humano. Eles gostam de oferecer o melhor deles para você. Eles gostam que você saia de lá com uma imagem boa deles. Isso é a Comunidade Ribeirão da Anta. É um povo que totalmente tem respeito a todo mundo, acolhe a todo mundo. Eles não são orgulhosos. Se amanhã uma criança fora da comunidade quiser aprender artesanato, eles estão sempre dispostos a ensinar. E a gente sempre sai com um presente. Eles gostam da visita da gente". Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapirái



Bons, tranqüilos, pacíficos e ordeiros

São pessoas reconhecidas por não fazerem mal para ninguém. Vivem no lugar que escolheram para viver e morrer e ali parecem compartilhar com a natureza, a bondade e a tranqüilidade que une, protege e preserva. O bom humor é contido em sorrisos vigiados para não ultrapassarem os limites da serenidade. Parecem compartilhar da tranqüilidade da floresta que os abraça em todo final de tarde. Estão contaminados por ela, pelo seu ritmo, suas cores e perfumes.

“É uma comunidade tranqüila”. Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

“Conheci eles. Sempre moravam ali. Era um pessoal muito bom. Hospitaleiro”. Alvin Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

“São pessoas pacíficas, que eu conheço pacíficas. Não tenho conhecimento de nada que desabone eles”. Alvin Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

“A lembrança que eu tenho de lá era que os anos que eu ia lá vivemos bem, sempre tivemos boa amizade, não tivemos rivalidade, nenhuma discórdia. Sempre vivemos bem com eles lá”. Mario Ventura da Silva foi pastor da Igreja Assembléia

“Sempre viveram em paz. (...) Era gente muito boa lá. Nunca ouvi dizer que aconteceu uma briga entre eles. Nunca ouvir falar isso”. Mario Ventura da Silva

“A energia que sai das pessoas, elas são boas”. Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus - Ministério de Belém

“Eu vejo como um grupo de pessoas que precisam tocar o seu dia-a-dia normal, moram lá, pelo jeito há muitos anos, que não fazem mal a ninguém, não prejudicam ninguém e tocam suas vidas como outra comunidade qualquer. Sempre fui bem recebido lá, quando fazia as leituras”. Edermival Miranda Teles, responsável pelo Plantão da Companhia Energética de São Paulo (da Cesp)



Honestos, idôneos, respeitosos, íntegros, sérios e honrados

Desde a época em que compravam no comércio do Ildeu Tiba, quando se deslocavam até Tapiraí carregados de palmitos para venderem ao Benedito Messias, não se ouve falar de uma só desonestidade dos moradores do Ribeirão da Anta. Assim, como pessoas honestas são reconhecidas por quem os conhece. Não existem falatórios. Não há histórias que se conte que possa lhes tirar o "nome limpo na praça".

"O que eu tenho de conhecimento deles é que são pessoas honestas, direitas, pessoas que respeitam a pessoa. Pelo que eu tenho conhecimento não tem nada assim, que desabone eles". Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

"Aqueles antigos, uns 30, 40 anos atrás eles tinha amizade com todo mundo. Não tinham nada contra eles". Pastor Mario Ventura da Silva

150

"São pessoas idôneas, honradas e muito trabalhadeiras. São pessoas que representam muito bem o nosso município. A comunidade que representa muito bem o nosso município." Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapiraí

*"É uma comunidade séria, consistente."
Júlio Colombo, vereador de Tapiraí*





Povo trabalhador

Os moradores do Ribeirão da Anta nunca precisaram que se desse um pão a eles. Pastores e políticos (como prefeitos e vereadores) são unânimes em afirmar que jamais lhes foi solicitada qualquer ajuda material. Sempre tiveram no trabalho a maior honradez. Todos sempre trabalharam e não lhes era dado o benefício da escolha do que desejavam fazer. Todos, sem exceção, homens e mulheres, fosse mais velho ou mais novo, faziam o que era necessário ser feito. Enxada, foice e machado nunca amedrontaram ninguém. Calçados ou descalços, debaixo de chuva ou sob sol, no calor ou no frio, não importando se tarde ou cedo, todos sabiam de suas responsabilidades e da necessidade de ajudarem-se uns aos outros. O trabalho os unia, preservava e desenvolvia o espírito de colaboração entre eles.

“É um povo trabalhador. Não tenha dúvida. Eu afirmo com a maior firmeza, convicção que eu possa ter – trabalhador! Isso não é hipocrisia. Isso não é demagogia. Olha no rosto de cada uma daquelas pessoas. Das senhoras, daqueles senhores. Meu Deus, ali está a dignidade humana. Ali está o exemplo do trabalho.” Pastor Jorge Vieira Martins

“Eles plantavam milho feijão cana, abacaxi, muita goiaba. Então, a parte social, se houvesse necessidade, a igreja dava recursos. Mas eles lá nunca precisou que a igreja desse um pão pra eles lá. Na medida que eles eram trabalhadores, eles não eram assim, necessitados. Eles tinham de tudo, eles criavam aves, porco.”

Pastor Mario Ventura da Silva

“No sentido secular a gente via que era um povo trabalhador. Sofredores, porque naquele tempo nem estrada tinha ainda. Era uma estrada muito precária. (...) A gente notava que era um povo unido, um povo trabalhador, Trabalhavam mesmo para ganhar o pãozinho de cada dia deles. Povo bom”. Pastor Mario Ventura da Silva

“São pessoas trabalhadoras, que trabalham, que correm atrás dos recursos necessários”. Alvino Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

“Segundo, eles ainda, até nos dias de hoje, eles continuam tirando o sustento com seus trabalhos artesanais, manuais”.

Júlio Colombo, vereador de Tapirai

“Com os produtos que eles cultivam, eles fazem o dinheiro deles.”

Aline de Souza, assessora de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Social de Tapirai



Sempre muito religiosos

Os moradores do Ribeirão da Anta são extremamente religiosos. Quando ainda católicos gostavam de comemorar o São Gonçalo²³ em festas animadas e com muitas pessoas. Antes, todos juntos -- recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos – iam de caminhão até a Aparecida do Norte. Uma peregrinação que se repetia todos os anos. E lá não faltavam orações, sacrifícios e muitas fotos ao lado de Nossa Senhora Aparecida.

Com o tempo, um após o outro foram se convertendo para a Igreja Assembléia de Deus. No início, os cultos aconteciam nas casas. Depois, num pequeno salão de madeira. Mais tarde, num templo construído pela comunidade. Nas águas do Ribeirão da Anta dezenas de moradores foram batizados. Têm uma vida de piedade.

"Você sabe que para ser ouvido tem que ter alguém disposto a ouvir. E ali naquela comunidade eu tenho uma facilidade tremenda falar sobre as grandezas de Deus porque na essência deles já há esta disposição natural de querer o bem. E quando você fala de bem, de bondade, de fraternidade, de unidade, de amor ao próximo só é ela é melhor absorvida, melhor captada quando a pessoa já é, quando a pessoa já vive, quando a pessoa já tem. Então, quando você chega ali para dar um sermão, você já fica na verdade, Deus já tem campo espiritual, Deus já tem uma palavra toda especial preparada para aquele povo, porque é um povo que na sua essência de conviver com as pessoas naturalmente, sem falar do espiritual, já são a essência de Deus, que é amar o próximo, que é ser solidário, que é estar junto." Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

²³Antes de entrar a Assembléia de Deus lá, eles eram muito católicos. Faziam a Dança de São Gonçalo. A reza deles. Depois que a Assembléia entrou aí eles começaram a se converter para o Evangelho. Ficou alguma pessoa lá que não é. Hoje, quase todos são crentes. Se não é da Assembléia de Deus é da Cristã do Brasil. O Pedro, por exemplo, é da Cristã, filho do Gumerindo." Pastor Mario Ventura da Silva

*"O espírito religioso deles é muito bom, porque eles são muito unidos. Em todo segmento eles são muito unidos. Como família e religião".
Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai*



Atuantes e ativos

A comunidade Ribeirão da Anta tem vida. Os seus moradores não são apáticos, preguiçosos e acomodados. Seja na vida mundana ou religiosa, sempre estão a se mexer. Eles não param. Ou melhor, se recusam a parar

Dona Ana, com mais de 80 anos, ainda se oferece e insiste em ser voluntária do Fundo Social de Solidariedade do município para ministrar cursos de artesanato aos mais novos. Ela faz tanta questão de ensinar para não acabar o ofício que ela domina desde quando era criança.

O sr. Querubim Pinto Moraes se recusava a largar a foice e, mesmo sem ganhar qualquer remuneração pelo serviço, passa vários dias do mês roçando as beiradas das curvas mais perigosas da estrada que leva até a Comunidade. Ele se preocupa com a segurança das pessoas que passam por ela, principalmente as que andam no ônibus que os leva e traz da cidade.

Dona Eliza, em todo o tempo que lhe resta livre dos trabalhos domésticos, dedica-se ao artesanato.

156

Os moradores não deixam acabar a farinha de milho. Sempre estão atentos à necessidade de fazerem mais,

preparando o milho, socando no monjolo e depois torrando no disco de ferro. Um trabalho que fazem desde crianças.

Os outros ou estão plantando uma roçada de milho ou limpando a horta ou dando comida para as galinhas ou arrumando a casa ou a igreja para o culto ou vendo se está tudo em ordem com a água que abastece as casas.

“Eu acho que eles são trabalhador. Pelo menos às vezes que eu cheguei lá, sempre alguém tava fazendo alguma coisa. Até mesmo os mais velhos, os mais novos está fazendo alguma coisa”.

Joel Soares Ramo, vereador de Tapirai

“Eles são atuantes. Sempre querem mais”.

Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai

1 Participação na Escola de Tapirai. 2 Criam a Associação da Comunidade. 3 Fazem passeios pelas trilhas da Região. 4 Participação de treinamentos. 5 Participação em cursos, como o de Empreendedorismo. 6 Fazem a farinha de milho.



1



2



3

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE CABOCLA DO BARRIO RIBEIRÃO DA ANTA

**Capítulo I
DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS**

Art. 1º A ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE CABOCLA DO BARRIO RIBEIRÃO DA ANTA é uma sociedade civil sem fins lucrativos e de direito privado, com duração por tempo indeterminado, com sede no Bairro Ribeirão da Anta, município de Tupiati, Estado de São Paulo e foro no Município de Piedade do mesmo Estado, regendo-se pelo disposto neste Estatuto, e demais legislações pertinentes a matéria.

§ Único O ano social e fiscal da ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE CABOCLA DO BARRIO RIBEIRÃO DA ANTA coincide com o ano civil.

Art. 2º A ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE CABOCLA DO BARRIO RIBEIRÃO DA ANTA tem por objetivos:

1. Promover os direitos históricos, culturais, territoriais, econômicos e sociais da Comunidade Cabocla do Bairro da Ribeirão da Anta;
2. Lutar pela defesa, reconhecimento e valorização dos bens originalmente do povo da Comunidade Cabocla do Bairro da Ribeirão da Anta;
3. Defender e divulgar as práticas tradicionais caboclas de cultivo da terra e utilização tradicional dos recursos naturais;
4. Proteger e incentivar as manifestações culturais materiais e imateriais da Comunidade Cabocla do Bairro da Ribeirão da Anta;
5. Lutar pela implementação de políticas públicas que garantam a melhoria de vida das comunidades caboclas;
6. Promover e estimular em seu território e no âmbito a valorização dos costumes e saberes caboclos;
7. Promover a formação política econômica-cultural-ambiental dos moradores da Comunidade Cabocla do Bairro da Ribeirão da Anta;
8. Lutar para o reconhecimento da importância das comunidades caboclas na conservação do Sistema Mata Atlântica;
9. Defesa e conservação do patrimônio histórico, cultural e artístico da Comunidade Cabocla do Bairro Ribeirão da Anta;
10. Defesa, preservação e conservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável;



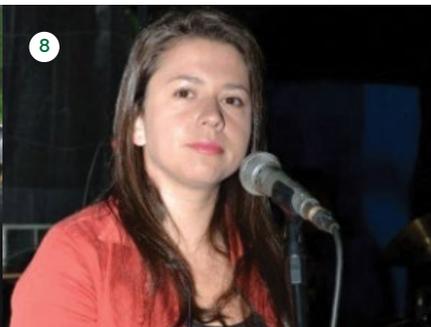
4



5



6





7 Músicos... 8 e cantores participam da orquestra e do coral da Igreja. 9 Reuniões na Comunidade. 10 Cilene Barros, presidente da Associação do Ribeirão da Anta, entrega o abaixo-assinado ao presidente da Câmara Municipal de Tapirai, dr. Gerson Luiz Glasser. No total, foram reunidas mais de 2.000 assinaturas. 11 Araldo Todesco, prefeito de Tapirai, entrega a Cilene Barros (presidente da Associação do Ribeirão da Anta) e a Claudirene Faria (secretária) a autorização de uso, por 30 anos, das instalações do prédio da escola existente no bairro que no futuro se transformará nas instalações do Centro das Tradições do Ribeirão da Anta. 12 Instituição do Dia do Ribeirão da Anta, a ser comemorado todo dia 5 de outubro.

Respeito às tradições

Os moradores guardam e preservam as raízes dos antepassados, sejam as de seu Gumercinco e esposa, já falecidos, sejam as de seus filhos ainda vivos. Eles gostam de valorizar costumes e cuidar de suas histórias. É unânime entre aqueles que conhecem e conheceram seus moradores que não há o que falar contra a Comunidade Ribeirão da Anta.

“São pessoas que ainda não perderam as raízes das suas origens, dos seus antepassados.” Júlio Colombo, vereador de Tapirai

“Ninguém pode falar um nada sobre aquela comunidade. Nada. Se você buscar na história de Tapirai, buscar desde o primeiro membro da comissão de emancipação do município, que foi em 1957, depois a segunda, em 1958, e perguntar da Ribeirão da Anta, dos primeiros prefeitos até o atual, os primeiros vereadores que ainda estão vivos, e até os atuais, eles vão falar a mesma linguagem do Ribeirão da Anta. É uma comunidade que dispensa comentários. É só ver. É só vim e ver. (...) Olhe, é só olhar em cada rosto, em cada pessoa e você vai ver que é isso que estou falando é verdade. Não tem o que falar contra. Não tem. Se alguém tenta alguma coisa, falar contra, é só ver os fatos. Eu aprendi uma coisa – contra fatos não há argumentos. Simplesmente as pessoas olharem e verão que qualquer argumento que tentam contra, tentam falar o contrário, os fatos, a realidade, por si só já desfaz toda esta argumentação.” Jorge Vieira Martins

*“Não tenho conhecimento de nada que os desabone.”
Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai*

*“Eu tenho um carinho muito por aquela comunidade, pelo modo simples e humilde, que eles vivem até os dias de hoje”.
Júlio Colombo, vereador de Tapirai*



O trabalho

Vivem do próprio trabalho, com simplicidade.

Não dependiam e não dependem da ajuda do Poder Público.

Desenvolvem atividades de subsistência.

Sempre trabalharam muito.

162

Desde sempre, a Comunidade Ribeirão da Anta foi vista como um local que abrigava pessoas muito trabalhadoras. Três principais atividades ainda são muito nitidas na memória das pessoas de Tapiraí: a venda de palmito, o artesanato e a produção de farinha de milho. Muitos moradores de Tapiraí ainda lembram com saudosismo da tropa do Ribeirão da Anta chegando à cidade, trazendo palmito para entregar ao sr. Benedito Messias. As pessoas do sertão eram esperadas todas as semanas. Não importava se estava frio ou chovendo, se o tempo era bom ou ruim, lá estavam eles, chegando com sua tropa de burros carregados de palmito. Uma vida difícil e admirada por muitos.



A gente notava que era um povo unido, um povo trabalhador. Trabalhavam mesmo para ganhar o pãozinho de cada dia deles. Povo bom." Pastor Mario Ventura da Silva

"Eu acho que eles são trabalhador. Pelo menos às vezes que eu cheguei lá, sempre alguém tá fazendo alguma coisa. Até mesmo os mais velhos e também os mais novos estão sempre fazendo alguma coisa". Vereador dr. Joel Soares Ramos

"Conheço a comunidade desde 1958. Quando mudei para cá, eles vinham trazer palmito para o Benedito Messias. A gente comprava mercadorias deles. Comprava feijão, comprava milho, palmito. Toda quinta-feira eles vinham trazer o palmito. Então, naquele tempo em já conhecia, tinha amizade com eles. O Gumercindo, o Joaquim. O Gumercindo, a família dele, a rapaziada. A Ana, o Pedro. Eles já eram antigos lá, pelo que eu ouvia falar." Pastor Mario Ventura da Silva

É um povo trabalhador

163

"É um povo trabalhador. Não tenha dúvida. Eu afirmo com a maior firmeza, convicção que eu possa ter – trabalhador! Isso não é hipocrisia. Isso não é demagogia. Olha no rosto de cada uma daquelas pessoas. daquelas senhoras, daqueles senhores. Meu Deus, ali está a dignidade humana. Ali está o exemplo do trabalho.

Ali está o exemplo da dignidade, da garra, da determinação, da boa educação, dos bons valores. A educação que eu digo não é só na letra, ser um culto. Mas a educação está na forma de tratar as pessoas, de tratar a natureza, de tratar a humanidade em si. Olhe, é só olhar em cada rosto, em cada pessoa e você vai ver que é isso que estou falando é verdade. Não tem o que falar contra. Não tem. Se alguém tenta alguma coisa, falar contra, é só ver os fatos. Eu aprendi uma coisa – contra fatos não há argumentos. Simplesmente as pessoas olharem e verão que qualquer argumento que tentam contra, tentam falar o contrário, os fatos, a realidade, por si só já desfaz toda esta argumentação". Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém.

"Eles contribuíram com Tapiraí por que eles trouxeram para a cultura uma parte principal, era o artesanato e as peneiras, que eles traziam para cá na época. Logo que conheci eles, faziam este trabalho. (...) Faziam artesanato com próprio material da floresta. Não era nada comprado. A taquara, o cipó". Alvino Guilherme Marzeuski

"Tem um belo artesanato." Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

"Segundo, eles ainda, até nos dias de hoje, eles continuam tirando o sustento com seus trabalhos artesanais, manuais, e são pessoas que ainda não perderam as raízes das suas origens, dos seus antepassados." Júlio Colombo, vereador de Tapiraí

*"A Comunidade do Ribeirão da Anta teve uma contribuição decisiva para o desenvolvimento de Tapiraí, particularmente na parte do artesanato. Hoje, a cidade tem uma Casa do Artesão que recebeu o nome da matriarca daquela comunidade. Ainda viva."
Júlio Colombo, vereador de Tapiraí*

164



Venda de farinha de milho e artesanato na própria comunidade

*"Tem uma coisa interessante que eles sempre fizeram: a sua farinha no monjolo antigo, que eles sempre mantiveram o funcionamento."
Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí*

*(...) Porque eu posso dizer com segurança, tanto legumes, quanto verduras, quanto a própria farinha de mandioca, a farinha de milho, tudo isso é produzido no local. Eles ainda preservam as características do tempo antigo que só compravam o estritamente necessário."
Júlio Colombo, vereador de Tapiraí*

"Traziam mercadoria para cá, vendiam no armazém do Tiba. Nós comprava, outras pessoas também. O Benedito Messias comprava os palmitos deles. Trazia tudo no lombo de animal. Eles vinham nas quintas-feiras. Eram mais de 10, 12 burros. Carregados. Com palmito, milho, feijão, palmito. (...)Quando mudei para cá eles vinham trazer palmito para o Benedito Messias. A gente comprava mercadorias deles. Comprava feijão, comprava milho, palmito. Toda quinta-feira eles vinham trazer o palmito".Pastor Mario Ventura da Silva.

165



"Eles vinham a pé, com burro. E, ainda, quando eles começavam a vir, estrada não chegava até o Pasto Velho, o Salve Floresta hoje. Parava no Léio. Então, eles tinham uma picada conhecida lá por Morro Pelado. Eles entravam por ali e saíam lá no Pasto Velho. iam pelo alto da serra e descia. Eles passavam ali no estaleiro e diziam que tinham saído de lá no clarear do dia, umas 6 horas da manhã. E até ali eles já estavam passando era meio-dia, meio-dia e meia. Então, eles gastavam só neste trecho umas 6 horas, e pra terminar mais umas quatro horas. Era uma tropa grande. A tropa vinha intercalada. Um grupo aqui, um grupo mais tarde. Algum parava e ficava conversando com o meu pai ali. Era bastante burro. Uns 30 burro. Tinha dia certo prá trazer a carga. Faziam compra em Tapirai e levava de volta. Compravam no armazém do Ildeu Tiba. Carragava a tropa de novo e iam embora. Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai.



Na Comunidade Ribeirão da Anta é reduzida a acumulação de capital e é de grande importância guardado. Viveram e vivem sempre do próprio trabalho. Agora, os mais velhos têm a aposentadoria, mas continuam trabalhando, seja no plantio ou em pequenas áreas, no artesanato, na produção de farinha ou na criação de galinhas.

As técnicas produtivas são simples, de mínimo impacto sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o trabalho artesanal, com matéria-prima da Mata Atlântica. Nele, o produtor e sua família dominam o processo de trabalho até o produto final.

Está presente o sistema tradicional de uso comum da terra. O usufruto da terra é fundamentado em costumes e tradições familiares de várias gerações, com a sua própria organização social, cultural e econômica. As atividades domésticas e laborais estão entrelaçadas no dia a dia da comunidade, de um modo estreito e complementar. Ajudam-se mutuamente. Cuidam uns dos outros, em fortes relações de solidariedade entre as famílias.

Os moradores são briosos, dignos e altivos. Sempre viveram à custa do próprio trabalho e, se sacrifícios fossem necessários, os enfrentavam com coragem e determinação. Jamais se socorreram da caridade alheia ou de benefícios e benesses do Poder Público ou da própria Igreja. Não há notícias de que, uma vez que fosse, bateram às portas da Prefeitura Municipal ou do Fundo de Solidariedade Municipal para pedirem alguma coisa, qualquer coisa. Sempre viveram com os recursos do próprio trabalho.

167

"Eles querem o cantinho deles, livre né, e sobrevivem de uma forma que ali é o pedaço de chão que eles querem, desde que chegaram ali, mantendo a mesma cultura e tradição, desde o artesanato, eles fazem uma cestaria bonita, apreciada, as pessoas tem o prazer de conhecer. Uma cestaria que passou de geração para geração."

Araldo Todesco, prefeito de Tapirá

Serra com a qual desdobravam a tora – tiravam tábuas. Seu Geraldo e sua esposa é que faziam o serviço

O forno, o disco de ferro e o banquinho ao lado: uma cena comum em uma comunidade onde a produção de farinha de milho tem tradição centenária

"Eles reivindicam os direitos deles. Eles não pedem favor. Não é de pedir favor particular. Eles reivindicam os direitos de todos (...). Eles pedem muito pouco, ou quase nada. E não tenho conhecimento que eles venham a pedindo nada." Júlio Colombo, vereador

"Um bom exemplo deles para a geração mais nova é correr atrás, não ficar dependendo de político, eles correm atrás prá conseguirem o que eles querem. Tem gente que fica dentro de casa e vive de pedir as coisas para político. E eles não." Maura Todesco, secretária de Desenvolvimento Social de Tapirai

"Então, a parte social, se houvesse necessidade a igreja dava recursos. Mas eles lá nunca precisou que a igreja desse um pão prá eles lá. Na medida que eles eram trabalhadores, eles não eram assim, necessitados. Eles tinham de tudo, eles criavam, aves, porco."

Mario Ventura da Silva, pastor

"Muito pelo contrário. Eles pedem muito pouco, ou quase nada. E não tenho conhecimento que eles tenham a pedindo nada. É muito pelo contrário, conheço, por exemplo, vou dar um exemplo prático. A esposa do seu Pedrinho, dona Eva, ela não conseguiu uma aposentadoria até os dias de hoje e ela sobrevive dos artesanato propriamente dito. Tem outras pessoas, que por razões que eu desconheço, umas conseguiram a aposentadoria rurais e a nossa irmã dona Eva, que eu conheço, frequento a casa dela, ela faz artesanato até os dias de hoje. Ela poderia muito bem viver pedindo, mas não. Ainda as custas da limitação da vista dela, ela faz artesanato até hoje, pra sobreviver, porque um salário, o esposo conseguiu aposentadoria rural, e ela não conseguiu. Estou dando isso como um exemplo."

Júlio Colombo, vereador de Tapirai



Contrariando a própria expectativa de que, em geral, muitas pessoas costumam pedir favores, dona Ana teve uma atitude surpreendente. Ela se apresentou à prefeitura de Tapiraí como voluntária para ensinar artesanato, principalmente a arte de fazer cestos em bambu. Um caso único de trabalho voluntário junto à prefeitura da cidade.

Dona Ana, voluntária de Tapiraí

"Eles não pedem nada para o Poder Público. O que a dona Ana veio pedir é um cantinho para ela dar o curso. Para ela passar para outras pessoas. Mas para ela mesma, ela nunca pediu nada. Eles produzem a farinha, as galinhas, os ovos. Eles produzem tudo, não dependem de ninguém". Maura Todesco, secretária de Desenvolvimento Social de Tapiraí

"A dona Ana ficou com a gente aqui quase um ano desenvolvendo o trabalho dela. Peneira, cestos, vários artesanatos ela ensinou. Ela conseguiu ter seis a dez alunos. Expomos o trabalho dela também em encontro da primeira-dama do Estado. Todo mundo adorou porque ela é uma idosa já. Ela dava aula três vezes por semana. Ela vinha segunda, quarta e sexta. Dava aula da uma até quatro e meio, cinco horas. Foi no ano passado. É de graça que ela dava o curso. A motivação dela é que ela gostava, ela tinha prazer em ensinar. Mesmo que viesse apenas um aluno, ela estava sempre disposta. Às vezes, até sozinha. Ela trazia o bambu dela. Trazia todo material, vinha de ônibus. Nunca teve tempo ruim para ela não. Ela não queria deixar que acabasse o legado da família dela. Que aprendesse, que não morresse esse aprender a fazer peneira. Eram poucos os que restaram. Ela fala que desde pequena ela aprendeu a fazer o cesto, o balaio. Ela é uma pessoa com tanta idade, tão disposta, e a gente não encontra esta disposição em alguns adolescentes. Ela é uma guerreira! Ela que se disponibilizou a correr atrás do pessoal. Tudo foi ela. Que foi atrás do prefeito, que ficou em cima da dona Maura. Ela que tomou a iniciativa. Nós tínhamos sala, ela tinha condições de vir, demos o total apoio. No município foi só ela que tomou esta iniciativa, como voluntária. Ela foi o grande exemplo de voluntária no município. Ela que agilizou tudo. Só teve ela, até hoje, como voluntária. Igual à farinha. Ela tem de tudo um pouco a dona Ana. Ela comercializa tudo. Ela é uma idosa que cativa a gente. Ela não é aquela idosa do mato, que se esconde. Ela vem até a gente, conta sobre a vida dela, como era antigamente. A dona Ana se vira. Ela vende a banana dela. O artesanato dela, ela vende a farinha, ela vende planta, ela vende de tudo. Aquela sacola dela é mágica." Aline de Souza, assessora de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Social de Tapiraí

"(...) e ela além de contribuir para a Casa do Artesão, ela também funciona também como monitora ou educadora. Ela dá aula de artesanato para estas pessoas mais jovens, que vão lá, na Comunidade Ribeirão da Anta, aprender a confeccionar os mais diversos tipos de artesanato." Júlio Colombo, vereador de Tapiraí

"Hoje, a dona Ana tem uma vontade enorme de ensinar porque ela tem medo que se perca esta tradição e o conhecimento. Ela se preocupa muito com isso. Ela procurou a prefeitura neste sentido. De transmitir este conhecimento. Ela percebe que os jovens vão se afastando dos conhecimentos mais antigos. E ela procurou a prefeitura porque queria ensinar. Queria que mais pessoas mantivessem esta cestaria que eles aprenderam desde os avós. A dona Ana voluntariamente ela ensina. Ali no social sempre ela vem voluntariamente, traz o material lá do Ribeirão e as pessoas que querem aprender ela ensina com o maior prazer. De maneira voluntária. Ela faz isso por prazer mesmo."
Araldo Todesco, prefeito

"Enquanto a gente não deu um cantinho para ela ensinar, ela não sossegou mesmo." Maura Todesco, secretária de Desenvolvimento Social de Tapiraí

Armadilha para peixe:
artefato feito na comunidade





"Pelo que nós conhecemos e pelas visitas que eu tenho feito no bairro, não tenho conhecimento de nenhuma degradação". Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

A mata

Eles têm profunda relação de respeito e proteção com a Mata Atlântica, além de conhecer seus ciclos e estratégias de uso e manejo

A Comunidade Ribeirão da Anta mantém dependência e vida em comum com a Mata Atlântica²⁴, construindo um "modo de vida" próprio, especial, com o compromisso de conservá-la, protegê-la e promovê-la.

Os moradores da Comunidade Ribeirão da Anta possuem profundos conhecimentos sobre a natureza e sobre seus ciclos, o que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Ao longo das décadas, esse conhecimento foi transferido às novas gerações sempre por meio da linguagem oral. Não há áreas desmatadas numa relação de respeito com o meio ambiente. Sobrevivem da mata - preservando-a e preservando-se nela, morando dentro dela, rodeados e sombreados por ela. Precisam do ar que suas árvores reciclam. Dos seus perfumes, dos seus ruídos e barulhos. Precisam de suas cores, de suas flores. Saboreiam seus frutos e estão atentos às suas vontades e necessidades. Lêem suas escritas de sinais próprios e ouvem suas vozes suaves ou aos gritos. Eles a compreendem, alimentando um duradouro e profundo vínculo com suas plantas e seus animais. Conhecem e identificam cada som, cada pegada e cada semente, além das plantas e bichos, da espécie maior à menor.

173

²⁴ Localizada na APA Estadual da Serra do Mar, Município de Tapiraí, Estado de São Paulo, que faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), área reconhecida pela UNESCO - primeira unidade da Rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada no Brasil, e uma das maiores Reservas da Biosfera em área florestada do planeta.

Quando nada legalmente os impedia tinham na extração e na venda do palmito uma importante fonte de renda. Mas, após serem informados sobre sua proibição, foram obedientes e interromperam a atividade.

"Pelo tempo que eles estão lá, se você fizer um retrato, pelo tempo que eles estão lá, pela área que eles utilizam, você percebe que a relação deles com a mata é uma relação ideal. Você não vê área desmatada pelo tempo que eles estão lá. (...) A pouquíssima área que está em aberto são lavouras simples prá fazer uma farinha de milho, uma farinha no monjolo e é pouca área utilizada por eles neste sentido."
Maura Todesco - Secretária de Desenvolvimento Social de Tapirai

"Na Comunidade não temos visto a depredação da natureza. Antigamente, nós tivemos um problema muito sério com palmiteiros que vinham de fora, que devastaram a nossa área de Mata Atlântica aqui. E a comunidade do Ribeirão da Anta por ser uma comunidade e por depender daquilo, ensina o convívio, o retiro da mata com sustentabilidade porque eles dependem daquela mata. Quem depende, cuida e preserva. Quem não depende, não cuida e não preserva, devasta. Então, enquanto o Ribeirão da Anta tá fazendo o trabalho de preservação e sustentabilidade, o palmiteiro que vem de fora, este devasta, porque não tem compromisso com o município. Ele vem e corta tudo." Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapirai

"O relacionamento que eles têm com mata é o que conserva e respeita."
Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

"Ali na comunidade são uma família. Ali foram crescendo e foram morando sem estar prejudicando a mata. Estão mantendo a mata do jeito que era anos atrás. Só usam ali para viver mesmo, o cantinho deles. Viver em comunidade é viver em harmonia, não só entre eles, mas também com a natureza. O mais bonito é que eles mantêm a natureza, eles respeitam a natureza." Maura Todesco, secretária de Desenvolvimento Social de Tapirai

"Acho que eles têm uma boa relação com a mata. E esta relação que eles têm lá vem desde o passado. Sobreviveram da mata. A mata que deu subsídio para eles sobreviverem. E este respeito eles têm."

Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

"Hoje eles vivem de muitas coisas lá que não prejudicam o meio ambiente, como, por exemplo, o artesanato, a farinha e as comidas típicas. É uma relação que não causa dano ao meio ambiente."

Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapiraí

"Depois que houve essa restrição sobre o meio ambiente, sobre a exploração de palmito e madeira, eles sempre obedeceram. Bem antes, bem antes, porque se hoje você fizer uma visita àquele bairro, você vê que está rodeado de floresta, conservado. Não há vestígios de derrubada e invasão." Alvino Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí



Atualmente, a área territorial da comunidade tem palmito em abundância , fortalecendo e consolidando as características nativas do lugar.

A Comunidade Ribeirão da Anta é a responsável por uma das composições paisagistas mais bonitas e harmoniosas da região da Mata Atlântica, da APA Estadual da Serra Mar, Município de Tapiraí. Um lugar que faz com que os visitantes saiam de lá tocados pelo equilíbrio da relação ali existente entre o ser humano e a natureza. Um lugar onde parece que o tempo não foi capaz de agredir a realidade humana e da natureza com as suas tecnologias e os seus problemas tipicamente urbanos. Um lugar onde impera a conversa e se pode observar o tempo passar, sem que os minutos se tornem horas. Um lugar da paciência, do sorriso aberto, da simplicidade e de uma religiosidade piedosa e não ritualística.

Como conseguiram fazer um lugar tão lindo?



Mãos da natureza e de seus moradores em uma relação que nos dá a certeza de que a mata também guarda e alimenta grande respeito e admiração pelos moradores do Ribeirão da Anta, prestando-lhes homenagem em cada amanhecer e entardecer, despertando-os para um novo dia e aliviando o cansaço com a chegada da lua da noite por trás das grandes árvores.

"Eu acredito que até antes de entrar a lei ambiental, eles precisavam de terra, eles precisava usar. Mas depois que veio a lei, eles respeitava. Eu sei. Não derrubaram mais mato, não tiraram mais palmito... E por causa deles não poderem mais trabalhar no mato, eles arrumaram serviço prá fora, na CBA." Pastor Mario Ventura da Silva

"E eles têm uma tradição ainda, eles plantam muito palmito. Em volta de todas as casas, você vê uma abundância de pé de palmito. É bonito lá." Araldo Todesco, prefeito de Tapirai

"Era e ainda é um lugar rodeado de mata. Eu sabia que eles adoravam aquilo ali, aquela região." Alvinho Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapirai

"Aquele local só não foi depredado, não foi dizimado, porque o pessoal do Ribeirão da Anta está conservando aquele local, juntamente com um trabalho feito pela CBA que sempre foi parceiro junto àquela comunidade, que nunca negou apoio de todas as formas, de todos os níveis". Júlio Colombo, vereador de Tapirai

*"A relação deles com a mata é muito boa. Eles preservam e respeitam muito a mata. Pelo menos a comunidade respeita muito a mata. Eles são o fator de proteção da mata."
Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai*

*"Então, o relacionamento deles com a mata, com a natureza, com tudo aquilo, é muito importante, até porque se não, eles não preservaram do jeito que eles preservam. Do jeito que é. Você quer ver um trilho de água, vai lá. Eles vão te levar. Porque eles preservaram."
Jorge Vieira Martins, pastor*

Os descendentes

Eles mantêm os vínculos, participam das atividades, preocupam-se com a comunidade e também ajudam a preservar a identidade Cabocla

178

Desde a chegada dos primeiros moradores até hoje se passaram muitas décadas. Vieram novas gerações que também tiveram seus filhos e netos. Atualmente, há muitos descendentes. Mais de uma centena, entre adultos, jovens, adolescentes, crianças e recém-nascidos. Todos filhos, netos, bisnetos e tataranetos de seu Gumercindo e dona Mariana. E, o que é muito importante, todos com uma forte ligação com o lugar.

“Os mais novos mantêm essa identidade e gostam do local.”

Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai

Alguns poucos com residência fixa no Ribeirão da Anta. Muitos residem “na cidade”, mas permanecem com o coração ligado ao Ribeirão da Anta. Todos se orgulham em dizer que são da comunidade.

“Você pode perguntar, ninguém se envergonha de falar ‘Sou do Ribeirão da Anta’, embora não morando lá”. Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembleia de Deus – Ministério de Belém

"Os descendentes não perderam as características da comunidade. A gente sente que o costume da tradição da comunidade está sendo passado de geração a geração. Mas não como obrigação. Ali, a gente vê um carinho de amor. A comunidade passa a tradição de filho para filho, e o filho pega por amor mesmo." Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapirai

Todos, independentemente, se sentem filhos da Comunidade Ribeirão da Anta.

"Essa característica também está presente e é alimentada nos mais novos. Não é imposta pelo pai ou pela mãe nem pelos avós. É uma coisa que nasce dentro deles. Você pode perguntar, ninguém se envergonha de falar "sou do Ribeirão da Anta", embora não morando lá. E você vê pessoas que vieram há mais tempo pra cá, como alguns, professores, por exemplo, não perderam a característica. De maneira nenhuma eles desprezaram suas origens (...). A comunidade é tradicional, nós temos de preservar a memória desta comunidade e eu fico feliz dos novos estarem preocupados com isso, para a manutenção disso. Pois os velhos, vocês sabem, vão indo embora. Se os novos não derem continuidade, acaba." Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembleia de Deus – Ministério de Belém

179

Não perderam as características da comunidade²⁵. Todos estão atentos ao que acontece no Ribeirão da Anta, sempre buscando notícias e, quando necessário, se mobilizando.

²⁵ "Os descendentes não perderam as características da comunidade. A gente sente que o costume da tradição da comunidade está sendo passado de geração para geração. Mas, não como obrigação. Ali a gente vê um carinho de amor. A comunidade passa a tradição de filho para filho e o filho pega por amor mesmo." Gerson Luiz Glasser, vereador e vice-prefeito de Tapirai

“O que eu percebo é o seguinte. Todos os descendentes daquela família defendem de unha e dentes aquele local. De uma forma de outra eles se mobilizam, eles defendem, porque também é a história deles. Não tem como ser diferente. E hoje mais ainda eles percebem que toda aquela história pode ser perdida. De uma certa forma, eles querem manter aquela história. Não querem perder a história de vida da família deles. É que hoje são bastante. Não são pouco não. Muitos estão aqui na cidade. Alguns estão lá. Mas a maioria está aqui na cidade por uma questão de trabalho, emprego, atividade econômica. Mas, com certeza, a história deles está lá junto com as pessoas mais antigas que ainda permanecem lá, que são os tios e irmãos”
Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

Todos defendem a comunidade:

“Tem uma boa parte que tem ainda. A geração mais nova, que permanece lá, e eu vejo que eles tem um carinho muito grande. Mesmo aqueles que não estão lá, eles defendem muito aquela comunidade. A gente vê aqui, quando a gente faz algum movimento, que precisa da presença deles, aí a gente vê a presença maciça de todos. Então eu acredito que tem sim uma tradição, uma continuação, pela parte mais jovem que tem naquela comunidade lá.” Dr. Joel Soares Ramos, vereador de Tapiraí

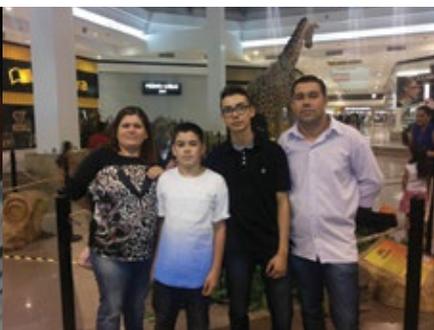
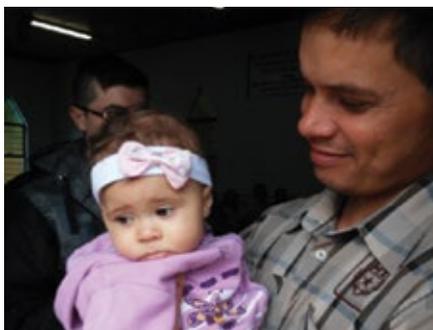
180

Todos têm um sentimento muito forte pela comunidade:

“Porque com todos que eu converso, eles adoram aquilo lá.”
Alvino Guilherme Marzeuski, vereador e prefeito de Tapiraí

Têm condições de preservar o local:

“Eles têm condições de preservar o local e já estão preservando. Hoje, eles mexem com várias coisas lá que não prejudicam o meio ambiente.” Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapiraí



O território

Terras tradicionalmente ocupadas²⁶ como territorialidade de referência. Eles têm a terra como seu reconhecido território e têm orgulho de ser da comunidade Ribeirão da Anta. Além disso, o território faz parte da identidade das pessoas e é utilizado como moradia.

182 A territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável. Os moradores da Comunidade Ribeirão da Anta sempre gostaram muito do local onde vivem e viveram . Além disso, possuem, de forma clara, inequívoca, segura e tranquila, o território onde estão e onde se reproduzem econômica e socialmente como parte da identidade pessoal e grupal de cada um deles.

26 De igual modo são consideradas como "terras tradicionalmente ocupadas", e enfrentam obstáculos à sua efetivação, aquelas áreas de uso comum voltadas para o extrativismo, para a pequena agricultura e para o pastoreio, focalizadas por diversos instrumentos jurídicos, que buscam reconhecer suas especificidades". Alfredo Wagner Berno de Almeida - Antropólogo. De 1973 a 1978, cursou o mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E em 1993, concluiu o doutorado em Antropologia Social pela mesma instituição. Trabalha principalmente com os temas: povos tradicionais, etnicidade, conflitos, movimentos sociais, processos de territorialização e cartografia social, Amazônia. Dentre suas publicações, destacam-se os livros "Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização", publicado em 1995, pelo MIQCB; "Carajás: a Guerra dos Mapas", publicado no mesmo ano pela Supercores; e "Antropologia dos Archivos da Amazônia" publicado em 2008, pela Editora da Universidade do Amazonas.

http://www.geografia.flch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/flg0563/1s2015/102-172-2-PB.pdf

As terras nas quais a Comunidade Ribeirão da Anta se estabeleceu estão sob posse pacífica desde as primeiras décadas do século XX com seus moradores as preservando e protegendo.

“Eles têm orgulho de dizer que são de lá. Se você falar com qualquer um de lá, até os mais jovens, eles têm orgulho de falar “sou da Ribeirão da Anta”. Eles têm orgulho”. (...) Você pode perguntar, ninguém se envergonha de falar “sou do Ribeirão da Anta. (...) De maneira nenhuma eles desprezaram as suas origens. (...) lá é a fonte de vida deles. É onde eles mais gostam.” Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém



"Não conheci seu Gumercindo. Conheci o João Godoy, seu Pedro, o Loreano, o seu Juventino, seu Zezinho, moradores do Ribeirão da Anta e do Pescador. Pessoas que toda vida gostaram daquele local e continuam gostando." Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai

"São pessoas que vieram ali, formaram uma família, viveram em conjunto numa mesma área e sobreviveram em função desta área com as atividades econômicas que até hoje permitem para eles, mas que, na época, eram muito mais difíceis."

Araldo Todesco, prefeito de Tapirai

"Conheço a comunidade desde 1958. Quando mudei para cá eles vinham trazer palmito para o Benedito Messias. A gente comprava mercadorias deles. Comprava feijão, comprava milho, palmito. Toda quinta-feira eles vinham trazer o palmito. Então, naquele tempo em já conhecia tinha amizade com eles. O Gumercindo, o Joaquim. O Gumercindo, a família dele, a rapaziada... A Ana, o Pedro. Eles já eram antigos lá, pelo que eu ouvia falar." Mario Ventura da Silva, pastor 50 anos da Igreja Assembléia

"Estou no município há pouco mais de 34 anos e neste período eu já conheço, eu tive o prazer de conhecer o Bairro Ribeirão da Anta. (...) É um pessoal unido. São pessoas que estão naquele local há muito tempo. (...) Quando eu cheguei aqui eles já estavam lá. Eram antigos lá. Eu cheguei há 34 anos no município. Desde que cheguei eles sempre estiveram lá. Pelo que eu tenho conhecimento, pela própria comunidade aqui, eles estão lá desde que há muito mais de 80 anos, ou até mais. Neste período que eu tenho conhecimento é pelo meu pai. Meu pai era uma pessoa muito presente no município, eu não. Ele trabalhou muito neste sertão, muito nesta área e conhecia este povo. Pelas próprias conversas conhecia este povo. Meu pai conhecia eles quando eu ainda era menino. Meu pai trabalhou muito nestas áreas. (...) Eles estão aqui desde a formação de Tapiraí. Desde quando Tapiraí começou a existir como um aglomerado de pessoas elas já estava naquele local, vivendo em função daquele sertão."

Araldo Todesco, prefeito de Tapiraí

"Eu fiz uma homenagem lá na Casa do Artesão a uma pessoa que tem o nome dela hoje, a Sra. Catarina Jesus Godoy. Ela nasceu em 1918 e ela chegou com apenas dez anos ali, então ela chegou mais ou menos em 1928, foi o que ela me disse." Dr. Joel Soares Ramos, vereador

"Por direito são os verdadeiros proprietários, que por tantos anos que eles lutam e defendem aquela terra ali. Defendem aquele espaço. Eu conheço todos eles e já visitei todos eles, e a gente vê o carinho que eles têm por ali."

Não degradam o Meio Ambiente. Cuidam do território (fauna e Flora).

Vide Tópico "A Mata".

Defendem com determinação, pacificamente e pelas vias legais, a posse da terra e o direito livre, desimpedido, livre de ameaça, de ir e vir dentro do espaço de terra que tem como seu território

Seu Gumercinco Alves da Silva, certamente, já na primeira vez que pisou às margens do Ribeirão da Anta, sentiu que aquelas terras pertenceriam à sua família e aos seus descendentes pelo mérito do cuidado e pelo respeito a ela. E, assim, desde os primeiros dias no local que escolheu para residir, sempre cuidou e ensinou os outros a cuidarem dela, delimitando pela preservação, pela proteção e pela utilização respeitosa do meio ambiente, no território que mais tarde, em 25 de fevereiro de 1961, viria solicitar o Título Definitivo de Domínio junto à Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado de São Paulo.

186

"Mesmo aqueles que não estão lá, eles defendem muito aquela comunidade. A gente vê aqui, quando a gente faz algum movimento, que precisa da presença deles, aí a gente vê a presença maciça de todos". Joel Soares Ramos, vereador de Tapiraí

Desde então, seu Gumercinco alimentou a expectativa de ter o Título de Propriedade das terras, expectativa que passou aos herdeiros, que há vários anos estão pleiteando na Justiça pelo direito de posse originária da propriedade. No entanto, em 8 de setembro de 2015 foi cumprida uma ordem de Reintegração de Posse (autos de reintegração de posse n. 0003796-14.2012.8.2016.0443) em desfavor da Comunidade Ribeirão da Anta e em favor da Monsa Agropecuária. Ocorre que, em ato contínuo à Reintegração de Posse, os moradores da Comunidade Tradicional do Ribeirão da Anta tiveram seu acesso restrito às águas da Represa Porto Raso (defronte à Vila Ribeirão da Anta, do outro lado da estrada) onde, há muitos anos (desde quando era apenas o Rio Juquiá) desenvolvem diversas atividades de geração de renda (como pesca, acompanhamento de turistas, etc.), lazer, recreação e contemplação.

Esco. Sr. Dr. Diretor da Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado de São Paulo.

36591
3
4.º CARTÓRIO DE NOTAS
AUTENTICAÇÃO
VERSO E AVERSO

SJN1 - DJE
Procuradoria do Patrimônio Imobiliário
4 MAR 1961 *
PR
Pagul n.º 419

GUMERCINDO ALVES DA SILVA, brasileiro, casado, lavrador, residente e domiciliado no bairro Ribeirão da Anta, neste Município de Tapiraí, vem muito respeitosamente expor e requerer a V.Excia. o que adiante se segue: 1.º) Que está ocupando durante 22 (vinte e dois) anos mais ou menos, uma gleba de terras, com a área de 100 (cem) alqueires, ou seja 242,00 ha., mais ou menos, situada no lugar denominado bairro Ribeirão da Anta, neste Município de Tapiraí, Comarca de Piedade, Estado de São Paulo, onde reside com sua família, trabalhando na lavoura; existindo nessa terra algumas benfeiterias, como sejam, quatro casas de morada, quinhentos pés de café, vinte e cinco pés de laranja, etc.. 2.º) Que durante esta ocupação não apareceu de modo nenhuma turbacão, contestação, embargo ou sequestro público. 3.º) Que consta ser o terreno acima, devoluto.

Deante do acima exposto, vem muito respeitosamente requerer a V.Excia., se digne ordenar seja expedido ao requerente o respectivo TÍTULO DEFINITIVO DE DOMÍNIO, da gleba acima referida.

Nestes termos,

P. Deferimento.

Tapiraí, 25 de Fevereiro de 1961.

Gumercindo Alves da Silva

RECEBUE
RECEBUE

CADASTRA
NO



“Adquiriu direito de posse ali naquela região. E que são pessoal que por direito são os verdadeiros proprietários, que por tantos anos que eles lutam e defendem aquela terra ali. Defendem aquele espaço. Eu conheço todos eles, já visitei todos eles, e a gente vê o carinho que eles têm por ali.” Joel Soares Ramos, vereador de Tapirai

Determinação dos moradores mais antigos em não saírem do local e não irem residir na cidade

Os oito irmãos, filhos de Gumercindo Alves da Silva e Mariana Maria de Jesus, jamais saíram do Ribeirão da Anta. Nunca viveram em outro lugar ou pensaram em viver. Ali, aquele pedaço de chão, no meio da floresta da Mata Atlântica, no sertão, sempre foi a casa escolhida, a terra prometida e o pedaço de céu reservado para eles.

Ali tiveram muitas de suas crianças e netos. Ali preservam suas lembranças e crenças. Ali querem ser visitados e gostam de receber familiares e amigos. Alo, a água brota das minas e em seus tanques de lavar roupa não é necessário fechar as torneiras simplesmente porque elas não existem. A água correndo para o Ribeirão faz graciosamente uma visita às casas da comunidade, auxiliando nos serviços e refrescando a sede de seus moradores.

ABAIXO ASSINADO

EM DEFESA DA COMUNIDADE DO BAIRRO RIBEIRÃO DA ANTA

Nós, abaixo assinados manifestamos o NOSSO APOIO ao Prefeito Municipal e Vereadores Municipais do Município de Tapiraí, Estado de São Paulo, em suas ações de proteção e promoção da Comunidade Tradicional do Bairro Ribeirão da Anta, principalmente em relação às seguintes providências: a. Que os moradores do Bairro Ribeirão da Anta voltem a ter acesso livre e irrestrito, sem ameaças e intimidações, às águas da Represa, em área defronte ao Bairro, do outro lado da estrada, conforme já o fazem a décadas; c. Que o Bairro do Ribeirão da Anta seja declarado publicamente e legalmente, Patrimônio Histórico Cultural do Município de Tapiraí, derivando desta condição os direitos constitucionais reconhecidos a uma Comunidade Tradicional; d. Que seja reconhecido e protegido o Direito de Território do Bairro Ribeirão da Anta, enquanto Comunidade Tradicional; e. Que os moradores do Bairro Ribeirão da Anta, na sua maioria idosa, tenham a proteção legal a que têm direito por parte dos órgãos de segurança pública e do Poder Judiciário, evitando serem intimidados, ameaçados e conduzidos ilegalmente contra a sua própria vontade, como já aconteceu, e foi relatado em Sessão Ordinária da Câmara Municipal, e ao Órgão do Ministério Público em Piedade.

	Nome	R.G	ASSINATURA
1	Vital P. de Oliveira	22.210.737	<i>Vital</i>
2	Opinista de C. P. Rocha	42051121-2	<i>Opinista Rocha</i>
3	Francisco Rodrigues Bore	40875367-6	<i>Francisco Bore</i>
4	Anderson Oliveira Batista	49540043-9	<i>Anderson</i>
5	Ademir de C. Rodrigues	52.680.681-3	<i>Ademir de C. Rodrigues</i>
6	Quirino de S. P. Pereira	25.252.441-X	<i>Quirino de S. P. Pereira</i>
7	Guilherme de S. Moraes	40.299.922-23	<i>Guilherme</i>
8	Wilson de S. Moraes	32.001.263-1	<i>Wilson</i>
9	Manoel de S. Moraes	337.114	<i>Manoel</i>
10	Juliano Severino dos Santos	48.512.716-X	<i>Juliano Severino dos Santos</i>
11	Vesce Luiz dos Santos	44.265.000-2	<i>Vesce Luiz</i>
12	MARCO F. DOS CHAGAS	20.986.631	<i>Marco F. dos Chagas</i>
13	Pedro Henrique M. de Lima	19.612.114	<i>Pedro Henrique M. de Lima</i>
14	SANTO DE LIMA	24.460.449-7	<i>Santo de Lima</i>
15	Guilherme de S. Moraes	47.675.283-X	<i>Guilherme</i>
16	Wilson de S.	27109807	<i>Wilson</i>
17	Vandine Santana Moraes	453233-82X	<i>Vandine</i>
18	Marcelo de S. Moraes	42222964-5	<i>Marcelo</i>
19	Luciano de S. Moraes	34.682.720-6	<i>Luciano</i>
20	Jaime Marquinho Rodrigues	40.850.562-3	<i>Jaime Marquinho Rodrigues</i>
21	Guilherme de S. Moraes	24.327.903-6	<i>Guilherme</i>
22	de S. Moraes	16.169.686	<i>de S. Moraes</i>
23	Robson José de S. Moraes	43.926.198-3	<i>Robson José de S. Moraes</i>
24	Wilson de S. Moraes	15.140.974	<i>Wilson</i>
25	Wilson de S. Moraes	13.488.643	<i>Wilson</i>
26	Cláudio de S. Moraes	46.605.448-8	<i>Cláudio de S. Moraes</i>
27	Wilson de S. Moraes	24.789.955-9	<i>Wilson</i>
28	Wilson de S. Moraes	16.670.021	<i>Wilson</i>
29	Vidivaldo de S. Moraes	40.969.359	<i>Vidivaldo</i>

"Se eles, na verdade, não gostassem de onde estão, eles estão tão próximos do centro da cidade, viriam tudo pra cá, condições para isso eles têm. Poderiam vir, fazer suas casas, morar tudo pra cá, perto de médico, perto de hospital, perto da cidade mais próxima, Piedade. Ali é um lugar longe. Tem acesso, mas é longe. Você sabe. Então, por que estão lá? É porque se eles saírem do seu habitat é muito mais prejudicial do que um socorro. Porque eles vivem muito melhor daquela maneira do que propriamente achar que está na cidade e estão perto de tudo e, por isso, estão bem. Não, lá é a fonte de vida deles. É onde eles mais gostam", diz Jorge Vieira Martins, pastor da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém.

"Porque, além de ser uma comunidade tradicional, eles fizeram isso por iniciativa própria. Ninguém mandou eles ficarem daquela forma, mantendo os mesmos costumes. Na verdade, é uma naturalidade deles. Não é uma coisa forçada. Eles não fazem isso até para aparecer. Eles querem o cantinho deles, livre... e sobrevivem de uma forma que ali é o pedaço de chão que eles querem, desde que chegaram ali, mantendo a mesma cultura e tradição." Araldo Todesco, prefeito de Tapirai

"Hoje, os irmãos que estão ali, eu acho que eles nem se vê longe dali. Isso seria fatal na vida deles. Eles não arredam o pé daquele espaço ali. Ali é vida deles. Ali é a história deles. A vida deles. Então, eu não vejo eles longe dali. Isso eu tenho certeza. Nem eles se vêem longe dali." Araldo Todesco, prefeito de Tapirai

Desejos dos mais novos, filhos e netos, residentes na cidade por motivo de trabalho e/ou estudo de voltarem a residir na comunidade e estarem nela sempre que podem

Os netos de seu Gumercindo e dona Mariana sempre estão juntos dos pais na Comunidade. Apesar de vários deles serem obrigados a morar na cidade por força de trabalho e estudo, na Comunidade não se esvaziou a perspectiva de sustentação e de preservação.

Os mais novos sempre estão de visita . Muitos deles preservam seus quartos, que lhes garantem confortáveis finais de semana, feriados e período de férias. Alguns procuram uma ocupação remunerada que lhes possibilite residirem na comunidade.

"Os mais novos têm essa identidade e gostam do local." Dorival Teodoro Bento, vereador de Tapirai

"O Antonio, filho de seu João Godoy e dona Elisa, conseguiu recentemente um emprego no viveiro do Legado das Águas, o que lhe garantiu viver na Comunidade, apesar de a esposa ainda permanecer em Tapirai por causa do filho que está estudando."



Moradores do Ribeirão da Anta analisam, discutem e decidem sobre a planta de reforma da escola da Comunidade, que hoje abriga o Centro de Tradições Caboclas do Ribeirão da Anta

Declaração da Comunidade Cabocla de Ribeirão da Anta

Nós, neste mês de julho de 2016, descendentes de Gumercindo Alves Silva, conscientes da nossa condição de tradicionalidade, da nossa história e da nossa cultura declaramos:

PRIMEIRO

192 Nossa origem é no sertão. Somos um povo sertanejo, caboclo.

SEGUNDO

Identificamo-nos, nos sentimos e nos reconhecemos mutuamente, na condição de membros de uma Comunidade Tradicional Cabocla, denominada COMUNIDADE RIBEIRÃO DA ANTA, ou Bairro Ribeirão da Anta, localizada na APA Estadual da Serra do Mar, Município de Tapiraí, Estado de São Paulo, que faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), área reconhecida pela UNESCO - primeira unidade da Rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada no Brasil, e uma das maiores Reserva da Biosfera em área florestada do planeta.

TERCEIRO

Identificamos, sentimos e reconhecemos o território da Comunidade Ribeirão da Anta como traço próprio e personalíssimo de nossa identidade histórica, cultural, social e econômica.

QUARTO

Entendemos que as terras da Comunidade Cabocla Ribeirão da Anta não deverão, e não serão, objeto de pretensão de venda, em qualquer momento que seja, mantendo assim, o seu caráter comunitário familiar, na propriedade, na posse, no cuidado e na utilização. Temos claro e inequívoco o entendimento e decisão, comum e unânime, pela inalienabilidade das terras da Comunidade Tradicional Cabocla Ribeirão da Anta.

QUINTO

Identificamo-nos, nos sentimos e nos reconhecemos mutuamente, como protagonistas de uma singular história, tradição e cultura que nos caracterizam e nos identificam entre si, com território e com a região.

SEXTO

Entendemos que nos cabe, na qualidade de membros da Comunidade Ribeirão da Anta, a preservação e a defesa da Mata Atlântica, cuidando de sua biodiversidade.

193

SÉTIMO

Entendemos que a caracterização da Comunidade Ribeirão Anta como Atrativo Turístico é, por excelência, uma escolha apropriada para a sua sustentabilidade e desenvolvimento econômico e social, não proibindo que outras atividades produtivas sejam realizadas, desde que esteja sempre garantida a integridade total da Mata Atlântica e de sua biodiversidade.

OITAVO

Entendemos que a Associação da Comunidade Cabocla Ribeirão da Anta deva representar e defender os interesses e direitos de preservação e desenvolvimento da Comunidade Ribeirão da Anta junto aos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, a nível municipal, estadual e federal e também junto às organizações não governamentais e empresas.

Filhos de Gumercindo Alves da Silva e Mariana Maria de Jesus

JURANDIR ALVES DA SILVA, aposentado, domiciliado à Rua Antonio José Vieira, Nº 101, Jardim Primavera, Tapiraí, SP. Foi casado com Benedita Franco da Silva;

ANA ALVES DE FARIA, lavradora / artesã / aposentada, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP. Esposo - Alino Antonio Faria, aposentado, domiciliado no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP;

CATARINA ALVES DE GODOI LIMA, lavradora aposentada, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP. Esposa de Adão Pires de Godoy (falecido);

GERALDO ALVES DA SILVA, lavrador aposentado, domiciliado no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP. Esposa: Florinda Maria de Jesus Silva, lavradora aposentada, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP;

ELIZA MARIA DE JESUS, aposentada, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP. Esposa de João Pires de Godoy (falecido);

JOSÉ ALVES DA SILVA, aposentado, domiciliado no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP. Esposa: Odila Batista da Silva;

PEDRO ALVES DA SILVA, aposentado, domiciliada no Bairro Pescador, Tapiraí, SP. Esposa: Eva Domingues Alves;

PAULINA ALVES DE MORAES, aposentada, domiciliada no Bairro Pescador, Tapiraí, SP. Esposo: Marcílio Pinto de Moraes (falecido)

Netos de Gumercindo Alves da Silva e Mariana Maria de Jesus

JONIMO JOSÉ DA SILVA, filho de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Rua Presbítero José Braga dos Santos, nº 130 , Vila Madame Louise, Tapiraí, SP. Esposa: Osória Pires de Oliveira Silva;

GUMERCINCO ALVES DA SILVA NETO, motorista, filho de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Rua Presbítero José Braga dos Santos, nº20, Vila Madame Louise, Tapiraí, SP. Esposa: Eliana Bueno da Silva, costureira;

EMÍLIO ALVES DA SILVA, pintor, filho de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado no Bairro Pescador, Tapiraí, SP;

LOURDES ALVES DA SILVA RIBEIRO, do lar, filha de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliada à Av. Santa Catarina, nº 567, Centro, Tapiraí, SP. Esposo: Darci Benedito Ribeiro, pedreiro;

EDNA ALVES DA SILVA MORAES, professora, filha de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliada à Rua Tokishiro Toyama, nº 182, Centro, Tapiraí, SP. Esposo: Sandro Rodrigues de Moraes, motorista;

195

AÍLTON ALVES DA SILVA, operador de máquinas, domiciliado na Vila Residencial, nº 36, Usina da Fumaça, CBA, filho de José Alves da Silva. Esposa: Aparecida Batista Rodrigues da Silva, do lar, domiciliada na Vila Residencial, nº 36, Usina da Fumaça;

NAIR FARIA DE MORAES, lavradora, domiciliada à Rua Guilherme Marzeuski, nº 305, Centro, Tapiraí, SP, filha de Ana Alves de Faria e Alino Antonio Faria. Esposo: Pedro Laureano de Moraes, operador de máquinas, aposentado, domiciliado à Rua Guilherme Marzeuski, nº 305, Centro, Tapiraí, SP;

JOVEANA FARIA DA SILVA, faxineira, doméstica, domiciliada à Rua Julio Alberto Macieira, nº 396, Centro, Tapiraí, SP, filha de Ana Alves de Faria. Esposo: Simão Domingues da Silva, operador de motosserra, domiciliado à Rodovia Bunjiro Nakao, km 54, Ibiúna, SP;

ROSALINA MARIA DE GODOI FARIA, do lar, domiciliada à Rua Julio Alberto Macieira, filha de Catarina Alves de Godoy Lima. Esposo: DORVÍLIO ANTONIO FARIA, motorista aposentado, domiciliado à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 386, Centro, Tapiraí, SP, filho de Ana Alves de Faria;

ARLETE ALVES DA SILVA, autônoma, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva e Florinda Maria de Jesus Silva. Esposo: DORIVAL SILVA FARIA, autônomo, domiciliado no Bairro Ribeirão Da Anta, Tapiraí, SP, filho de Ana Alves Faria;

196

CÍNTIA VIEIRA ANATÓLIO ALVES DA SILVA, do lar, domiciliada à Rua Antonio José Vieira, nº 101, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filha de Jurandir Alves da Silva e Benedita Franco da Silva. Esposo: Adilson Alves da Silva;

ANTONIO APARECIDO DA SILVA, pedreiro, domiciliado à Rua Evandro Da Silva, nº 55, Salto de Pirapora, SP; filho de José Alves da Silva e Odila;

ILSA ALVES DE MORAES, do lar, domiciliada à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 355, Centro, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva e Florinda Maria de Jesus Silva. Esposo: Querobim Pinto de Moraes, aposentado, domiciliado à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 355, Centro, Tapiraí, SP;

CECÍLIA PIRES DE GODOY, costureira, domiciliada à Avenida Juvenal Regis, nº 100, Centro, Tapiraí, SP, filha João Pires de Godoy e Elisa Maria Jesus;

LAÉRCIO PINTO DE MORAES, marceneiro, domiciliado à Rua José Rolim de Góes, nº 66g, Vila Olinda, Piedade, SP, filho de Paulina Alves Moraes. Esposa: Edileia Leme de Campos Moraes, professora aposentada, domiciliada à Rua José Rolim de Góes, nº 66g, Vila Olinda, Piedade, SP;

GERSON DA CONCEIÇÃO DE MORAES, lavrador, domiciliado no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filho de Paulina Alves de Moraes;

APARECIDA ALVES RODRIGUES, lavradora, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Paulina Alves de Moraes;

JAMIR PIRES DE GODOY, funcionário público, domiciliado à Avenida Tancredo Neves, nº 745, Cotianos, Piedade, SP, filho de Catarina Alves Godoy Lima. Esposa: Neuza Moreno de Godoy, aposentada, domiciliada à Avenida Tancredo Neves, nº 745, Cotianos, Piedade, SP;

197

EUGÊNIO PIRES DE GODOY, pedreiro, domiciliado à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 325, Centro, Tapiraí, SP, filho de Catarina Alves Godoy Lima;

MARINA ALVES DE MORAES PAULA, auxiliar de cozinha, domiciliada à Avenida Jorge Guilherme Senger, nº 418, Jardim Botucatu, Sorocaba, SP, filha de Paulina Alves de Moraes. Esposo: Sérgio de Paula, pedreiro, domiciliado à Avenida Jorge Guilherme Senger, nº 418, Jardim Botucatu, Sorocaba, SP;

ZÉLIA ALVES DA SILVA RODRIGUES, doméstica, domiciliada à Rua Antônio José Vieira, nº 22, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva e Florinda Maria de Jesus Silva. Esposo: Alvarino Batista Rodrigues, operador de máquinas, domiciliado à Rua Antônio José Vieira, nº 22, Jardim Primavera, Tapiraí, SP;

GUMERCINDO ANTÔNIO FARIA, motorista, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima, nº 306, Centro, Tapiraí, SP, filho de Ana Alves Faria e Alino Antonio Faria;

BRAZ PIRES DE GODOY, motorista, domiciliado à Rua Augusto Moritz, nº 500, Centro, Tapiraí, SP, filho de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy (falecido);

ANTONIO APARECIDO DE GODOY, motorista, domiciliado à Avenida Celso David do Valle, nº 112, Teto I, Tapiraí, SP, filho de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy (falecido). Esposa: Nelci de Pontes Jesus Godoy, secretária, Avenida Celso David do Valle, nº 112, Teto I, Tapiraí, SP;

198 AILTON PIRES DE GODOY, mecânico de manutenção, domiciliado à Rua 21, nº 32, Bairro Ciriaco, Piedade, SP, filho de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy. Esposa: Maria do Socorro Amorim Godoy, do lar, domiciliada à Rua 21, nº 32, Bairro Ciriaco, Piedade, SP;

VALDIRENE PIRES DE GODOY, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy. Esposo: Valter Pires de Oliveira, domiciliado no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP;

JÚLIA PIRES DOS SANTOS, lavradora rural, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy. Esposo: Ranolfo Franco dos Santos, aposentado, domiciliado à Rua Juvenal Régis, nº 230, Centro, Tapiraí, SP;

JUVENÁRIA PIRES DE MORAES, costureira, domiciliada à Avenida Nádia Mincovisk, nº 517, Centro, Tapiraí, SP, filha de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy. Esposo: Antonio Pinto de Moraes, aposentado, domiciliado à Avenida Nádia Mincovisk, nº 517, Centro, Tapiraí, SP;

MARIA IZABEL DE MORAES SANCHES, funcionária pública, domiciliada à Rua Antônio Vitorino dos Santos, nº 31, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filha de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pinto de Moraes. Esposo: Jederson Muniz Sanches, motorista, domiciliado à Rua Antônio Vitorino dos Santos, nº 31, Jardim Primavera, Tapiraí, SP;

ADELINA ALVES DE MORAES SANTOS, professora, domiciliada à Rua José Leite de Oliveira, nº 300, Bairro Butuca, Piedade, SP, filha de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pinto de Moraes;

APARECIDA ALVES DA SILVA MORAES, aposentada, domiciliada à Rua Tokiso Ynada, nº 65, Teto I, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva;

IRACEMA FARIA CARDOSO, aposentada, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Ana Alves Faria e Alino Antonio Faria. Esposo: Euviro Francisco Cardoso;

199

ANÍZIO PIRES DE GODOI, vigia, domiciliado à Rua Vicente Godinho, nº 60, Bairro Ortizes, Piedade, SP, filho de Catarina Alves de Godoy Lima;

ENEIDE ALVES DA SILVA, costureira, domiciliada à Rua Vinte e Um de Abril, nº 220, Vila Nádia, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva;

DANEL ALVES DA SILVA, motorista, domiciliado à Rua Kazuo Massaoki, nº 73, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filha de Geraldo Alves da Silva. Esposo: Maria de Lurdes Alves da Silva, serviços gerais, domiciliada à Rua Kazuo Massaoki, nº 73, Jardim Primavera, Tapiraí, SP;

JURANDIR ALVES DA SILVA FILHO, servente geral, domiciliado à Rua Antonio José Vieira, nº 101, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filho de Jurandir Alves da Silva. Esposa: Valquiria Zacarias da Silva, auxiliar administrativa, domiciliada à Rua Antonio Jose Vieira, nº 101, Jardim Primavera, Tapiraí, SP;

ADÍLSON ALVES DA SILVA, encarregado de produção, domiciliado à Rua Antonio José Vieira, nº 101, Jardim Primavera, Tapiraí, SP, filho de Jurandir Alves da Silva;

WILSON DOMINGO DA SILVA, domiciliado à Rua Cristovão Pereira de Abreu, nº 36, Parque Laranjeiras, Sorocaba, SP, filho de Jurandir Alves da Silva;

FRANCISCO ALVES DA SILVA, movimentador de carga pesada, domiciliado à Rua João Guandaré Mendes Filho, nº 74, Parque Laranjeiras, Sorocaba, SP, filho de Jurandir Alves da Silva;

200 HELENA ALVES DA SILVA, cozinheira, domiciliada à Rua Joaquim César Mafra, nº 120, Jardim Nova Conquista, Tapiraí, SP, filha de Jurandir Alves da Silva. Esposo: José Alexandre Rafanelli Ferreira, mecânico de motos, domiciliado à Rua Joaquim César Mafra, nº 120, Jardim Nova Conquista, Tapiraí, SP;

JOAQUIM ANTONIO FERNANDES, agricultor, domiciliado à Rodovia SP-79, km 143, Bairro dos Fidências, Piedade, SP, filho de Laurentina Maria de Jesus (em memória). Esposa: Osmir Rodrigues da Silva Fernandes, auxiliar de enfermagem, domiciliada à Rodovia SP-79, km 143, Bairro dos Fidências, Piedade.

Bisnetos de Gumercindo Alves da Silva e Mariana Maria de Jesus

ÍRIS CÉLIS ALVES RODRIGUES, lavradora, domiciliada no Bairro Ribeirão da Anta, Tapiraí, SP, filha de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pinto de Moraes;

DARIO FARIA CARDOSO, filho Iracema Faria Cardoso e Elviro Francisco Cardoso e neto de Ana Alves Faria e Alino Antonio Faria. Esposa: Denise Anselmo Domingues;

JOSIMAR JOSÉ DA SILVA, professor, filho de Jonimo José da Silva e Osória Pires de Oliveira Silva, neto de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Av. José Garcia de Sales, nº 702, bairro Turvo, Tapiraí, SP. Esposa: Solange Neli dos Santos, professora;

JESSICA JOSIANE DA SILVA SOUSA, operadora de caixa, filha de Jonimo José da Silva e Osória Pires de Oliveira Silva, neta de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliada à Rua Jervazio Porfírio do Nascimento, nº 197, Ipanema Villi, Sorocaba, SP. Esposo: Emerson Candido Sousa, copeiro;

201

JOSIEL JOSÉ DA SILVA, ajudante geral, filho de Jonimo José da Silva e Osória Pires de Oliveira Silva, neto de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Rua Presbítero José Braga dos Santos, nº 130, Vila Madame Louise, Tapiraí, SP;

OSEIAS DA SILVA, operador de máquina, filho de Jonimo José da Silva e Osória Pires de Oliveira Silva, neto de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Rua Presbítero José Braga dos Santos, nº 130, Vila Madame Louise, Tapiraí, SP;

CAROLAINÉ BUENO DA SILVA, estudante, filha de Gumercindo Alves da Silva Neto e Eliana Bueno da Silva, neta de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliada à Rua Presbítero José Braga dos Santos, nº 20, Vila Madame Louise, Tapiraí, SP;

BIANCA DA SILVA RIBEIRO, caixa de supermercado, filha de Darci Benedito Ribeiro e Lourdes da Silva Ribeiro, neta de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliada à Av. Santa Catarina, nº 567, Centro, Tapiraí, SP;

BRUNO DA SILVA RIBEIRO, atendente, filho de Darci Benedito Ribeiro e Lourdes da Silva Ribeiro, neto de Pedro Alves da Silva e Eva Domingues Alves, domiciliado à Av. Santa Catarina, nº 567, Centro, Tapiraí, SP;

ALTAIR APARECIDO DA SILVA, conferente, domiciliado à Rua Pedro Mendes Resende, nº 17, Distrito Barnabés, Juquitiba, SP, filho de Ailton Alves da Silva e Aparecida B. Rodrigues da Silva, neto de José Alves da Silva. Esposa: Regina Moraes Godinho da Silva, do lar, domiciliada à Rua Pedro Mendes Resende, nº 17, Distrito Barnabés, Juquitiba-SP;

JEANICE APARECIDA DA SILVA GOMES, do lar, domiciliada à Rua Oswaldo Barbosa Guimarães, nº 96, Bairro Conceição, Juquitiba, SP. Esposo: Reginaldo de Souza Gomes, operador de máquinas, domiciliado à Rua Oswaldo Barbosa Guimarães, nº 96, Bairro Conceição, Juquitiba, SP;

202

CLAUDIRENE FARIA DA SILVA, design de moda / costureira, domiciliada à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 396, Centro, Tapiraí, SP, filha de Joveana Faria da Silva e de Simão Domingues da Silva e neta de Ana Alves de Faria e Alino Antonio Faria;

CLAUDINEIA FARIA DA SILVA, assistente de desenvolvimento de produto - moda, domiciliada à Rua Júlio Alberto Macieira, nº 396, Centro, Tapiraí, SP, filha de Joveana Faria da Silva e de Simão Domingues da Silva e neta de Ana Alves de Faria e Alino Antonio Faria;

ELIZETE PIRES DE GODOY RODRIGUES, estudante, domiciliada à Rua Juvenal Regis, nº 100, Centro, Tapiraí, SP, filha de Cecília Pires de Godoy e neta de Eliza Maria de Jesus

CILENE FARIA DE MORAES BARROS, coordenadora pedagógica, domiciliada à Avenida Coronel Moreira Lima Nº 731 - Centro - Tapiraí -SP; Filha de Pedro Laureano de Moraes e Nair Faria de Moraes – Esposo - Jair Batista De Barros, motorista, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima Nº 731 - Centro - Tapiraí -SP;

EBER MARTINS FARIA, estudante, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima Nº 306 - Centro - Tapiraí -SP; Filho de Gumerindo Alves de Faria - Neto de Ana Alves Faria e Alino Antonio Faria

ERIVELTON ANTONIO FARIA, motorista, domiciliado à Rua Julio Alberto Macieira Nº 321 - Centro - Tapiraí -SP; Filho de Dorvilho Antonio Faria e Rosalina Maria de Godoy Faria. Esposa - Daniela Custodio Vieira Faria, do lar, domiciliada à Rua Julio Alberto Macieira Nº 321 - Centro - Tapiraí -SP;

JOSÉ ROBERTO PINTO DE MORAES, operador B, domiciliado à Rua Julio Alberto Macieira Nº 355 - Centro - Tapiraí -SP; Filho de Ilza Alves Moraes e Querobim Pinto de Moraes. Neto de Geraldo Alves da Silva e Florinda Maria – Esposa - Shirlene Catia Pereira de Moraes, caixa, domiciliada à Rua Julio Alberto Macieira Nº 355 - Centro - Tapiraí -SP;

203

IRACILDA PIRES DA SILVA , Conselheira Tutelar, domiciliada à Avenida Juvenal Regis Nº 100 - Centro - Tapiraí -SP; Filha de Cecília Pires de Godoy , Neta de Elisa Maria de Jesus .

EZEQUIEL PIRES DE GODOY RODRIGUES, Auxiliar de Manutenção , domiciliado à Avenida Juvenal Regis Nº 100 - Centro - Tapiraí -SP; Filha de Cecília Pires de Godoy ; Neta de Elisa Maria de Jesus

MARCELINO PIRES DE GODOI, vigilante, domiciliado na Estrada Cachoeira Da França Nº65 – Barra Mansa -Juquitiba -SP; Filho de Jamil Pires de Godoy; Neto de Catarina Alves de Godoy Lima – Esposa - Juscelina Guerra Soares De Godoi, oficial de escola, domiciliada na Estrada Cachoeira Da França Nº65 – Barra Mansa -Juquitiba -SP;

ROSEMILDA DE GODOI BENTO, professora, domiciliada à Rua Domingos Da Costa E Silva Nº66 – Centro - Tapirai - SP; Filho de Jamil Pires de Godoy; Neta de Catarina Alves de Godoy Lima. Esposo - Edmar Da Silva Bento, operador de serra, domiciliado à Rua Domingos Da Costa E Silva Nº66 - Centro - Tapirai -SP;

204

SERGIO PIRES DE GODOI, auxiliar de enfermagem, domiciliado na Estrada Sorocamirim Nº204 – Jd. Santa Maria -São Roque –SP; Filho de Jamir Pires de Godoy ; Neto de Catarina Alves de Godoy Lima – Esposa - Margarete Rodrigues De Godoi, auxiliar de enfermagem, domiciliada na Estrada Sorocamirim Nº204 – Jd. Santa Maria -São Roque –SP;

ISABEL PIRES DE GODOI, sondador, domiciliado À Rua Manuel Do Couto Nº13 – Jd. Soares -São Paulo –SP; Filho de Jamir Pires de Godoy ; Neto de Catarina Alves de Godoy Lima

ERIVALDO ANTONIO FARIA, operador de usina, domiciliado na Vila Residencial Alecrim - Cba - Miracatu –SP; Filho de Dorvilio Antonio Faria ; Neto de Ana Alves Faria

LAERCIO DE CAMPOS MORAES, técnico administrativo, domiciliado à Rua Alvaro Nuno Pereira Nº 74 - Jd. Magnólia - Sorocaba -SP; Filho de Laércio Pinto de Moraes; Neto de Paulina Alves Moraes - Esposa - Karina Ferreira Da Silva Moraes, vendedora, domiciliada à Rua Alvaro Nuno Pereira Nº 74 - Jd. Magnólia - Sorocaba -SP;

TALITA DE CAMPOS MORAES, escriturário, domiciliado à Rua José Rolim De Góes Nº 66g - Vila Olinda - Piedade -SP; Filha de Filho de Laércio Pinto de Moraes ; Neto de Paulina Alves Moraes - Esposo - Samuel Antonio Rodrigues, engenheiro, domiciliado à Rua José Rolim De Góes Nº 66g - Vila Olinda - Piedade -SP;

ADNILTON ALVES RODRIGUES, motorista, domiciliado no Bairro Ribeirão Da Anta - Tapiraí -SP; Filho de Aparecida Alves Rodrigues; Neto de Paulina Alves de Moraes

205

LETICIA ELIANA MORAES DE LIMA, estudante, domiciliada à Avenida Jorge Guilherme Senger Nº 418 - Jd. Botucatu -Sorocaba -SP; Filha de Marina Alves de Moraes Paula ; Neta de Paulina Alves de Moraes

SILVIO ROGÉRIO ALVES RODRIGUES, serviços gerais, domiciliado à Rua Antônio José Vieira Nº22 - Jardim Primavera - Tapiraí -SP; Filho de Zélia Alves da Silva Rodrigues e Alvarino Batista Rodrigues; Neto de Geraldo Alves da Silva e Florinda M. Jesus Silva

IVONETE PIRES DA SILVA, autônomo, domiciliado à Avenida Sergino Neves Nº365 - Jardim Nova Conquista - Tapiraí -SP; Filha de Cecília Pires de Godoy; Neta de Eliza Maria de Jesus e João Pires de Godoy

ANGÉLICA AMORIM GODOY, frentista, domiciliado à RUA 21 Nº32 - BAIRRO CIRIACO - PIEDADE -SP; Filha de Ailton Pires de Godoy e Maria do Socorro Amorim; Neta de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy

ELIAS PIRES DE GODOY OLIVEIRA, domiciliado no Bairro Ribeirão Da Anta - Tapiraí -SP; Filho de Valter Pires de Oliveira e Valdirene P. de Godoy; Neto de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy

LUZINETE APARECIDA DOS SANTOS DE ALMEIDA, do lar, domiciliada à Rua Juvenal Régis Nº230 - Centro - Tapiraí -SP; Filha de Júlia Pires dos Santos e Ranolfo Franco dos Santos; Neta de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy - Esposo - Adriano Ferreira De Almeida, técnico em segurança do trabalho, domiciliado à Rua Juvenal Régis Nº230 - Centro - Tapiraí -SP;

206

JESSÉ LUIZ DOS SANTOS, operador I, domiciliado na Vila Residencial Usina Porto Raso - Centro-Tapiraí-SP; Filho de Júlia Pires dos Santos ; Neto de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy - Esposa - Juliana Fernandes Dos Santos, monitora, domiciliada na Vila Residencial Usina Porto Raso - Centro - Tapiraí -SP

JANETE PIRES DE MORAES MARQUES, técnica de enfermagem, domiciliada à Rua Carlito Gomes Nº107 - Piraquara - Paraná -PR; Filha de Juvenária Pires de Moraes ;Neta de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy - Esposo - Ibrahim Marques, operador de edição gráfica, domiciliado à Rua Carlito Gomes Nº107 - Piraquara - Paraná -PR;

AGNALDO ALEXANDRE PIRES DE MORAES, motorista, domiciliado à Avenida Nadia Mincovisk Nº517 - Centro - Tapiraí -SP; Filho de Juvenária Pires de Moraes; Neta de Elisa Maria de Jesus e João Pires de Godoy – Esposa- Ledinéia Pontes Moraes, operadora de caixa, domiciliada à Avenida Nadia Mincovisk Nº517 - Centro - Tapiraí -SP;

ODAIR FRANCISCO CARDOSO, motorista, domiciliado no Bairro Ribeirão Da Anta - Tapiraí -SP; Filho de Iracema Francisco Cardoso ; Neto de Ana Alves Faria

JEDERSON MUNIZ SANCHES JUNIOR, autônomo, domiciliado à Rua Antônio Vitorino Dos Santos Nº 31 - Jardim Primavera - Tapiraí –SP; Filho de Jederson Muniz Sanches e Maria Isabel de Moraes Sanches; Neto de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pindo Moraes

207

OSMIDIR ALVES RODRIGUES, autônomo, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima Nº 825 –Centro -Tapiraí –SP; Filho de Aparecida Alves Rodrigues; Neto de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pindo Moraes

ANDERSON APARECIDO DE MORAES SANTOS, metalúrgico, domiciliado à Rua José Leite De Oliveira Nº 320 –Bairro Butuca -Piedade –SP; Filho de Adelina Alves de Moraes Santos; Neto de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pindo Moraes – Esposa - Bruna Stephane Rodrigues Santos, autônomo, domiciliado à Rua José Leite De Oliveira Nº 320 –Bairro Butuca -Piedade –SP;

GILSON TORRES CLAUDINO JUNIOR, agricultor, domiciliado à Rua José Leite De Oliveira Nº 300 –Bairro Butuca -Piedade –SP; Filho de Adelina Alves de Moraes ; Neto de Neto de Paulina Alves de Moraes e Marcílio Pindo Moraes – Esposa - Denise Maymone De Moraes César Claudino, vendedora, domiciliada à Rua José Leite De Oliveira Nº 300 –Bairro Butuca -Piedade –SP;

HELDER JUNIOR MARTINS FARIA, porteiro, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima Nº 306 - Centro - Tapiraí - SP; Filho de Gumercindo Alves Faria; Neto de Ana Alves faria e Alino Antonio Faria

DENIS JUNIOR DA SILVA FARIA, autônomo, domiciliado noBairro Ribeirão Da Anta - Tapiraí - SP; Filho de Dorival Silva Faria; Neto de Ana Alves Faria

208 EDNA ALVES DE MORAES, balconista, domiciliada à Rua Ambrósio Régis Nº 53 - Jardim Primavera - Tapiraí - SP; Filha de Aparecida Alves da Silva; Neta de Geraldo Alves da Silva

TEREZA FRANCISCO CARDOSO, doméstica, domiciliada à Rua Maximina Leme Nº 20 – Travessa 2 – Colina Santa Monica , Fornazari - Votorantim – SP; Filha de Iracema Faria Cardoso; Neta de Ana Alves Faria

EDNÉIA FRANCISCO CARDOSO, costureira, domiciliada à Rua Maximina Leme Nº 20 – Travessa 2 – Colina Santa Monica , Fornazari - Votorantim – SP; Filha de Iracema Faria Cardoso; Neta de Ana Alves Faria

ELIZEU FRANCISCO CARDOSO, motorista, domiciliado à Rua Maximina Leme Nº 20 – Travessa 2 – Colina Santa Monica , Fornazari - Votorantim – SP; Filho de Filha de Iracema Faria Cardoso; Neta de Ana Alves Faria

DANILO DA SILVA FARIA, auxiliar de serviços gerais, domiciliado à Avenida Coronel Moreira Lima Centro - Tapiraí - SP; Filho de Dorival Silva Faria; Neto de Ana Alves Faria

DAYANE APARECIDA ALVES DA SILVA, estudante, domiciliada à Rua Kazuo Massaoki nº73 - Jardim Primavera - Tapiraí - SP; Filha de Daniel Alves da Silva;

WELLINGTON GOMES DA SILVA, servente de pedreiro, domiciliado à Rua Cristovão Pereira de Abreu nº36- Pq. Laranjeiras - Sorocaba - SP. Filho de Wilson Domingo da Silva

KARINE CINDY GOMES DA SILVA, secretária, domiciliada à Rua Cristovão Pereira de Abreu nº36- Pq. Laranjeiras - Sorocaba - SP; Filho de Wilson Domingo da Silva

209

FRANCIELLE CRISTINA DA SILVA, operadora de caixa, domiciliada à Rua João Guandarà Mendes Filho nº74 - Pq. Laranjeiras - Sorocaba - SP. Filha de Francisco Alves da Silva

FRANCINE BEATRIZ COSTA DA SILVA, estudante, domiciliada à R. João Guandarà Mendes Filho nº74 - Pq. Laranjeiras - Sorocaba - SP. Filha de Francisco Alves da Silva

HELEN ALESSANDRA DA SILVA RAFANELLI FERREIRA, babá, domiciliada à Rua Joaquim César Mafra nº120 - Jd. Nova Conquista - Tapiraí - SP. Filha de Helena Alves da Silva

EMILY AMANDA DA SILVA RAFANELLI FERREIRA, secretária, domicilia à Rua Joaquim César Mafra nº120 - Jd. Nova Conquista - Tapiraí - SP. Filha de Helena Alves da Silva

SUZERLETE APARECIDA FERNANDES, professora, domiciliada à Rua Benedito Vieira Moraes nº57 - Jd. Santa Isabel - Salto de Pirapora - SP. Filha de Joaquim Antonio Fernandes

JOSEANE MARTINS DE SOUZA ALMEIRA, professora, filha de Nair de Faria Moraes e Pedro Laureano de Moraes, neta de Ana Alves de Faria e Alino Antonio Faria. domiciliada à Júlio Alberto Macieira, 488, Tapiraí. - Esposo - Rafael Alessandro de Almeida, assistente administrativo.

Realização



LEGADO
DAS ÁGUAS



Votorantim

www.legadodasaguas.com.br